



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
NUCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A MULHER
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E
FEMINISMO

FABIANA LEONEL DE CASTRO

**NEGRAS JOVENS FEMINISTAS:
SEXUALIDADE, IMAGENS E VIVÊNCIAS**

SALVADOR
2010

FABIANA LEONEL DE CASTRO

NEGRAS JOVENS FEMINISTAS: SEXUALIDADE, IMAGENS E VIVÊNCIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia como um dos requisitos para obtenção do grau de mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo

Orientadora: Prof^a Dr^a Cecília Maria Bacellar Sardenberg

Salvador
2010

Castro, Fabiana Leonel de
C355 Negras jovens feministas: sexualidade, imagens e vivências / Fabiana Leonel de
Castro. – Salvador, 2010.
132 f.: il.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Cecília Maria Bacellar Sardenberg
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas, 2010.

1. Sexualidade. 2. Mulheres. 3. Raça. 4. Geração. I. Sardenberg, Cecília
Maria Bacellar. II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.

CDD – 305.4

TERMO DE APROVAÇÃO

FABIANA LEONEL DE CASTRO

NEGRAS JOVENS FEMINISTAS: VIVÊNCIAS E SEXUALIDADE

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo do Programa de Pós-graduação do PPGNEIM da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia - UFBA

Salvador, 31 de Março de 2011.

Cecília Maria Bacellar Sardenberg (orientadora)
Mestra em Antropologia Social (Boston University, B.U., Estados Unidos- 1981)
Doutora em Antropologia Social (Boston University, B.U., Estados Unidos 1997)

Osmundo de Araújo Pinho (examinador externo)
Mestre em Antropologia (Universidade de Campinas- 1996)
Doutor em Antropologia (Universidade de Campinas- 2003)

Alinne de Lima Bonetti (examinadora interna)
Mestra em Antropologia Social (Universidade Federal de Santa Catarina- 2000)
Doutora em Ciências Sociais (Universidade de Campinas- 2007)

Aos meus amores primeiros: minha mãe,
otimismo; meu pai, emoção à flor da pele; meu
irmão companheiro; minha irmã, alegria, e a
todas as mulheres negras que ousam viver como
feministas negras

AGRADECIMENTOS

Agradeço a dona e os donos da minha cabeça e caminhos, forças que me fizeram permanecer

Tantas foram as forças e as pessoas fundamentais para que esse trabalho fosse realizado que devo com certeza cometer algum falta grave ao agradecer.

Primeiro agradeço à minha família: minha mãe Daguinalda, meu pai Bartolomeu, meu irmão Gustavo e minha irmã Simone que sempre depositaram em mim toda a confiança sem nunca duvidar. Eu sou vocês.

Agradeço a minha orientadora Cecília pela orientação e por ter permanecido comigo em uma explicita posição de solidariedade feminista.

Agradeço ao meu amigo e orientador Alex Ratts sem o qual eu com certeza não teria iniciado, permanecido e concluído esse trabalho. Obrigada pela atenção, carinho e confiança de sempre

Agradeço a Cláudia Pons pelas conversas orientadoras que contribuíram para definir os rumos e caminhos do trabalho.

Agradeço às minhas amigas que ajudaram de muitas maneiras no cumprimento dessa tarefa sem as quais não seria possível: Lorena, Clara e Jack

Agradeço a Leozinho, que além de me oferecer sua casa, lugar mais precioso, se tornou companhia de carinho e alegria em tempos difíceis.

Agradeço aos funcionários da SGC Inês e Jaime que me ajudaram com informações preciosas em meio a burocracia veroz da universidade.

Ao fim desse texto penso que ele é muito mais “nosso” do que meu falo de grupo de mulheres negras, jovens feministas que de formas diferenciadas em espaços e momentos distintos contribuíram de maneira determinante para as idéias desse trabalho. Em especial as interlocutoras desse trabalho, obrigada, por terem aceitado fazer parte dessa empreitada.

Agradeço também a todas as pessoas que me acolheram em Salvador e que permaneceram comigo de Goiânia.

(...)
encarando os gumes constantes da decisão crucial e solitária
para aquelas de nós que não podem se dar ao luxo dos sonhos passageiros da
escolha que amam na soleira vindo e indo
(...)
olhando no íntimo e pra fora simultaneamente antes e depois
buscando um agora que possa procriar futuros
(...)
Pra todas nós este instante e esta glória
Não esperavam que sobrevivêssemos
(...)

(Uma ladainha pela sobrevivência - Audre Lorde
tradução livre Tatiana Nascimento)

RESUMO

Esta dissertação tem como foco de análise o discurso sobre sexualidade de mulheres negras brasileiras, ou seja, como as mulheres negras foram tradicionalmente vistas e descritas pelo imaginário social e por intelectuais explicadores do Brasil, voltando-se, em especial, para o contradiscurso que vem sendo construído nas últimas décadas pelas próprias mulheres negras, dentre as quais se inclui a própria autora. Reconhecendo, pois, desde o início, esse lugar como privilegiado para um “conhecimento situado”, o estudo foi baseado em trabalho de campo, com observação participante, desenvolvido na organização e realização do I Encontro Nacional de Negras Jovens Feministas (I ENNJF) realizado em Salvador, Bahia, em novembro de 2009. Para este Encontro foram aceitas as 120 primeiras inscrições de jovens negras de todo o país, sendo quase todas elas universitárias, ou já portadoras de diploma de terceiro grau. Isso as distingue da grande maioria da juventude feminina negra do país, ainda que fossem elas as primeiras em seus núcleos familiares a atingirem esse grau de escolaridade. Dentre as participantes da Bahia, foram posteriormente entrevistadas nove (09) jovens de dois grupos distintos, que se pronunciaram, entre outras questões, sobre sua militância, sobre o feminismo, sobre seus afetos e o exercício da sexualidade, desconstruindo, com suas falas, a imagem da suposta hipersexualidade da mulher negra produzida por esta sociedade racista e sexista.

ABSTRACT

This dissertation focuses on the analysis of the discourse on the sexuality of Black Brazilian women, that is, how Black Brazilian women have been traditionally seen and described in social imagery and by intellectuals who have tried to explain Brazil. It centers, more specifically, in the counter-discourse being produced in the last decades by Black women themselves, among whom is included the author herself. Recognizing as such, from the very beginning, this privileged positionality to produce a “situated knowledge,” this study was based on fieldwork with participant observation carried out during the organization and realization of the I National Encounter of Black Young Feminists (I ENNJJF), that took place in Salvador, Bahia, in November, 2009. For this Encounter were selected as participants the first 120 registrations from Black young women from all over the country, nearly all of them university students or university graduates. This distinguishes them from the majority of the Black female youths, even if they were the first ones in their families to reach this level of schooling. Nine young women from Bahia, activists in two different groups, were selected for follow up in-depth interviews. They spoke, among other things, about their activism, feminism, and their love relationships and exercise of sexuality, deconstructing, in their testimony, the image of the supposed hiper-sexuality of Black women produced by this racist and sexist society.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 - SEXUALIDADE DE MULHERES NEGRAS.....	24
1.1 - Sexualidades de mulheres negras: construção do objeto.....	25
1.2 - As vias: raça, gênero e geração.....	28
1.2.1 - Raça.....	28
1.2.2 - Gênero.....	29
1.2.3 - Geração.....	31
1.2.4 - Corpo/corporeidade.....	32
1.3 - Interseccionalidade construindo a sexualidade.....	33
1.4 - Sistematização dos estereótipos.....	35
1.5 - Testemunha esclarecida da própria história.....	40
2 - ATIVISMO NEGRO JOVEM FEMINISTA E O DISCURSO SOBRE SEXUALIDADE.....	45
2.1 - I Encontro Nacional De Negras Jovens Feministas	46
2.2 - Perfil das Negras Jovens Feministas no I ENNJF.....	49
2.3 – Observação participante no I ENNJF.....	52
2.4 - Sexualidade e afetividade.....	55
2.5 - Demandas e impasses da interseccionalidade.....	60
3 - O DISCURSO DE NEGRAS JOVENS FEMINISTAS ACERCA DA SEXUALIDADE	62
3.1 - Local da pesquisa.....	63
3.2 - Procedimentos Metodológicos.....	64
3.3 -. Percurso de análise das entrevistas.....	65
3.4 - Apresentação das interlocutoras da pesquisa.....	67
3.4 - Vivências.....	76
3.5. - Imagens de mulheres negras.....	78
3.5.2 - Nas relações sexuais.....	79
3.5.3 - Condição social.....	84
3.5.4 – Geração.....	87
3.6 - Os afetos e o corpo.....	88
3.6.1 - Relacionamentos afetivo-sexuais com uma dimensão política.....	85
3.6.2 - Crítica aos homens negros.....	89
3.6.3 - Comparação com mulheres brancas.....	91
3.6.4 - O corpo.....	92
3.7 - Reconstruindo imagens de mulheres negras.....	93
3.7.1 – Feminismos Negros.....	93
3.7.2 - Auto-estima.....	97
3.7.3 - Bem-estar.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	105

ANEXOS

Anexo 1- Ficha de inscrição do I Encontro Nacional de Negras jovens Feministas

Anexo 2 - Material de divulgação do I Encontro Nacional de Negras Jovens Feministas

Anexo 3 – *Fanzine* Negras Jovens Feministas

Anexo 4 - Roteiro de entrevistas

INTRODUÇÃO

Nosso caminho, o caminho, não é uma trilha escolhida ao acaso. Nosso caminho começa a partir da compreensão coerente. É um caminho que tem por objetivo preservar o conhecimento de quem somos... Se nossa vida tem um objetivo válido, esse objetivo deve ser inseparável do caminho.

Ayi Knei Armah

Acredito que as pesquisas que desenvolvemos falam um pouco de nós, do que acreditamos, sentimos e percebemos em torno de nós e assim se evidencia também o que não acreditamos, não sentimos e não percebemos. Geralmente, aprendemos um pouco mais com os comentários e avaliações que recebemos das pessoas que lêem o trabalho. Esta dissertação investiga e analisa sobre como mulheres negras, jovens e feministas, percebem e (re)formulam o discurso sobre suas sexualidades nas suas vivências afetivas e ativistas. Trata-se de uma dissertação desenvolvida em um programa interdisciplinar com base feminista por uma jovem pesquisadora, negra e feminista. É deste lugar, portanto, que este “conhecimento situado” será enunciado, pois me alinho com a assertiva que para “encontrar uma visão mais ampla é melhor estando em algum lugar em particular”. (Haraway, 1995, p.33).

Penso no tema de sexualidade de jovens negras desde 2005, mas ressalto, não necessariamente nos moldes em que abordo a questão hoje. Ele surgiu na efervescência de algumas experiências pessoais bastante profundas e orientadoras; projetos profissionais, políticos e afetivos. Em especial, formar e alimentar um grupo ativista, CANBENAS- Coletivo de Estudantes Negras/os Beatriz Nascimento, onde nas discussões em reuniões (e também fora delas), as questões relativas aos relacionamentos afetivo-sexuais sempre estavam presentes. Essas questões estavam nas falas das mulheres do grupo, mulheres jovens, tentando olhar suas vidas de uma forma reflexiva, mas nem por isso menos passional.

Paralelo a isso, fazia um trabalho de iniciação científica em um pronto socorro psiquiátrico na cidade de Goiânia, que envolvia um levantamento de dados e o acompanhamento do processo de implantação do quesito raça/cor no sistema de registro da instituição. O Grupo de Mulheres Negras Malunga¹ tinha um trabalho com as

¹ [...] uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que atua no combate ao racismo e sexismo, e busca a promoção da saúde, sob a perspectiva de gênero e raça. O Grupo, criado em 1999, em Goiânia,

“internas”, o que era denominado de “oficinas de auto-estima”, onde aconteciam sessões de maquiagem, conversas e lanches. Eu tive acesso a essas mulheres por essa via e pude fazer observações – às vezes “participantes” - nas oficinas. Nessas oportunidades e em longas conversas com as integrantes do Malunga, especialmente com uma delas, diretora do Pronto Socorro, comecei a perceber que as questões afetivo-sexuais, na maioria das vezes, apareciam como traumas. Eram freqüentes as histórias de violência, perda e abandono.

Comecei a pensar muito nas questões relacionadas às construções de raça e gênero e como elas faziam sentido na vida dessas pessoas, já que tais questões estavam presentes diariamente nessa minha primeira incursão pela pesquisa acadêmica e no ativismo, também inicial. Inquieta com tudo isso, busquei textos de mulheres negras que falassem algo sobre essa minha inquietação, ainda não bem definida. Imaginava que seria nos escritos de mulheres negras que encontraria algo relativo ao tema. No entanto, não encontrei muita coisa específica, tanto na questão da saúde mental quanto das relações afetivo-sexuais, salvo pouquíssimas exceções e, na sua maioria, como citação. A questão era mencionada, por exemplo, no *Livro da Saúde das Mulheres Negras* (WERNECK, 2000). Também encontrei na literatura traduzida, de Alice Walker² (a língua foi uma barreira) alguma correspondência com as minhas inquietações. Ela apresentava situações “montadas” pelo racismo e pelo sexismo, sinalizando que, se eu quisesse pensar sobre esse tema, teria que tomar essas duas estruturas de dominação e seu entrecortar como centrais.

Continuei com a pesquisa no Pronto Socorro Psiquiátrico no segundo e terceiro ano da graduação e nesses dois anos fui maturando a idéia de um trabalho sobre relações afetivo-sexuais. Ainda sem nenhum contato com uma literatura feminista que apontasse para a importância das discussões “do privado” para o político, fiquei em dúvida se poderia desenvolver o tema de pesquisa no final da minha graduação ou se deveria continuar com o tema da iniciação científica. Quais seriam os elementos que justificariam uma pesquisa desse tipo? Seria cientificamente relevante? Alguém gostaria de ler se soubesse do que se tratava? Foram muitas dúvidas, muitas até que decidi que

Goiás, busca a construção da inclusão social da população negra e o fortalecimento das mulheres negras urbanas ou rurais (fonte: blog do grupo)

² Nos livros *Ninguém Segura essa Mulher* (1987), *De Amor e Desespero* (1973) tradução de 1998 e *Vivendo pela Palavra* (1981) tradução de 1988

faria o trabalho. Esse detalhamento cronológico é importante para apresentar a abordagem atual da pesquisa.

No projeto de monografia que desenvolvi, tinha como objetivo estudar o discurso da hipersexualidade³ de mulheres negras, pensado como um fenômeno do racismo⁴ combinado com sexismo⁵. O trabalho era de cunho comparativo, trabalhando com dois grupos de mulheres negras jovens, um ativista do Movimento Negro ou Movimento Feminista, e outro não-ativista, em Goiânia. O grupo ativista foi acionado através dos grupos que essas mulheres faziam parte e, o outro grupo, por meio de um salão de beleza que tinha como foco o público negro em Goiânia.

A Revista *Raça Brasil*, que se denominava como a revista do negro brasileiro, teve um papel importante; por meio dela foi possível abordar o tema da sexualidade com as interlocutoras. A referida revista publicou algumas matérias nos seus exemplares com o assunto, ressaltando principalmente um dos aspectos da sexualidade, as relações sexuais. Os dois grupos com os quais trabalhei tinham acesso à revista e a linguagem da revista era adequada para o que eu pretendia, inclusive no salão havia exemplares. Na ocasião, eu dispunha de três exemplares emblemáticos onde se pretendia discutir o tema, com opiniões de diversas pessoas: artistas, sexólogos e pessoas comuns (assim denominadas pela revista). As questões giravam em torno de se “haveria diferença entre a vivência da sexualidade de pessoas negras e brancas?”, mais precisamente nas práticas sexuais. As opiniões geralmente eram diversas e sempre me chamavam a atenção as explicações de quem considerava que, de fato, pessoas negras eram mais “quentes”. Em um desses números da revista havia uma sexóloga que versava sobre uma determinada retenção de calor que a pele negra possuía pelo teor de melanina e que lhe conferiria um calor maior, apelando para uma explicação de fundo biológico⁶. Outras relatavam casos pessoais que “provavam” a diferença. Enfim, era um

³ Janaína Damasceno (2007) ao discutir o caso emblemático de Saartjie Baartman, descreve: O corpo feminino negro foi pensado como anormal, desviante em relação ao corpo masculino europeu. Nele, se articulavam categorias de raça e sexo que universalizadas acabaram por criar o estereótipo de hipersexualidade da mulher negra que impera até hoje e que foi estendida aos homens negros em geral. Noções de que o tamanho dos órgãos sexuais (veja-se bem: manipulados) e das nádegas hotentotes eram, por fim, naturais a todas as mulheres negras, acabaram por criar o “mito científico” de que este tamanho era diretamente proporcional ao seu apetite sexual, o que fazia das negras mulheres devassas que não tinham domínio sobre o seu corpo, pura natureza.

⁴ [...] uma forma bastante específica de ‘naturalizar’ a vida social [...] explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais” (GUIMARÃES, 2002)

⁵ Que pode ser definido como “uma gama de estereótipos que se materializam por vez em ações estabelecendo valores diferenciados e desiguais de acordo com o sexo (FORMIGA, 2007)

⁶ As revistas Ano 08 n° 75 (julho de 2004) e ano 10 e n°102 (setembro de 2006) são emblemáticas.

tema onde todas/os tinham algo a relatar, o mesmo acontecendo todas as vezes em que falava desse trabalho à alguém.

Uma dessas contribuições significativas recebi em um curso de formação de professores sobre a lei 10639/03⁷. Um homem, depois de me perguntar o que eu estudava, contou-me que tinha um amigo de meia idade (branco), apaixonado por uma jovem (negra) há dois anos. Mas esse amigo era casado e, supostamente, não podia se separar da esposa (branca) para ficar com a jovem negra pois causaria um grande transtorno familiar. Segundo meu interlocutor, quando esse amigo voltava dos encontros com essa mulher se sentia renovado. “Mulher negra é saúde”, concluiu ele. Identifico nessa história resquícios daqueles relatos que diziam que homens brancos precisavam de “cheiro de negra” para se excitarem, como nos apresentou Lélia Gonzalez no texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (1984), no trecho reproduzido abaixo. A questão permanece atual apesar das novas roupagens:

Bastava o nubente cheirar uma roupa de crioula que tivesse sido usada, para “logo apresentar os documentos [...] prática, tão comum nos intramuros da casa grande, da utilização desse santo remédio chamado catinga de crioula” (GONZALEZ, 1984, p.234)

Durante o desenvolvimento da pesquisa na graduação fui amadurecendo minhas reflexões sobre tema da sexualidade/sensualidade da mulher negra pelas leituras e orientações. O mais significativo dessa etapa foi o trabalho de campo, pois, como sinaliza FERREIRA (2009, p.443), o campo se constitui de “frutos de reflexões construídas, ‘agenciadas’, não de forma solitária, mas nos constantes embates”. As respostas no campo não são maniqueístas e não sendo exige-se muito mais de quem se propõe a discuti-las. Abordar a vivência das sexualidades trouxe à tona várias lembranças e relatos da trajetória afetivo-sexual das mulheres que entrevistei. Em suma, o que encontrei no campo foram posicionamentos bastante complexos, como não poderia deixar de ser. De um lado, no grupo que eu denominei de não-ativista, houve concordância e discordâncias da suposta diferença da vivência da sexualidade sempre exemplificada com alguma história pessoal ou de um/a conhecida/o. De outro lado, no grupo ativista, alguns outros pontos surgiram.

⁷ Lei Federal 10.639/03 – que institui a obrigatoriedade do estudo da História da África e da Cultura Afro-Brasileira no ensino básico.

Nas entrevistas com o grupo de jovens ativistas, surgia um discurso ativista identificando essa suposta “característica” como de cunho racista, principalmente, que permeou todas as entrevistas, regadas sempre com relatos de experiências já filtradas pela lente do ativismo. Porém, quando o assunto era seduzir/conquistar/paquerar, o discurso ativista de algumas era mesclado com doses de representações de uma sensualidade “natural” por ser negra. Também identifiquei um ideal de amor romântico no sentido de uma necessidade de se ter um relacionamento, bem como de um “medo” da tal “solidão de mulheres negras” que todas já tinham ouvido falar. Dois trabalhos em especial eram conhecidos: o de Diva Moreira, “O homem negro e a rejeição da mulher negra” (1994), e o de Elza Berquó, “Nupcialidade da população negra no Brasil” (1987).

Ao final da graduação apresentei o trabalho no formato de Projeto de Pesquisa, mas ainda ficou a necessidade de aprofundar a discussão e por isso retomei para o mestrado com um enfoque, perspectiva e objetivos diferenciados.

Nesta dissertação de mestrado, tenho como objetivo maior entender como negras, identificadas como jovens feministas, percebem/(re)formulam (ou não) o discurso sobre suas sexualidades nas suas vivências afetivas e ativistas. Trabalho agora a partir de uma perspectiva feminista mais sedimentada e tomando a questão geracional como um dos elementos centrais para a análise, o que não havia sido contemplado anteriormente. Destaco que a opção por trabalhar com mulheres negras jovens foi dada por terem sido essas próprias mulheres que me apresentaram a questão como “problema” em sua maioria. Parece que nesse momento da vida a vivência da sexualidade mostra-se central na dinâmica de vida dessas mulheres, seja nas escolhas de relacionamentos estáveis ou relacionamentos passageiros. Um exemplo disso são as discussões de direitos reprodutivos que tem esse grupo como público importante. Nesse sentido, essas experiências estão com uma cor muito vibrante nesse momento da vida.

O grupo de negras jovens feministas⁸, interlocutoras deste trabalho, vive em Salvador-Bahia, o que me proporciona um cenário bastante rico em termos de pensar uma sexualidade racializada. Sem dúvida, desenvolver o trabalho em Salvador-Bahia, cidade com maior contingente populacional negro fora da África, e em um programa de pós-graduação em estudos sobre mulheres, gênero e feminismo, marcaram a forma e o

⁸ No segundo capítulo apresentarei detalhadamente a configuração e formação do grupo

conteúdo da pesquisa. Estou certa de que o trabalho é construído no processo, por mais que houvessem hipóteses e orientações acadêmicas, bibliográficas e políticas anteriores. É no fazer que vamos nos deparando com a “cara” da dissertação. Por vezes, ela nos faz exigências inesperadas, por outras, torna algumas investidas desnecessárias.

A partir de entrevistas orientadas por um roteiro, trabalhei com nove jovens negras em Salvador, algumas delas oriundas de outras cidades, mas todas com algum envolvimento com movimentos sociais anti-racistas e anti-sexistas. Desse grupo apenas uma afirmou se identificar como Movimento de Mulheres Negras, em vez de Feminismo Negro. Aliás, essas duas denominações têm gerado alguns debates interessantes, assim as mulheres negras ativistas “optam” por um ou outro “segmento”, cada qual argumentando o motivo da opção. Entre as jovens que entrevistei, há uma grande adesão ao chamado Feminismo Negro, de sorte que, no roteiro⁹ que apresentei às interlocutoras, inclui-se essa questão. Assim, cada uma delas manifestou-se sobre o que entende por “Feminismo Negro”, e essa concepção do termo foi importante para a compreensão de alguns temas levantados pelo grupo. O ativismo aparece como marco importante na vida das jovens que participaram da pesquisa; a partir dele elas criam novo sentido às suas interpretações sobre sexualidade e suas conexões com relacionamentos afetivos, com a violência e até mesmo com o próprio corpo.

Outro ponto importante na apresentação do trabalho é situar-me na pesquisa e descrever meu envolvimento com o grupo e a minha participação na formação da identidade do grupo, negras jovens feministas. Inicialmente, não havia definido que trabalharia com jovens da Articulação de Negras Jovens Feministas¹⁰ articulação essa que eu fazia parte desde sua formação¹¹. No entanto, no decorrer da pesquisa e atenta a tudo que pudesse ter relação com o trabalho, observei que as jovens que eu potencialmente poderia entrevistar estavam se identificando tanto com questões colocadas pelo movimento de juventude, feminista ou de mulheres, e a primeira “filiação” ativista era pelo movimento negro. Ou seja, no meu universo de pesquisa, cidade de Salvador, as jovens se apresentavam em seminários, encontros, seminários e reuniões como Negras Jovens Feministas, apesar de nem todas pertencerem à referida

⁹ O roteiro foi construído tendo em vista as discussões do I Encontro Nacional de Negras Jovens Feministas o qual detalharei no segundo capítulo.

¹⁰ No capítulo 2 detalho um pouco mais sobre a formação do grupo

¹¹ Quando me integrei à articulação mencionada morava na cidade de Goiânia.

articulação. A partir dessas observações, fui construindo o roteiro, delimitando o grupo e definindo os procedimentos metodológicos que deveriam ser seguidos.

No início da pesquisa, eu não tinha uma proximidade com essas jovens, nem com os grupos a que pertenciam. Contudo, com a definição que o I Encontro Nacional de Negras Jovens Feministas seria realizado em Salvador, integrei a comissão local e iniciei uma “convivência” com algumas das futuras interlocutoras da pesquisa. De fato, a participação na organização do Encontro e no próprio Encontro colaboraram para a conformação da pesquisa: foi durante esse Encontro que desenvolvi a primeira parte do trabalho campo..

A PROXIMIDADE COM O GRUPO

Segundo Mariza Corrêa, em entrevista: “As pessoas não podem mais ir inocentes para ao campo, achando que não faz diferença quem eu sou, de onde eu venho, o que eu digo e o que eu penso” (In: ABREU *et al.* 2003, p.110). Desse modo, o trabalho de campo tem sido repensado, na sua concepção tanto como na sua suposta “objetividade”, desde que Bronislaw Malinowski escreveu *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1978) no século passado, considerada uma etnografia exemplar. Nessa mesma linha também Néstor Canclini (2005) faz uma consideração interessante desse processo:

Hoje, sabemos que o que um antropólogo declara ter encontrado em campo está condicionado pelo que se disse ou não se disse previamente sobre este lugar, pelas relações que estabelece com o grupo que estuda e com os diferentes setores do mesmo, ou pelo que quer demonstrar sobre este grupo e sobre si mesmo – à comunidade acadêmica para a qual escreve, pela sua posição (dominante ou pretendente) no campo antropológico, pelo manejo mais ou menos hábil das táticas discursivas com que pode conseguir tudo isto. (CANCLINI, 2005, p.132)

Com essas observações, o referido autor adverte para uma questão importante, especialmente para este trabalho, qual seja, o questionamento do possível comprometimento da pesquisa por uma proximidade do grupo. Na realização de um trabalho científico é exigido de quem se propõe a fazê-lo seriedade e objetividade e esta “orientação” tem um sentido “contudente” neste trabalho. Digo isso porque quando se

salienta tal questão ela está direcionada geralmente para as/os pesquisadoras/es “próximos” dos grupos estudados. Porém, o/a pesquisador/a “externo” ao grupo precisa fazer outro, não menos importante, exercício o de olhar o grupo sem exotizá-lo, familiarizando aspectos que, a princípio, poderiam lhe parecer “estranhos”. Essa é uma crítica recorrente feita pela comunidade acadêmica. Aqui pretendo fazer um exercício duplo que é escrever também para o segmento pesquisado.

Donna Haraway (1995) elabora um texto com uma crítica contundente à objetividade descompromissada tantas vezes exaltada e proclamada como advertência, porém “posicionar-se implica em responsabilidade por nossas práticas capacitadoras” (1995, p.27). A autora argumenta “a favor do conhecimento situado e corporificado e contra várias formas de postulados de conhecimento não localizáveis e, portanto, irresponsáveis” (1995, p.22).

Assim, como muitas outras feministas, quero argumentar a favor de uma doutrina e de uma prática da objetividade que privilegie a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança na transformação dos sistemas de conhecimento e nas maneiras de ver (HARAWAY, 1995, p.24)

Nesse artigo, Haraway sinaliza ainda a importância dos estudos sobre o corpo e seus significados, a maneira que os corpos são concebidos/lidos/interpretados é fundamental para que estes tenham “possibilidade de um futuro”. Porém, ela lembra que os posicionamentos teóricos não são “inocentes” e que essas posições “são preferidas porque parecem prometer explicações mais adequadas, firmes, objetivas, transformadoras do mundo”. Compartilho com ela a ideia de que:

A objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados. A objetividade feminista trata da localização limitada do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto. (HARAWAY, 1995, p.21)

A autora aponta para outro aspecto valioso na perspectiva do desenvolvimento desse trabalho, em relação ao objeto de estudo. Nessa formulação os saberes localizados demandam que “o objeto do conhecimento seja visto como um ator e agente, não como uma tela, ou um terreno, ou um recurso” (p.22) como não estático.

Assim, ao discutir temas relacionados ao seu pertencimento racial e de gênero, Lélia Gonzalez, afirmou: “O risco aqui assumido é o de falar já que temos sido faladas, infantilizadas que neste trabalho assumimos nossa própria fala” (GONZALEZ, 1983, p.224). Esta afirmação da autora faz sentido na medida em que a pesquisadora deste trabalho é negra, jovem e feminista. Entendo que se o lugar de fala fosse outro, também deveria ser explicitado, pois é a partir do “lugar” que se define o viés da pesquisa. Segundo Sandra Harding:

(...) la clase, la raza, la cultura, las presuposiciones en torno al género, las creencias y los comportamientos de la investigadora, o del investigador mismo, devén ser colocados dentro del marco de la pintura que ella o él deseno pintar. (HARDING, 1995, p.25)

Os métodos, as maneiras de apreensão da realidade nos estudos oficiais excluíram as mulheres enquanto sujeitas do conhecimento e sujeitas da história. Isso ocorreu, sobretudo, porque o ponto de vista era masculino. Deste modo, os estudos de/sobre mulheres não são inovadores, o que é inovador e potencialmente revolucionário é a perspectiva da experiência. (HARDING, 1995, p.14 e 25). Esse ponto de vista, lugar privilegiado, para a produção do conhecimento feminista, proposto por Harding (1995), leva em conta a experiência das mulheres ou outros grupos oprimidos em contraposição ao ponto de vista hegemônico costumeiramente “senhor” do conhecimento. No entanto, “[...] qualquer outra possibilidade de ciência politizada – requer, como primeiro passo, a desconstrução dos pressupostos iluministas quanto à relação entre neutralidade, objetividade e conhecimento científico” (SARDENBERG, 2007, p.91). Assim, este trabalho é desenvolvido por um “outro” (nesse caso “outra”) comprometida com o difícil exercício de estranhar o familiar e aproveitá-lo como aliado.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Para melhor apresentar e discutir os resultados do estudo sobre o qual trata esta dissertação organizei-a em três capítulos, além da introdução e considerações finais. No Capítulo 1 – *Sexualidade de Mulheres Negras* – procuro trazer uma breve discussão sobre a gama de imagens e representações que podemos identificar no

imaginário social, especialmente no cenário brasileiro, sobre sexualidade de mulheres negras, com vistas a contextualizar o processo histórico- econômico que alicerçaram a sociedade que hoje vivemos. Várias foram os momentos em que a literatura, a literatura acadêmica, a música e o senso comum rotularam mulheres negras como “quentes” sexualmente. Trago à luz as bibliografias que contribuíram para a desenvolver e pensar o trabalho. Na caracterização do objeto, a parte mais difícil da pesquisa, foi delineada neste capítulo, que tem como objetivo também apresentar as categorias pertinentes à discussão.

No Capítulo 2 – *Ativismo negro jovem feminista e o discurso sobre sexualidade* – apresento a Articulação de Negras Jovens Feministas, grupo do qual algumas das interlocutoras dessa pesquisa fazem parte, através do I ENNJF¹² - Primeiro Encontro de Negras Jovens Feministas, realizado em Salvador em Novembro de 2009. Utilizando as fichas de inscrição, delineei um perfil do grupo e com observação participante no encontro pude dissertar sobre algumas características do grupo e como foi abordado o tema da sexualidade no referido evento.

No Capítulo 3 – *O Discurso de Negras Jovens Feministas acerca da Sexualidade* – descrevo o contexto etnográfico da pesquisa, apresento as interlocutoras. Parto das entrevistas para discutir sobre o tema, usando as representações e imagens contidas nos relatos de suas vivências e experiências, assim elenco e disserto sobre os temas e conceitos que a pesquisa de campo e entrevistas apontou. Por fim, nas considerações finais foi possível contrastar hipóteses iniciais, bibliografias sobre o tema e os discursos das interlocutoras de modo a apontar pontos importantes no desenvolvimento do trabalho

¹² Ao longo do texto utilizarei a sigla I ENNJF quando me referir a este evento.

CAPÍTULO 1

MITO ERÓTICO DA MULHER NEGRA

A gente é história não dá pra dizer que apagou a escravidão e ela deixou de existir na nossa mente nos nossos corações. (Sibadili)

1.1 - SEXUALIDADES DE MULHERES NEGRAS: CONSTRUÇÃO DO OBJETO

Podemos observar que o tema das sexualidades causa alteração dos ânimos em quase todos os lugares onde ele é suscitado, mas muitas vezes ele é circunscrito ao campo das práticas sexuais, porém pensá-la de tal modo restringe a sua dimensão que esta tem na formação das instituições no Ocidente. Michel Foucault (1985) em seu livro *A História da Sexualidade: Vontade de Saber* disserta que existe um regime de “verdade” que envolve a sexualidade formatando os discursos autorizados que são produzidos em torno e para o controle das sexualidades.

A referida obra de Michel Foucault (1985) oferece subsídios para a pensar as sexualidades de mulheres negras no aspecto dos discursos autorizados que o autor aborda. De fato esses construtos sobre a sexualidade – discurso médico, psiquiátrico, biológico e religioso – produzem um efeito de “verdade” que se quer incontestável. Podemos inferir que esses discursos de certa forma estão presentes no constructo de sexualidade “animalesca” das pessoas negras, uma naturalização, que legitimou/justificou estupro. Sobre a sexualidade o autor escreve:

Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é um nome que se deve dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, sendo algumas grandes estratégias de saber o poder. (FOUCAULT, 1985, p.100)

Portanto, Maria Luiza Heilborn (1999) faz uma introdução no livro *Sexualidade: O olhar das Ciências Sociais* onde apresenta a mudança que a categoria sexualidade toma principalmente diante de dois fatos: o desenvolvimento dos métodos contraceptivos, desassociando-a da reprodução, e o advento da Epidemia de HIV/Aids, onde o contexto das práticas sexuais ganham uma maior notoriedade e interesse de pesquisa e assim se consolidando. Outro ponto importante é salientar que sigo aqui uma perspectiva construtivista, seja ela:

[...] o domínio do sexual, do erótico ou das sensações do corpo é puro efeito de construções culturais. Nesse sentido, é necessário identificar as mediações ,os vínculos, que, em cada momento histórico , definem o que seja sexual e de que modo tal significado se articula com as classificações de gênero, com a reprodução e com o sistema de parentesco. Não há, portanto, algo inerente à fisiologia ou à psique humanas que possa ser considerado um substrato universal sobre o qual a cultura opera , privilegiando –se pressuposto da radical arbitrariedade do que venha a ser sexual. (HEILBORN, 1999, p.10)

Nessa mesma perspectiva construtivista, Maria Andréa Loyola (1999), nos atenta para a não fixidez da sexualidade. Ou seja, os “significados” e os “conteúdos a ela atribuídos” alteram-se “não somente ao longo da história, de uma sociedade para a outra e entre os diferentes grupos sociais em uma sociedade, mas também ao logo da vida dos indivíduos”. Então, ela afirma que na pesquisa é necessário considerar “a biografia ou a trajetória sexual dos indivíduos, além dos contextos em que se realizam”. Ainda *Entre as Tramas da Sexualidade Brasileira*, Heilborn, a partir da visão construtivista, sinaliza que como qualquer outra atividade a sexualidade é aprendida e “nesse processo intervêm representações sociais profundamente entranhadas no modo de conceber a sociedade” (HEILBORN, 2006, p.46). Assim sendo:

Essas regras inconscientes funcionam em nossa seleção de par, orientando por quem nos enamoramos. As representações são valores interiorizados pelos sujeitos, sem uma consciência permanente de sua presença, e todas essas dimensões interiorizadas dos sujeitos desempenham um papel relevante na maneira que cada um vive sua biografia sexual, orientada pelos roteiros sexuais. (HEILBORN, 2006, p.48)

A autora sinaliza no seu artigo a dimensão histórica (colonização) na percepção que outros países teriam sobre o Brasil, como um lugar de sexualidade “livre”, idéia que ainda é vendida do Brasil contemporâneo. Porém, não aprofunda na ocorrência de que essa representação de paraíso sexual é pensada principalmente em torno de “pessoas racializadas”, morenas¹³, apenas aponta a questão como é possível observar no trecho abaixo:

A idéia de que uma sensualidade se deve a essas raízes negras é reforçada nesse período e é fortemente expressa no mito da

¹³ Termo geralmente para identificar pessoas negras na tentativa de eufemizar o termo negro/a

sexualidade aberta e desinibida dos brasileiros. Esse mito está presente também na divulgação de um tipo de propaganda do país, na publicidade do turismo, que promove, por exemplo, a imagem da mulata: uma mulher sexualmente muito liberada, “quente” e “fogosá”, o resultado da miscigenação de um homem branco com uma mulher negra. (HEILBORN, 2006, p.49)

Um discurso elaborado de forma a produzir, orientar e controlar as práticas sexuais e também condenar os transgressores. O poder, base desse discurso autorizado, faz com que se atue de forma mais incisiva sobre alguns grupos. Para Carneiro há “um não dito na formulação de Foucault que é a imbricação do dispositivo de sexualidade com o de racialidade” (CARNEIRO, 2005, p.42). Se a sexualidade é construída socialmente (FOUCAULT, 1974) como fruto da sociedade e do tempo histórico, logo, as dimensões raciais e de gênero assumem uma importância fundamental.

Diante do exposto, este trabalho parte desse pressuposto que a sexualidade como qualquer outro fenômeno social possui a marca dessa ou daquela sociedade. Portanto, o fato do Brasil ter sido constituído sobre bases escravistas e patriarcais que continuam reificando imagens e representações nas vivências e discursos de sexualidade de mulheres negras é fator central. Então, racismo e sexismo construíram as sexualidades como já apontado pelo Feminismo Negro (GONZALEZ, 1984; BAIROS, 1995 e CARNEIRO, 2003).

Logo, uma discussão sobre as representações e a geração de uma imagem da sexualidade específica de mulheres negras pode ser pensada. Ainda há uma carência no debate que coloque esse tema como centro da análise numa perspectiva crítica, apesar de, uma certa saturação na exploração do tema na cultura popular e até mesmo na literatura. O discurso que diz que mulheres negras são realmente mais “aptas” às relações sexuais, está descrito em textos de ensaístas largamente usados na academia, como Gilberto Freire, ainda hoje incorporado nas bibliografias obrigatórias de interpretação do Brasil. Também nos meios artísticos, música, literatura e nos meios de comunicação podemos identificá-lo, por exemplo, a *Revista Raça*¹⁴. A problematização desse assunto pretende ser uma possibilidade de desconstrução da lógica perversa auto-explicativa que permeia o senso comum, a academia e os meios de comunicação a esse respeito.

¹⁴ Detalharei um pouco sobre o caso dessa revista posteriormente

As construções sociais em torno do tema tem ênfase nas relações do sistema simbólico, dos discursos autorizados do senso comum, onde a sexualidade de mulheres negras é descrita como uma sexualidade incontável: “é no terreno do senso comum que a hegemonia cultural é produzida” (HALL, 2006, p.323). Presente também no nosso cancionário, principalmente em torno da figura da “mulata” – *da mulata assanhada, que passa com graça, fazendo pirraça, fingindo inocente, tirando o sossego da gente*¹⁵, personificada nas “mulatas globelezas” divulgadas pela Rede Globo durante o Carnaval.

É necessário, pois lançar mão de algumas categorias de análise fundantes para o trabalho sendo elas marcadores sociais tidos como definidores de prestígio e poder social ou a falta desses. Raça, gênero e geração são elementos na base da construção da sexualidade de mulheres negras e são alicerces enviesados pelo estereótipo de uma sociedade escravista e patriarcal. Essa leitura hegemônica dos signos, dos corpos e da cultura ainda persiste em discriminações atuais. Quanto às categorias pertinentes à discussão sexualidades de mulheres negras elenquei algumas categorias centrais para pensar este trabalho são elas: sexualidade, gênero/sexismo, raça/racismo e geração.

1.2- AS VIAS: RAÇA, GÊNERO E GERAÇÃO

1.2.1- Raça

Adotei a categoria raça neste trabalho assim como Antonio Sergio Guimarães a definiu. As representações de raça não têm relação com o biológico, mas antes de tudo são ou constituem uma “classificação social baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, e informada por uma noção específica de natureza, como algo endeterminado. A realidade das raças limita-se, portanto, ao mundo social” (GUIMARÃES, 1999, p.9). Apesar da negação do conceito raça por parte da biologia e genética moderna, a idéia de raça continua a fazer sentido para os atores sociais. No estudo em questão é uns dos conceitos centrais, pois conduz a ação dos indivíduos, sendo muitas vezes responsável pela construção do desejo sexual ou

¹⁵ Da música “Mulata Assanhada” de Ataulfo Alves.

ausência desse. Joan Scott citando Stuart Hall¹⁶ apresenta um trecho onde argumenta que a própria idéia de “negro” é um constructo social. Veja abaixo:

O fato é que *negro* nunca constituiu uma identidade dada. Sempre foi uma identidade instável, psíquica, cultural e politicamente. É, também, uma narrativa, uma história. Algo construído, contado, dito, não simplesmente encontrado. As pessoas hoje falam da sociedade da qual eu venho de maneiras totalmente irreconhecíveis. É claro a Jamaica é uma sociedade negra, eles dizem. Na verdade, é uma sociedade de negros e mestiços que viveram ali por trezentos ou quatrocentos anos sem jamais falarem de si próprios como negros. Negro é uma identidade que precisou ser aprendida e só pode ser aprendida em um determinado momento. Na Jamaica, esse momento foi a década de 70. (apud SCOTT, 1998, p.)

Assim também, entendo a impossibilidade de pensar qualquer processo em uma sociedade marcadamente racializada como a brasileira sem considerar o racismo transversal à classes, gêneros e orientações sexuais; concordo, com Sueli Carneiro no que se segue. Na tentativa de avançar nessa discussão ela argumenta que nas relações se configuram em vantagens e desvantagens raciais e denomina de racialidade essa conjuntura que conforma a produção e a manutenção dos poderes distribuídos nas redes sociais. O trecho abaixo nos ajuda a pensar:

Preliminarmente a racialidade é aqui compreendida como uma noção relacional que corresponde a uma dimensão social, que emerge da interação de grupos racialmente demarcados sob os quais pesam concepções histórica e culturalmente construídas acerca da diversidade humana. Disso decorrem que ser branco e ser negro são considerados polaridades que encerram, respectivamente, valores culturais, privilégios e prejuízos decorrentes do pertencimento a cada um dos pólos das racialidades. (CARNEIRO, 2005, p.34)

1.2.2- Gênero

Do mesmo modo a perspectiva relacional que Mireya Suárez (1992) chama a atenção aponta que “nessa direção, afirma-se que o gênero, como o símbolo lingüístico, não guarda uma relação necessária com a realidade a que se refere”

¹⁶ HALL, Stuart. *Minimas Selves*. In.: *Identity: the Real me*.

(SUÁREZ; 1992 p.16). As construções se dão no âmbito dos símbolos, dos valores das idéias que constituem a realidade.

Não faço aqui uma revisão da literatura de gênero, apenas saliento questões importantes para o desenvolvimento dessa investigação. Joan Scott (1990) aponta que, desde suas primeiras conceituações, gênero foi pensado como relações desiguais construídas a partir de um discurso social que tenta explicar o “lugar da mulher” por viés biologizante. No decorrer do tempo a categoria gênero veio ganhando novas abordagens. Interessa ressaltar que no primeiro momento, gênero foi principalmente uma tentativa de se diferenciar da categoria sexo (relacionada diretamente com o biológico) afirmando que gênero (corresponderia às construções sociais) seria a melhor forma de pensar as diferenças entre homens e mulheres.

Cláudia Lima Costa (1994), no texto *O Leito de Procusto: Gênero, Linguagem e as Teorias Feministas*, discute as faces da categoria gênero e ao final conclui dizendo que “a conversa continua”. Mais de quinze anos depois, penso que a discussão de gênero não está de modo algum terminada, ao contrário, ela apresenta uma grande dinamicidade. Para este trabalho ela é “uma categoria útil”, parafraseando Scott, para pontuarmos o descolamento que tem o discurso sobre a sexualidade de mulheres negras com o “empírico”. A idéia de que mulheres negras são “quentes” não tem relação com uma realidade perceptível. Essa afirmação é constituída antes de tudo em um discurso ideológico, como aponta Rita Segato (1998).

O fundamental, neste enfoque [...], é, como sabemos, seu caráter não essencialista, desnaturalizador, dessubstancializador. Isto quer dizer que o horizonte da natureza não é considerado como determinante (...), mais exatamente, que o que se entende, numa determinada tradição, por homem e mulher, por masculino e feminino, assim como as expectativas de comportamento relativas à orientação sexual, a atitudes eróticas e aos papéis sociais desempenhados não derivam de uma essência biológica, mas da socialização. (SEGATO; 1993, p. 6)

A subalternização do gênero segundo a raça, processo indicado por Sueli Carneiro (2003) vai ao encontro da proposta da pesquisa, pois ajuda a compreender como se processam as diferenciações intra-gênero, inter-gênero, intra-racial e inter-racial. Afirma-se nessa consideração que a "variável" racial produziu gêneros subalternizados, “a rubrica” da questão de gênero não é suficiente para compreender as relações de gênero de mulheres negras, “se esta não levar em conta as especificidades

que definem o ser mulher neste e naquele caso” (2003, p.119). No texto *Sobre a invenção da mulata* Mariza Corrêa (1996) aponta para essa mesma questão a intersecção de gênero e raça, como se verifica a seguir:

[...] como a atenção dada à questão pelos nossos pensadores mais influentes leva a crer, raça é um dos marcadores sociais mais importantes em nossa sociedade, ela, necessariamente, estará presente no campo semântico das definições de gênero”. (CORRÊA; 1996, p. 49)

1.2.3- Geração

Quanto a geração categoria também estruturante ao se pensar em sexualidade, mas não apenas sexualidades como alerta Alda Brito da Mota (1999, 207) “idade/geração são dimensões fundantes de análise da vida social. Expressam relações básicas, por onde se (entre)tecem subjetividades, identidades e se traçam trajetórias”. Nesse sentido, as mulheres negras super erotizadas são marcadamente de uma determinada idade/geração, jovens. E jovem nesse trabalho foi definido pela própria auto-determinação do grupo pesquisado que se orienta por outros grupos de juventude. Para esses grupos, jovens são indivíduos de até 30 anos de idade. Além das demarcações de idade há os debates em torno da categoria alertam que é preciso problematizá-la, pois “gerações figuram, então, uma categoria mais abrangente que as idades” (BRITO DA MOTA, 1999)

A categoria idade/geração, como as outras categorias sociais referidas, também se expressa no marco das relações sociais de poder. É grande sua complexidade analítica: além de referir-se a uma dimensão fundante de relações sociais, em articulação inextrincável a outras categorias de semelhante magnitude, projeta-se, mais que aquelas, em uma outra dimensão (ou abrangência), a temporal, ao mesmo tempo “natural” e social, através da qual faz e refaz seus sentidos.(p. 202)

A geração apresenta nuances que as outras duas categorias centrais não apresentam, pois dentro de um breve espaço o segmento dessa pesquisa, por exemplo, estará em outra faixa etária exigindo-se dos sujeitos outras posturas e respostas diante dos desafios propostos. Assim, “ser jovem ou ser velho é uma “situação” vivida, em parte, homoganeamente e, em parte, diferencialmente segundo o gênero e a classe

social” e acrescentaria ainda raça. Um exemplo, marcante e trágico é o alto índice de mortes por causas externas (assassinatos) de jovens negros que constantemente vem sendo denunciadas principalmente pelos Movimentos Negros, é uma situação que atinge uma geração especificamente.

1.2.4- Corpo/corporeidade

Nas definições de gênero a categoria corpo é um lugar estratégico no debate, pois aparece como marca primeira dessa representação.

Gênero é um campo de diferença estruturada e estruturante, no qual as tonalidades de localização extrema, do corpo intimamente pessoal e individualizado, vibram no mesmo campo com as emissões globais de alta tensão.(HARAWAY, 1995, p.29)

O corpo orientará várias das negações e permissões para pessoas o negras indo contra a idéia que se tem liberdade de ir e vir de todas/os tanto o ir vir espacial, profissional, intelectual e o afetivo-sexual. O corpo negro é “um conjunto de signos” que vão se articular “autônoma ou coletivamente dependendo das circunstâncias de abordagens” (INOCÊNCIO, 2001, p. 192). Apesar da diversidade existente no Brasil as pessoas continuam tendo seus corpos lidos de formas diferentes e desiguais de acordo com a raça, o gênero, a geração e a condição econômica..

O estereótipo que coloca a mulher negra em um lugar em que o corpo se sobrepõe ao intelecto diz para além do que é evidente nesse discurso. Quando a sexualidade dessa sujeita/sujeitada é vista quase que incontrolável, indiretamente está lhe sendo destinado um predicado não-humano, pois na visão ocidental os animais é que têm um sexo instintivo incontrolável. Ou seja, existe uma “animalização” de mulheres negras no âmbito estético/corporal e sexual.

Apesar de ser possível identificar uma exploração da imagem do corpo das mulheres em geral há uma diferença significativa nessa exploração. Enquanto os corpos de mulheres brancas são vistos como objetos, aos de mulheres negras são atribuídos predicados de animais (INOCÊNCIO, 2001). Autoras como Sueli Carneiro (2003) consideram que esse processo sistemático, de reduzir mulheres negras em pessoa-sexo,

durante a história se perpetua, fazendo dessa atribuição algo de as mulheres negras devessem se envaidecer ou se envergonhar.

1.3 - INTERSECCIONALIDADE CONSTRUINDO A SEXUALIDADE

Os processos históricos ocidentais, e aqui particularmente o brasileiro, são o pano de fundo para a discussão em torno das formas de discriminações e preconceitos que moldam a sociedade. O modelo econômico e também social no qual estamos inseridos permite/propicia a incorporação dos estereótipos e precisa deles para se perpetuar. As construções de sexualidades em torno do gênero, da raça e da geração estão inseridas nesse contexto.

A vida social é estruturada em conjuntos de relações que, em interface, ou articuladas dinamicamente, lhe dão sentido (ou ensejam ao analista entrever um sentido...). Os mais determinantes desses sistemas de relações são as classes sociais, os gêneros, as idades/gerações e as raças/etnias. Cada conjunto desses constitui-se, então, numa dimensão básica da vida social, mas nenhum deles, analisado isoladamente, dá conta da sua complexidade. Inclusive porque são aspectos co-extensivos, isto é, “recobrem-se parcialmente uma à outra”. (MOTTA,1999, p.193)

Os debates e as problematizações que os vários movimentos ligados a essas questões trazem e travam nessa estrutura é um jogo de poder e negociações. Verena Stolcke descreve esse contexto:

Essa complexa constelação de elementos econômicos e político-ideológicos é que, na sociedade de classes, embasa as relações de gênero nas diferenças de sexo e a etnicidade na raça. As diferentes experiências que as mulheres têm da opressão, dependendo de sua classe e/ou raça, são manifestações disso. Entretanto, essa “naturalização” não se dá de maneira incontestemente porque a noção do indivíduo autodeterminado é um de seus elementos constitutivos. (STOLCKE; 1991, p.115)

O trecho aponta para a dimensão do emaranhado das relações sociais que não podem ser desconsideradas em qualquer tipo de abordagem. Entendendo que as sexualidades são pensadas/moldadas pelo gênero/sexismo, pela raça/racismo, geração e

ainda pela condição econômica, assim, as formulações sobre as sexualidades são formuladas tendo como fatores os citados acima e o entrecruzamento desses. A perspectiva da interseccionalidade proposta por Kimberlé Crenshaw permite pensar a vivência das sexualidades sendo esse lugar da experiência particular dos sujeitos/sujeitados de cada grupo racial e de gênero.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos de desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p.177)

A encruzilhada das várias categorias nas dinâmicas sociais formam uma complexa rede de desigualdade que se perpetua e se reestrutura para se manter. As categorias citadas muitas vezes foram pensadas isoladamente, porém, o exercício aqui é de pensá-las articuladamente, tentando perceber como essas categorias definidoras, funcionam como reguladoras de vantagens e desvantagens numa sociedade desigual para as pessoas “marcadas” por mais de uma dessas categorias. Os processos são experimentados de forma diferente e desigual. A maneira que mulheres negras vivenciam gênero é particular, igualmente, outros grupos raciais vão vivenciar gênero de maneira diferente. A intersecção das categorias pode proporcionar arranjos que colocarão um grupo em situações de vulnerabilidades e outros não. Kimberlé Crenshaw (2002) propõem um modelo interessante onde essas categorias citadas acima fossem pensadas como “avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos” e as mulheres racializadas estariam nessas encruzilhadas:

As mulheres racializadas freqüentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram. Por conseqüência, estão sujeitas a serem atingidas pelo intenso fluxo do tráfego em todas essas vias. As mulheres racializadas e outros grupos marcados por múltiplas opressões, posicionados nessas intersecções em virtudes de suas identidades específicas, devem negociar o ‘tráfego’ que flui através dos cruzamentos. (...) Por vezes, os danos são causados quando o impacto vindo de uma direção lança vítimas no caminho de outro fluxo contrário; em outras

situações os danos resultam de colisões simultâneas. Esses são os contextos em que os danos interseccionais ocorrem _as desvantagens interagem com vulnerabilidades preexistentes, produzindo uma dimensão diferente do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p.117)

Na perspectiva de que sexualidade também é uma construção social, as várias dimensões dessa sociedade são necessárias para analisá-la, sendo a interseccionalidade, um conceito caro. Mulheres negras muitas vezes tornam-se reprodutoras e produtoras de representações negativas sobre seus próprios corpos. “o corpo negro é um Outro para o *self* do negro, na medida que se constitui como representação alienada de si, reflexo perverso da dominação branca” (PINHO; 2004, p.8). As células contra- hegemônicas sempre existiram. E nesse cenário de hostilidades o segmento mulheres negras se evidencia, assim como venho tratando no texto, estas se forjam enquanto sujeitos políticos. Ou seja, não é possível identificar uma essência de mulheres negras, logo o surgimento dessa diversidade dentro do próprio grupo se deu em contextos de auto-afirmação como sujeitas sociais que anseiam por justiça social e racial.

1.4 - SISTEMATIZAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS

São muitas as imagens e representações que podemos identificar no imaginário social brasileiro, sobre a sexualidade de mulheres negras. Várias foram as vezes em que a literatura, a música e o senso comum rotularam mulheres negras como “quentes” sexualmente em contextos e processos histórico-econômicos, que por vez alicerçaram/contribuíram para sedimentar valores da sociedade que hoje vivemos. É necessário ressaltar que pessoas negras, homens e mulheres, foram submetidas e até ratificaram em algum momento esse constructo. Porém, vou me ater especificamente às mulheres negras que possuem características peculiares nesse jogo, na medida em que, construções de gênero e raciais desenharam desigualdades específicas nesse segmento. No caso dos homens negros, eles supostamente seriam “dotados”, ou seja, possuiriam um pênis maior que a média e paralelo a isso uma “agressividade” no ato sexual. Já a idéia de que as mulheres negras são mais “quentes” e sempre dispostas às relações sexuais, possibilitou que se criasse em torno delas uma “responsabilidade” por qualquer

eventual violência física ou psicológica contra elas, como também por julgamentos moralmente negativos.

Essa suposta característica carrega efeito e causa de interdições e consequentemente justificativas para violências. No período da escravatura mulheres negras foram violentadas sexualmente por senhores e depois violentadas pelas sinhazinhas pela suposta culpa que teriam pela primeira violência. Sônia Giacomini assim descreve:

As mutilações, extirpações, deformações e outras atrocidades praticadas por senhoras no corpo das negras, das quais abundam exemplos na literatura da época, privilegiaram não por acaso, as regiões corporais comumente identificadas a seu poder de sedução: nádegas, dentes, orelhas, faces etc. (GIACOMINI, 1988, p.79)

Sendo assim, abordar o mito erótico da mulher negra no Brasil nos remete para o passado escravista, cruel, mas muitas vezes descrito em tom harmonioso, sobretudo em se tratando de relações sexuais (FREYRE, 1995). Em uma sociedade escravocrata com um sistema onde as/os escravizadas/os tinham expropriados seus corpos, a violência era justificada. Muitas foram as faces da violência: a exploração até a exaustão dos corpos nos trabalhos rurais e urbanos, os castigos, a violência sexual, que interessa na discussão desse trabalho que também foi um tipo da exploração do corpo. E ainda a violência psicológica ou simbólica, se assim posso dizer, que incutiu nos escravizados muitas vezes uma subalternidade que resistiu e resiste às lutas anti-racistas.

Também são comuns em outras culturas as representações de mulheres negras extremamente sexualizadas à beira de um descontrole (STOLKE, 2006). Nessa afirmação está contida uma proeminência do corpo e uma negação do intelecto, afirmação comum durante muito tempo até mesmo na ciência¹⁷. Essa construção de sexualidade foi utilizada na escravidão para legitimar a “exploração masculina branca e o estupro das negras” (hooks, 1995) e:

[...] essas representações incutiram na consciência de todos a idéia de que as negras eram só corpo sem mente. A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas. (hooks, 1995, p.469).

¹⁷ Exemplo disso é o chamado racismo científico que tem como grande expoente o médico Nina Rodrigues.

Essa suposta “disponibilidade” que mulheres negras tinham no período escravista (e ainda teriam na atualidade) é sobre a qual foi construída a fábula das relações harmônicas intra/inter-gênero e intra/inter-raciais no Brasil. A exaltada interpretação da miscigenação que ganha corpo com a obra de Gilberto Freyre é sinônimo dessas relações entre homens brancos hegemônicos com mulheres negras submetidas a uma lógica escravista patriarcal mesmo após a Abolição. Nas teorias racistas científicas¹⁸ o contato sexual entre negras/os e brancas/os era interpretada como uma degeneração e/ou a possibilidade da nação se livrar dos inferiores. Tempos depois esse contato tomou um sentido de explicação para harmonia nas relações raciais no Brasil, na tentativa de tornar a denúncia de racismo falsa tendo como argumento a existência de relações sexuais entre negras/os e brancas/os. Como se as relações raciais no Brasil pudessem ser resolvidas “na cama” e pressupondo ainda que nesse âmbito não houvesse assimetrias e desigualdades. Sueli Carneiro, certa vez, ao proferir uma palestra sobre relações raciais no Brasil, chamou tal idéia de “teoria espermática”¹⁹.

Os relatos sobre a sexualidade de mucamas, mulheres negras, supostamente provocantes, sugerem que estas sexualidades foram vistas no Brasil a partir do “desvio”. Ou seja, eram o oposto à uma “mulher direita”, estavam marcadas pelo “sexo fora do casamento”. Stolke (2006) relata que apesar das diferenças entre a colonização espanhola e portuguesa, havia algumas similaridades em relação às imagens e representações de mulheres negras, como na citação abaixo:

A desdenhada imagem da mulata, síntese da mulher irresistivelmente sedutora e moralmente depravada, eximia homens brancos de qualquer responsabilidade, culpando em vez disso a mulher. O ditado cubano do século XIX “no hay tamarindo dulce ni mulata señorita” (não existe tamarindo doce e nem mulata virgem) é expressão dramática dessa lógica de gênero distorcida. (STOLKE, 2006, p. 38)

Essa paisagem de uma sociedade escravista e pós-escravista com marcas ignoradas como se assim fosse possível superá-las, alimentou o imaginário social no sentido de conformar e sedimentar um mito.

¹⁸ O um dos grandes expoentes do chamado racismo científico é o médico baiano Nina Rodrigues

¹⁹ Comunicação oral na I CIAD_ Conferência de Intelectuais Africanos e da Diáspora, Julho de 2006, Salvador-BA.

Os mitos, numa determinada abordagem antropológica, são narrativas fragmentadas que correspondem a uma interpretação do mundo de um grupo social (etnia, clã, família), a exemplo dos mitos de origem (LÉVI-STRAUSS, 1978). O mito pode se aproximar da história tornando-se um mito historicizado ou uma história mitificada.

Neste sentido, no Brasil, se pode falar em Mito da Democracia Racial, uma narrativa acerca da formação do país que é fragmentada e “acionada” em contextos precisos e que ressalta (ou obscurece) aspectos da nossa formação. Roberto DaMatta (1987, p. 58) o denomina de “fábula das três raças”. Por sua vez, estudiosos/as das relações raciais preferem o termo mito. O referido mito reforça uma visão de relações étnico-raciais harmônicas e deixa de fora outros grupos étnicos e sociais formadores da nação brasileira: ciganos, judeus, sírio-libaneses, etc.

A idéia de que a mulher negra hipersexualizada é um mito, foi tratada por algumas autoras como uma mistificação do real, o que relativizo segundo a concepção acima. Neusa Santos (1983), arrazoando sobre constructos e estereótipos racistas assim narra o que ela considera um mito:

O mito é uma fala, um discurso – verbal ou visual – uma forma de comunicação sobre qualquer objeto: coisa, comunicação ou pessoa. Mas o mito não é uma fala qualquer. É uma fala que objetiva escamotear o real, produzir o ilusório, negar a história, transformá-la em “natureza”. Instrumento formal da ideologia, o mito é um efeito social que pode entender-se como resultante da convergência de determinações econômico-político-ideológicas e psíquicas. Enquanto produto econômico-político- ideológico, o mito é um conjunto de representações que expressa e oculta uma ordem de produção de bens de dominação e doutrinação. (SANTOS, 1983, p.25)

Aprofundando e já discutindo as especificidades do mito racial no Brasil, ela argumenta e caracteriza que elementos são elencados para a pintura desse quadro:

O mito negro configura-se numa das variáveis que produz a singularidade do problema negro. Esta singularidade é tridimensionalmente organizada: 1º- pelos elementos que entram em jogo na composição do mito, 2º- pelo poder que tem esse mito de estruturar um espaço feito de expectativas e exigências, ocupado e vivido pelo negro enquanto objeto da história, 3º- por um certo desafio colocado a esse contingente específico de sujeitos- negros. (SANTOS, 1983, p.26)

O tripé do mito que a autora apresenta é interessante para o debate das sexualidades de mulheres negras. Há uma gama limitada de “características” para a afirmação da hipersexualidade; fundamentalmente é que a “natureza” do corpo se sobrepõe a racionalidade humana _ “elementos que entram em jogo na composição do mito”. Equivocadamente ao responder a essa assertiva não há a possibilidade de ser positivamente valorada “poder que tem esse mito de estruturar um espaço feito de expectativas e exigências”. Quanto aos desafios apresentados a esse segmento poderíamos elencar alguns, porém, o que concerne ao bem-estar parece primordial em um campo hostil e ameaçador _ “por um certo desafio colocado a esse contingente específico de sujeitos negros”

Nas Ciências Sociais Gilberto Freyre é um dos autores que é mencionado imediatamente quando o assunto é implicações do racismo e da democracia racial nas vivências da sexualidade de pessoas negras, especialmente das mulheres. Ele apresenta de maneira especial no Capítulo 4 do seu livro *Casa Grande e Senzala* (1995) e em *Sobrados e Mocambos* (1996) relatos de práticas sexuais e organizações sócio-familiares onde pessoas negras aparecem a partir de uma perspectiva estereotipada mesmo após a Abolição. É possível identificar na obra do referido autor uma “essência” na mulher negra que faz dela uma “provocadora sexual”, especialmente, do homem branco, como bem observa Stolke:

O retrato seminal, feito por Gilberto Freyre, da benevolência patriarcal dos senhores em relação a seus escravos, segundo a qual a exploração sexual das escravas por colonos portugueses evidenciava uma surpreendente ausência de preconceito, que distinguia o Brasil da América espanhola colonial, acabou se mostrando uma falácia. No Brasil de forma semelhante ao que aconteceu na América espanhola, a população em veloz crescimento de mulatos correspondia na sua maioria a filhos de fazendeiros da cana-de-açúcar; estes engravidavam suas escravas domésticas, raramente se mostrando dispostos a legitimá-la pelo casamento. Como apontou Roger Bastide, “raça” implicava “sexo”. Quando a mestiçagem acontece dentro do casamento ela de fato indica ausência de preconceito. Mas do modo como a mestiçagem ocorreu no Brasil, ela transformou toda uma raça em prostitutas. (STOLKE, 2006, p. 20)

1.5 - TESTEMUNHA ESCLARECIDA DA PRÓPRIA HISTÓRIA

Há inúmeras críticas ao trabalho de Freyre²⁰, aqui apresento algumas leituras de sua obra de óticas “localizadas”. Ana Cláudia Pacheco (2008) escreve que muitas das críticas destinada a obra de Freyre são por esta “consolidar uma imagem estereotipada sobre a sensualização e afetividade de negros e índios, especialmente da mulher negra/mestiça como objeto de desejo sexual” (2008, p.59). Outro aspecto não menos importante diz respeito a uma posição supostamente passiva e recíproca aos estupros e às relações-sexuais consensuais ou forçadas entre mulheres negras e os senhores. O que a autora considera como uma anulação ao “papel ativo que esta [mulher negra] tivera nas lutas de resistência contra o escravismo e a dominação patriarcal” (2008, p.59)

Há sempre células contra-hegemônicas pulsando numa estrutura opressora. Não se pode falar de racismo sem se falar nas revoltas negras, nem os estereótipos sexuais de mulheres negras, sem salientar os diversos trabalhos acadêmicos, textos e ações ativistas que questionaram e/ou pontuaram tais constructos. A tentativa era abordar a dimensão do ser “mulher negra” e apontar inclusive para a diversidade do grupo, ou seja, discutir questões relativas às mulheres negras de uma forma mais ampla e indo de encontro com as simplificações racistas e machistas.

Os textos de mulheres negras desempenharam um papel duplo nesse trabalho: o de fonte de dados e teoria²¹ de apoio, pois considero que esses textos podem ser encarados como uma reflexão do que bell hooks (1995) chamou de “testemunha esclarecida da própria história”, já que fazem uma reflexão sobre sua condição no mundo.

Numa perspectiva cronológica, Lélia Gonzalez foi uma das primeiras mulheres negras no Brasil a escrever e teorizar a especificidade de ser mulher negra no

²⁰ Evidentemente há também muitas críticas benevolentes.

²¹ “As pessoas de cor sempre teorizaram - mas de forma bastante diferente do modelo ocidental de lógica abstrata. Inclino-me até a afirmar que o nosso teorizar (e eu uso aqui intencionalmente o verbo em vez do substantivo) aparece freqüentemente em nossas formas narrativas, nas histórias que criamos, em adivinhações e provérbios, nos jogos de linguagem, já que o dinamismo de idéias parece nos agradar mais do que qualquer rigidez. Se não fosse assim, como teríamos conseguido sobreviver com tanta inspiração a ataques aos nossos corpos, nossas instituições sociais, nossos países, nossa humanidade, enfim? E as mulheres, pelo menos as mulheres em torno das quais cresci, sempre refletiram sobre a natureza da vida através de uma linguagem vigorosa, que desmascarava as relações de poder existentes em seus mundos” (CHRISTIAN, 2002. p.86).

Brasil e na América Latina. Também dissertou sobre ser negra no Movimento Feminista e ser mulher no Movimento Negro. No texto *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira* (1983) ela aborda a questão dos estereótipos de gênero e raça que “produzem efeitos violentos sobre a mulher negra em particular”. Assim ela afirma:

Sentimos a necessidade de aprofundar nossa reflexão, ao invés de continuarmos na reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos [...] Os textos só nos falavam da mulher negra numa perspectiva sócio-econômica que elucidava uma série de problemas propostos pelas relações raciais. Mas ficava (e ficará) sempre um resto que desafiava as explicações. (GONZALEZ, 1983, p. 225)

A autora observa, na citação acima, que há uma lacuna na história sobre a figura da mulher negra na sua complexidade nos textos de grandes teóricos sobre a formação do Brasil. Os estudos que abordaram as subjetividades de mulheres negras contribuiriam no sentido de diminuir essa lacuna. Nesse intuito, ela própria discute a figura da mulata. Entendo que o português ao “criar” essa figura “institui a raça negra como objeto” sendo “a mulata e crioula, ou seja, negra nascida no Brasil, não importando as construções baseadas nos diferentes tons de pele” (GONZALEZ, 1983, 228) uma figura emblemática da construção raça-gênero no país.

Contemporânea a Gonzalez, também Beatriz Nascimento escreveu um texto pequeno, porém de profunda reflexão - *A Mulher Negra e o Amor* (2007) - onde disserta sobre subjetividades, relacionamentos afetivos de mulheres negras e argumenta que a escolha do tema se deu através de “histórias de vida e na observação de aspectos da afetividade de mulher frente à complexidade das ligações heterossexuais” (NASCIMENTO, 2007, p.127). Ela avança na discussão ressaltando os estereótipos já tão falados:

Há poucas chances para ela numa sociedade em que atração sexual está impregnada de modelos raciais, sendo ela representante da etnia mais submetida. Sua escolha por parte do homem passa pela crença de que seja mais erótica ou mais ardente sexualmente que as demais, crenças relacionadas à características do seu físico [...] (NASCIMENTO, 2007, p.129)

Depois das duas autoras citadas, outras importantes ativistas feministas escreveram sobre mulheres negras num esforço de alargar os estudos quanto aos

aspectos das múltiplas vivências que formam a vida dessas mulheres e comumente argumentando contra o ranço escravista e o racismo brasileiro. Sueli Carneiro (2004) nota que esse legado do período escravista:

[...] mantém as mulheres negras prisioneiras dos estereótipos construídos no período colonial pelo gênero dominante: historiadores, romancistas, poetas, retrataram, no mais das vezes, as mulheres negras ora como trabalhadoras adequadas a serviços desumanizantes, ora como mulheres lascivas e promíscuas. CARNEIRO, 2004, p.286)

Em 1995 uma publicação sobre ascensão social da população negra de um conhecido ativista negro²² trouxe a tona um debate acerca do racismo e do sexismo recorrente nos discursos e ações. O autor referido alegou que os homens negros quando ascendem socialmente trocam a mulher negra pela branca, assim como se troca um Fusca por um Monza nitidamente fazendo uma analogia simbólica que se estabelece uma hierarquia entre tais. Obviamente ele detalha e argumenta sobre o assunto. Fazendo crítica a esse texto, Carneiro (1995) argumenta no sentido que há uma certa “união” entre homens branco e negros, assim ela afirma: “o único espaço de cumplicidade efetiva existente entre o homem negro e o homem branco: o machismo”, pois os dois “estariam de acordo e seriam cúmplices [...] no direito que ambos se dão de oprimir, discriminar e desumanizar as mulheres, brancas ou negras”

Helena Theodoro Lopes (1999), além de retomar o exposto acima com relação às representações, acrescenta o aspecto da sexualidade de mulheres negras em contextos judaico-cristãos, onde a religião marca corpos com interdições e com símbolos eleitos antagonicamente representando “a pura” e “a pecadora” e como isso influencia as vivências dessas mulheres. Ela acrescenta algumas imagens de mitos africanos onde há uma disputa pela supremacia entre os sexos e uma diversidade maior de representações do feminino, porém também esta não foge de uma lógica essencialista que pensa as mulheres a partir principalmente do viés da reprodução, como podemos ver abaixo:

A sexualidade da mulher negra faz parte da sua essência de princípio feminino, sendo muitos os mitos que representam a função e o papel da mulher vista como útero fecundado, cabaça que contém e é contida,

²² Joel Rufino

responsável pela continuidade da espécie e pela sobrevivência da comunidade. Não há um pecado na sexualidade. (LOPES, 1999, p.7)

Edileuza Penha de Souza (1999), em *Mulher Negra: Sua Sexualidade e Seus Mitos* aborda a questão da sexualidade articulando-a com a questão do bem-estar: “a consciência de um corpo com vontade e desejos e a busca da própria vida, da vida que mulheres e homens vêm buscando, da vida que os negros vêm sonhando”. Ela faz questão de afirmar que não há diferença entre a sexualidade de pessoas negras e outras. E argumenta que:

A sexualidade da mulher, a sexualidade da mulher negra tem que ser a sexualidade do universo, sem mitos, sem culpas, sem medos. O universo branco, vermelho, amarelo, negro pode e deve ser o universo de cada um de nós, onde todos, mulheres, homens, negros e brancos, possamos assumir nossas belezas, nossas fraquezas, nossas fragilidades e, acima de tudo, descobrir nossa competência e nossa plenitude.(SOUZA, 199?, P.22)

Izabel Cruz e Andréia Pinto (2001), no texto *Tópicos sobre Sensualidade, Sexualidade e Emancipação: um Survey sobre as Mulheres Negras*, afirmam que o referido trabalho abordará “três dimensões” entendidas pelas autoras como essenciais “para a saúde/bem-estar da mulher negra: a sensualidade, a sexualidade e a emancipação”. Sobre sexualidade e a conjuntura que ela é desenhada as autoras apontam que:

[...] a sexualidade envolve todas as relações humanas e inclui os aspectos referentes à interação e à comunicação, sendo tanto uma experiência individual, quanto interpessoal (cultural) (CHAUI, 1984; HILL; SMITH, 1985). Se a experiência erótica é vivida em privacidade, a libertação sexual das mulheres, por sua vez, representa uma luta política contra uma cultura patriarcal. Mas, as mulheres negras, além do jugo patriarcal, sofrem o jugo colonial, caracterizado pelo racismo. Assim sendo, as suas experiências eróticas (no âmbito da privacidade) e a sua libertação sexual (no âmbito público) devem dar uma outra “tonalidade” à sua luta política.(CRUZ e PINTO, 2001, p.4)

Os trabalhos de Lopes (1999), Souza (1999), Cruz e Pinto (2001) são exemplos, apesar de aprofundar pouco no tema (são textos curtos), desse exercício reflexivo que tem sido feito para pensar as vivências diversas que mulheres negras possuem. Parte deles tem uma perspectiva que poderíamos identificar como

essencialista em relação ao corpo. Porém, o valor desses textos está na perspectiva questionadora que as autoras se colocam em relação aos conhecimentos produzidos sobre suas experiências de vida enquanto grupo.

Outros dois trabalhos contribuíram sobre maneira para as discussões desta dissertação. São eles: “*Branca para Casar, Mulata para F..., Negra para Trabalhar*”: *Escolhas Afetivas e Significados de Solidão entre Mulheres Negras em Salvador, Bahia* tese de doutorado em Antropologia Social defendida em 2008 de Ana Cláudia Pacheco e *Desejos Polissêmicos: Discurso de Jovens Mulheres Negras*, sobre sexualidade dissertação de mestrado em Psicologia Social defendida em 2008 de Elcimar Dias Pereira. Os dois trabalhos tem similaridades com o tema que me propus a discutir: PACHECO (2008) constroem sua discussão em torno das teorias de intelectuais que registraram e caracterizaram mulheres negras na formação do Brasil, nesse sentido, ela elabora uma crítica contundente as esses intelectuais e trabalha com um vasto material colhido nas entrevistas feitas com mulheres negras ativistas e não-ativistas em Salvador. O trabalho desenvolvido por Pereira também focado (como este) em mulheres jovens falando sobre suas leituras acerca destas caracterizações, igualmente, tem como material de trabalho as falas dessas jovens que foram solicitadas a falar sobre o assunto a partir de um roteiro orientado em um grupo focal. Houve uma recorrência dos temas, que também neste trabalho, apesar da localidade ser outra e jovens de Goiânia não serem necessariamente ativistas. Com isso, podemos inferir que o assunto faz parte de um imaginário coletivo.

CAPITULO 2

ATIVISMO NEGRO JOVEM FEMINISTA E O DISCURSO SOBRE SEXUALIDADE

Sermos mulheres juntas não era o suficiente. Éramos diferentes.
Sermos garotas homo juntas não era suficiente. Éramos diferentes.
Sermos Negras juntas não era suficiente. Éramos diferentes. Sermos
mulheres Negras juntas não era suficiente. Éramos diferentes. Sermos
sapatas Negras juntas não era suficiente. Éramos diferentes...

Levou um tempo para percebermos que nosso lugar era não a
segurança de uma diferença em particular, mas a própria casa da
diferença. (Audre Lorde)

2.1 - I ENCONTRO NACIONAL DE NEGRAS JOVENS FEMINISTAS

Os grupos, articulações, redes e ONGs de mulheres negras nas últimas décadas têm de diversas maneiras enfrentado as múltiplas e diversas facetas violentas que a ordem racial-sexual estabelece na vida das mulheres negras. Desde a mais tenra idade, as mulheres negras têm seu destino marcado pelo racismo sexista que estabelece expectativas e limites sociais em relação a elas. Nesse sentido, as várias reflexões/experiências de mulheres negras documentadas, academicamente ou não, embasam o desenvolvimento desse trabalho, pois concomitantemente são referências bibliográficas e material de pesquisa como já mencionei no primeiro capítulo.

Portanto, essa pesquisa trilha alguns caminhos iniciados por outros trabalhos os quais solidificaram a perspectiva desenvolvida aqui. Em outras palavras pretendo somar às iniciativas de outros textos de mulheres negras que na universidade se comprometem a desenvolver trabalhos tendo como perspectiva suas histórias e experiências de vida e as dos seus grupos. Deste modo, preciso relatar que desde a sua criação em 2005 faço parte da articulação e do grupo de discussão, alguns momentos mais ativa em outros menos. Esse lugar de fala orientou de algum modo a pesquisa e inversamente também a pesquisa alterou o olhar para o grupo e foi nesse aprendizado que o trabalho foi construído.

Observar o pertencimento identitário do grupo através da afiliação a uma articulação que se pretende nacional é interessante para analisar a dimensão da proposta do segmento e para melhor justificar este capítulo. A Articulação Nacional de Negras Jovens Feministas se formou em 2005 no 10º Encontro Feminista Latino- Americano e do Caribe²³ (EFLAC) e esteve mais fortalecida na ocasião da organização do I Encontro de Negras Jovens Feministas que detalharei a seguir. A formação da articulação nasce de um embate político no 10º EFLAC dois fatos em especiais deram condições: as reuniões de jovens feministas descontentes pelo fato do encontro não ter incorporado verdadeiramente a dimensão geracional entre elas jovens negras e o espaço da oficina Diálogo entre Movimentos Feministas e Movimento Negro proposto por duas jovens negras.

Já nos primeiros dias do encontro as jovens negras que estavam participando das reuniões de jovens feministas estavam pautando constantemente que se deveria

²³ Quando me referir a esse encontro utilizarei a sigla 10º EFLAC

levar em conta a questão racial, porém havia um entendimento das jovens feministas brancas que se alcançando conquistas para as jovens no geral as negras estariam contempladas. Caso exemplar se deu na discussão sobre aborto: argumentou-se que, com a garantia da descriminalização do aborto, as jovens negras serão beneficiadas já que são essas às que mais sofrem diante da situação da ilegalidade do aborto. Houve um descontentamento com tal posição. No dia da realização da oficina, a maioria das jovens negras que estavam no encontro participaram e relataram a situação. Isso convergiu no entendimento de que era necessário a criação da articulação que, inclusive, assinou a moção de repúdio ao 10º EFLAC pela ausência da temática geracional junto às jovens feministas, já com o nome de Articulação de Jovens Negras Feministas. Essa situação não aconteceu isoladamente. Textos de Lélia Gonzalez(1988), citados por Luiza Bairros(2000) e Sueli Carneiro (2003), já relatam críticas a alguns feminismos e suas práticas, que pode-se observar na situação ocorrida em 2005.

Em 2008 houve um longo debate no grupo por meio de mensagens eletrônicas, para se mudar para o atual nome de “Articulação Nacional de Negras Jovens Feministas”. O argumento no debate era que feministas e jovens, respectivamente, poderiam e/ou seriam variáveis passageiras e que ser negra era uma constante. Com isso foi acordada a mudança, acreditando-se que seria estabelecida uma nova hierarquia entre as categorias com a disposição do nome. O mecanismo mais utilizado para reunião e discussão é a *internet*, com mensagens eletrônicas e conversas instantâneas. Às vezes as integrantes da articulação se encontraram em seminários²⁴ e conferências pelo Brasil, e sempre que isso acontece não perdem a oportunidade de se reunirem para ponderar os passos a serem dados na articulação.

No que se segue, serão discutidos aspectos do IENNJF²⁵ pertinentes ao tema do trabalho: o perfil das participantes, a partir das fichas de inscrições, as respostas à pergunta relativa a Feminismo Negro; a discussão acerca de “Afetividades e Jovens Negras”; as demandas e impasses das interseccionalidades.

Em relação ao perfil das inscritas e participantes do IENNJF verifiquei que a maioria era de estudantes universitárias, o que demonstra características significativas sobre o grupo. Assim sendo, existe um número significativo de mulheres negras na universidade se propondo a pensar o seu lugar e criando estratégias de superação e

²⁴ Por exemplo, II Conferência Nacional de Políticas para Mulheres, I Fórum de Juventude

²⁵ A descrição do encontro pode ser lida no anexo 3 no fanzine produzido para a ocasião.

ativismo a partir disso. Por outro lado, esse dado demonstra a quase inexistência de mulheres negras jovens não universitárias se identificando como “jovem feminista”. Se a grande maioria das mulheres negras não está nas universidades, logo, o grupo é bastante singular. Muitas dessas jovens são as primeiras de suas famílias a chegarem à universidade, o que nos assinala também as barreiras, principalmente, de raça e classe que elas deslocaram. Podemos aferir que as oportunidades e possibilidades que essas mulheres negras jovens das cidades, especialmente, das capitais experienciam forjaram esse sujeito político. O acesso à literatura de mulheres negras, principalmente, as estadunidenses - mesmo que esse contato não tenha sido direto - é expressivo na identificação do grupo como Negras Jovens Feministas, já que a discussão sobre o conceito de Feminismo Negro tem maior lastro nos Estados Unidos do que no Brasil. Conseqüentemente, os meios acadêmicos e ativistas, sejam eles no Movimento Negro, de Mulheres ou Feminista, possibilitaram a construção desse sujeito político. Um dado importante é que apenas no estado de Pernambuco formou-se um grupo de Negras Jovens Feministas; nos outros estados essa identidade política pulsava dentro dos “grupos mistos”²⁶, assim denominados pelas mesmas.

Por que é importante evidenciar o I ENNJF neste trabalho? Ora, no momento do encontro e durante a sua organização estava presente a maioria das interlocutoras da pesquisa. Sendo assim, o encontro foi um momento ímpar para delinear o perfil do grupo pesquisado. A ocasião foi um marco político para o grupo e se constituiu como um cenário rico para a pesquisa, pois as interlocutoras autodenominadas Negras Jovens Feministas estavam “em ação” discutindo e pontuando os temas que julgavam fundamentais. E mesmo que o tema em si da pesquisa não tenha aparecido nos eixos centrais da programação, ele saltava em algumas discussões, como foi o caso no grupo de trabalho *Corporeidade negra: aborto e saúde* e na mesa de *Afetividades de Jovens Negras* que será trabalhada adiante.

Então, a paisagem do encontro contribuiu para apreender mais sobre esse novo sujeito político, negras jovens feministas, que nasce na sua maioria com experiências de pertencimento a outros grupos ativistas. As interlocutoras dessa pesquisa são a própria experiência da interseccionalidade política, basicamente dos

²⁶ Grupos mistos são aqueles que não são exclusivos de Negras Jovens Feministas (movimento negro, movimentos de mulheres, movimentos feministas, movimentos de juventude, movimentos estudantis e movimentos LGBTTs).

movimentos negros, feministas, LGBTTs, de juventude e estudantil, muitas vezes a combinação de apenas dois ou três destes.

Existem em âmbitos estaduais grupos e articulações de mulheres negras jovens se reunindo e realizando atividades com foco em outras mulheres negras jovens com uma perspectiva auto-declarada feminista e casos de mobilizações com a mesma perspectiva dentro de “grupos mistos”, sejam eles de juventude, feministas ou de movimento negro. Nacionalmente a Articulação de Negras Jovens Feministas se solidificou e esteve mais fortalecida na ocasião da organização do I Encontro de Negras Jovens Feministas. Após o encontro me parece que se voltou ao estágio anterior de trabalhos mais locais.

Durante a organização do evento foi decidido pela comissão organizadora, em reuniões *online*, que as vagas seriam divididas por estados, tendo em vista ter representantes de todos. Sabia-se, porém, que alguns estados tinham um maior nível de articulação, alguns tinham grupos de negras jovens feministas formados e em outros estados as pessoas se mobilizavam dentro de grupos mistos.

Através de articulações, a comissão organizadora, criada para organizar o encontro com representantes de vários estados, conseguiu apoios importantes para a atividade. Esses contatos foram estabelecidos local e nacionalmente e foram no geral bem sucedidos. O encontro recebeu apoio de organismos governamentais: SEPPIR- Secretaria Especial de Políticas Públicas para a Igualdade Racial; SEPRMI- Secretaria de Promoção da Igualdade; CEAfro - Programa de Educação e Profissionalização para Igualdade Racial e de Gênero do CEAO /UFBA; UNEB – Universidade Estadual da Bahia; e de agências de cooperação internacionais UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas; UNIFEM - Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher, Fundação Internom OXFAM, FES - Fundação Friedrich Ebert e de um deputado federal da Bahia ligado à SEPRMI.

2.3 - PERFIL DAS NEGRAS JOVENS FEMINISTAS NO I ENNJF

A comissão organizadora do encontro elaborou uma ficha de inscrição para as participantes que foi disponibilizada em um *blog* criado para oferecer informações da atividade, sendo também enviada por *email* junto à chamada do evento. A ficha pedia

dados pessoais, dentre eles a orientação sexual, como preferia se classificar quanto à raça/cor dentre as alternativas preta, parda, negra e afrodescendente, e ainda informações em relação a pertencimento de grupos. Havia duas questões abertas, uma em relação às expectativas em relação ao encontro, e outra sobre o que consideravam ser o Feminismo Negro Brasileiro. Utilizei essas fichas de inscrições enviadas para delinear o perfil das participantes.

Jovens de dezoito estados das cinco regiões do país se inscreveram para participar do I ENNNJF. O maior número de inscritas foi de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, e evidente, da Bahia, já que Salvador sediaria o evento. A Região Norte teve o menor número de inscritas. Ao total foram 120 inscritas, quantidade limite de inscrições, assim, as que excederam esse número não tiveram informações incorporadas a essa apreciação. Nem todas as inscritas compareceram, pois a vinda de várias dependia de financiamento das passagens, o que não foi possível para todas.

A maioria das participantes cursava o nível superior ou já o haviam concluído. Das 120 inscritas apenas 26 estavam cursando ou tinham concluído o ensino médio. Isso aponta para um perfil mais ou menos delineado de negras jovens feministas: mulheres na sua maioria de 20 a 30 anos, universitárias, que militam principalmente do Movimento Negro. Essas características demarcam uma posição que atribui à universidade uma grande relevância.

No item orientação sexual, podemos observar no quadro abaixo algumas características importantes. As Regiões Sul e Sudeste tiveram, na sua grande maioria de inscritas, jovens heterossexuais com um número bem pequeno de autodeclaradas bissexuais e nenhuma lésbica. Por outro lado, na região Nordeste houve um certo equilíbrio entre as autodeclaradas heterossexuais e o grupo de lésbicas e bissexuais, tendo peso significativo o estado de Pernambuco em que o número de lésbicas e bissexuais superou o número de heterossexuais e a maior parte delas descreveu seu estado civil como solteira.

Quadro 1 – Orientação sexual das participantes do I ENNJF

	Heterossexuais	Lésbicas	Bissexuais	Outro	NR	Total
Centro-oeste	9	3	1	1	-	14
Nordeste	34	17	6	2	-	59
Norte	6	-	-	1 (indefinida)*	-	7
Sudeste	22	-	2	-	2	26
Sul	12	-	-	-	-	12
total	83	20	9	4	2	118

* a jovem classificou sua orientação sexual com esse termo as demais não se classificaram

Fonte: CASTRO, F. L. 2010.

Outro elemento importante incluído na ficha de inscrição foi a possibilidade das jovens optarem pela categoria racial com a qual se identificam, dentro da gama de termos oferecidos pelos órgãos de pesquisas nacionais e a opção “outra” para aquelas que quisessem usar outro termo. A maioria das inscritas optou pelo termo “negra” seguido pelo termo “preta”. Acredito que essa identificação com os termos tem a ver com a politização que o movimento negro se encarregou de fazer em contraposição, por exemplo, ao termo afrodescendente. Ver quadro abaixo:

Quadro 2 – Identificação racial das participantes do I ENNJF

	Pretas	Pardas	Negras	Afrodescendente	Outro	Total
Centro-oeste	3		10	1		14
Nordeste	15	2	34	6	2(1ind./1mest.)	59
Norte	2		5			7
Sudeste	13		11	2		26
Sul	2		10			12
total	35	2	70	9	2	118

Fonte: Dados computados pela autora.

Ainda que na ficha de inscrição houvesse um item a ser preenchido por pessoas com necessidades especiais, existia uma expectativa que houvesse, a exemplo do I Encontro Nacional de Juventude Negra²⁷, a participação de pessoas com necessidades especiais, não houve inscritas.

Como se verá mais adiante, o perfil das participantes do I ENNJF se assemelha ao do grupo pesquisado. Apesar das diferenças e características regionais, as interlocutoras da pesquisa tem um perfil similar, como já mencionei detalharei melhor

²⁷O ENJUNE – Encontro Nacional de Juventude Negra aconteceu de 27 a 29/07 de 2007 em Lauro de Freitas- Bahia.

em subitem posterior, algumas delas estavam na organização e participaram ativamente do Encontro.

2.3 - OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NO ENNJF

Ao tecer considerações sobre “observação participante”, Evans-Prichard (1978), aponta que nesse método o mais importante é deixar se guiar pelos/as sujeitos da pesquisa. Da Matta (1987) ressalta que por mais que se conheça determinado grupo, quando “buscamos usar o óculos da antropologia social” deve se abandonar essa noção de que “todas essas coisas são parte do meu sistema de classificação” logo “a familiaridade implica no conhecimento e na intimidade” (1987, p.154). A observação durante o encontro fez parte desse exercício de sair do grupo para olhar e delinear características. Sendo eu uma das pessoas presentes em 2005 na formação da articulação, estava evidentemente ansiosa para a realização do evento. Com referência a uma orientação antropológica bem conhecida, teria que estranhar o familiar. Entre as fontes utilizadas verifiquei o projeto do evento, entregue aos apoiadores, fichas de inscrição, chamada digital, com descrição e programação do encontro e *fanzine* (impresso) produzido para ser entregue às participantes²⁸.

De tal modo, em Novembro de 2009, um hotel na região mais valorizada de Salvador estava reservado para receber 120 mulheres²⁹, negras jovens feministas, de todas as regiões do país para o encontro com o mesmo nome - (Primeiro Encontro Nacional de Negras Jovens Feministas). A idealização era antiga, de 2005, desde o 10º ENEFLAC, quando pela primeira vez o grupo se reuniu, não exatamente com as mesmas pessoas.

Durante a preparação do I ENNJF, feministas negras “não jovens” dialogando com as jovens sobre o encontro em reuniões de apoio diziam que a estrutura e apoios almejados era um sinal de ganho político grande já que no passado “não era assim”. Porém, as jovens da comissão organizadora sinalizavam que essa estrutura era necessária para que o encontro acontecesse bem e conseguiram financiamentos de organismos internacionais e de governo. Durante a preparação do IENNJF houve

²⁸ A ficha de inscrição, chamada digital e o *fanzine* estão nos anexos

²⁹ Nesse momento já se sabia que não haveria 120 participantes. Como já mencionado não houve financiamento para todas e algumas dependiam disso para estar presentes. A proposta da comissão organizadora era conseguir passagens e hospedagens para todas as participantes.

situações que fizeram pessoas importantes que caminhavam nesse processo desde 2005 se retirarem. O momento mais “emblemático” foi um diálogo em tom pejorativo quanto a pertencimento regional, classificando o nordeste como predisposto a ações mais lentas e descompromissadas, especificamente o estado da Bahia. O diálogo entre duas jovens, uma do Rio de Janeiro e outra de São Paulo gerou um grande mal-estar e discussões e como resolução dessa questão foi proposto um grupo de trabalho no encontro denominado *Regionalidades*.

O encontro foi realizado em três dias e a programação estava estruturada da seguinte forma: no dia 27/11 de manhã começaram a chegar as jovens e o credenciamento iniciou-se a partir das 14:00h³⁰. À noite o auditório do hotel estava lotado com todas as jovens presentes, as representantes das instituições e órgãos que apoiaram o encontro e muitas feministas “não-jovens” que souberam do encontro e compareceram para a abertura. O clima era de muito entusiasmo e tudo era motivo para salvas de palmas. Nesse momento do encontro se formou a mesa de abertura seguida pela mesa institucional e por fim o que foi chamado de “aula inaugural”. Podemos supor que esse título, “aula inaugural”, denota uma marca do perfil das jovens, quase todas estudantes universitárias que organizaram o encontro com alusão à encontros acadêmicos.

Para essa aula inaugural foram convidadas duas renomadas mulheres negras ativistas³¹ que deveriam abordar em suas falas “Feminismo Negro e Movimento de Mulheres Negras no Brasil”. Logo que se iniciou a mesa, a primeira palestrante disse não ser uma feminista negra e sim uma ativista do movimento de mulheres para a surpresa de quase todas. A outra disse que se sentia muito à vontade com o termo feminista negra, o que gerou um debate muito rico em torno do que poderíamos entender/classificar como feminista ou não. Foi uma discussão muito rica que tocou em uma das questões mais polêmicas envolvendo mulheres negras que participam nos movimentos feministas, de mulheres, e no movimento negro. .

³⁰ Nesse intervalo de tempo até a noite houve uma reunião em uma sala do hotel com a chamada comissão organizadora nacional para acertar alguns detalhes. Foi uma reunião confusa, interrompida a todo o momento por jovens que não faziam parte do grupo referido e eram convidadas a se retirarem, enfim, além de olhar o material do encontro (camisetas, crachá, flyer e zine) só foi orientado que cada região precisava indicar alguém para proferir algumas palavras na mesa de abertura.

³¹ Luiza Bairros, que se declarou feminista, e Jurema Werneck, que se identificou como ativista do movimento de mulheres.

No 28/11 pela manhã aconteceu a mesa *Religião e Cultura Afro Brasileira na visão negra jovem feminista* e a mesa *Segurança Pública para as Negras Jovens*. E a tarde *Movimento Feminista Negro, Movimento de Mulheres Negras e Movimento de Lésbicas e Bissexuais Negras, aonde se convergem?*, e a última mesa, *Afetividades e Jovens Negras*.

Foi possível observar que apesar de haver um discurso de protagonismo jovem de algumas participantes, especialmente, da comissão organizadora, durante as mesas esse posicionamento às vezes foi subsumido. Por exemplo, foi definido que em cada mesa haveria uma jovem da articulação e uma feminista não-jovem e no zine, o único material impresso do encontro, há apenas o nome das não-jovens. Por mais que haja uma nota sobre possíveis alterações na programação quando se nomeia uma e não se nomeia outra é estabelecida uma hierarquia de importância. Outro, exemplo, que podemos lançar mão são as desigualdades no tempo de fala de jovens e não-jovens nas mesas. Acredito que o encantamento da maioria das jovens presentes em ouvir mulheres negras admiradas como ativistas de certa forma comprometeu um debate horizontal nas mesas. Durante uma das mesas até houve críticas de uma jovem que também estava na mesa, mas a maioria pareceu reprovar a fala numa postura de que quem teria mais experiência de ativismo de fato poderia falar mais.

O formato do encontro e as características da maioria das jovens participantes deram um tom especial ao evento. De acordo com as respostas nas fichas de inscrições muitas gostariam de se aproximar da discussão do Feminismo Negro e da Articulação e o encontro seria essa oportunidade. A expectativa de “aprender” me parece que foi o que direcionou o encontro. Em número menor havia jovens bastante experientes com a discussão de feminismo, feminismo negro, raça, juventude e orientação sexual e a intersecção destas. Havia uma possibilidade real de trocas de experiências, fossem elas de ativismo dos diversos grupos que as jovens pertenciam, fossem de experiências regionais.

Durante todo o Encontro, era possível sentir tensões quanto à assimetria que se estabeleceu, de forma bem explícita, entre as jovens com mais tempo de ativismo e as menos experientes³². Da mesma forma, como indicado anteriormente, o valor atribuído

³² As jovens menos experientes pouco participaram dos debates e das decisões como a aprovação das propostas dos grupos de trabalho e da Carta das Negras Jovens Feministas

às falas de jovens e não-jovens nas mesas revelava também uma hierarquia geracional entre as participantes. O fato fica mais evidente por se tratar de um evento de jovens em outras atividades geralmente as pessoas jovens são percebidas como uma potencialidade futura e com pouca experiência, mas em uma articulação sobre a base dessa variável soa contraditório. Alinne Bonetti descreve sobre uma situação similar em um outro grupo ativista, bastante pertinente para este debate; segundo ela:

Tal distribuição confere prestígios e privilégios distintos e define quem tem o poder de falar e, mais ainda, de ser escutada. Sendo assim, a própria idéia da horizontalidade passa a ter outra conotação, escondendo em si relações desiguais de poder. (BONETTI,2009, p.112)

Diferentes níveis de conhecimento em relação ao tema feminismo, em especial, estabeleceram essa assimetria. Havia uma identificação muito forte de pertencimento ao grupo “mulheres negras”. Essa identificação com um sentido que carrega em si um ativismo cotidiano, ou seja, uma mulher negra necessariamente enfrenta várias barreiras sociais e esse enfrentamento já seria uma forma de ativismo racial e até mesmo feminista. Não houve no encontro uma discussão sobre o ativismo negro jovem feminista ou Feminismo Negro em si, com exceção da “aula inaugural”. Bom, se o feminismo negro é mais do que o enfrentamento ao sexismo e ao racismo como acredito, mas ele propõe um modelo de organização social que tenha a equidade como fundamento, uma parte das jovens presentes não fizeram essa discussão antes e nem durante o encontro. Durante o encontro, em conversas nos intervalos, surgiram questionamentos sobre quem seria ou não feminista no encontro.

2.4 - SEXUALIDADE E AFETIVIDADE

O problema central deste trabalho volta-se para a investigação e análise de como negras jovens feministas percebem e (re)formulam o discurso sobre suas sexualidades nas suas vivências. É fundamental pontuar que muitas vezes ao perguntarmos a respeito de sexualidade teremos relatos de relacionamentos afetivos/amorosos. O amor romântico, um modelo ocidental, cunhado e consolidado por “contos de fadas” que a maioria de nós já ouviu e de certa forma nos tocou, aparece

nos relatos. Isso não foi diferente com as participantes do encontro, como se constatou nas falas e debates da mesa sobre “Afetividades”.

Na discussão de “Afetividades”, tema que na maioria das vezes tem um elo construído com sexualidades, foi possível identificar como essas mulheres estão percebendo e se posicionando em relação a algumas de suas experiências. Identifiquei que permeia um imaginário de companheirismo baseado no amor romântico e mesclado com um “compromisso afetivo racial”, que homens negros deveriam ter em relação às mulheres negras, contraposto por outro imaginário de companheirismo baseado nas “semelhanças” de experimentações, apresentado principalmente pelas lésbicas que estavam presentes. No próprio projeto do Encontro esta mesa foi descrita da seguinte forma:

A afetividade da mulher negra é um tema tratado anteriormente por diversas mulheres e temos trazido essa importante esfera de nossas vidas para nossa roda de debate no cotidiano. Para a saúde mental, de nossos corpos, o tratar dentro de nossos espaços políticos, a não degradação de nossas relações amorosas. A responsabilidade de homens negros, ativistas que reproduzem nos espaços privados, todas as opressões que são rechaçadas pelos mesmos nos espaços públicos, potencializando os casos de depressão, infelicidade e até mesmo suicídio entre nós mulheres negras. As dificuldades de demonstrações afetivas e a importância dessa esfera emocional/psíquica e psicológica para as nossas vidas, inclusive as ativistas, que acabam sendo bastante acometidas nos processos de solidão espontânea ou não (?). Escolhemos esta solidão? Quais impactos isso tem trazido para as nossas vidas? (Projeto do Encontro)

Esse era o tom da discussão que a comissão organizadora pretendia dar a essa mesa (ou pelo menos parte da comissão). O texto de bell hooks citado abaixo descreve um pouco o que permeou as argumentações para a importância da mesa no Encontro, a partir da preocupação com saúde e o bem estar das ativistas, que não devem se descuidar de si enquanto participam das disputas políticas.

[...] precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar. Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de

sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência. (hooks, 2000, p.464)

A mesa teve três expositoras incumbidas de suscitar pontos relevantes para a discussão. A primeira a falar foi uma “não-jovem”, que iniciou pontuando sobre a afetividade ser algo que nos afeta positiva ou negativamente. Geralmente, pensamos em afetividade como se ela fosse apenas positiva ou como sinônimo de relações amorosas - o que parece ter sido o viés pensado para a mesa com base na definição do projeto. Logo após, ela apresentou a forma em que mulheres negras foram descritas por três homens: Gilberto Freire nas Ciências Sociais, Joel Rufino, um militante do Movimento Negro, e Márcio Renê, jornalista da Revista *Caros Amigos*. Tinha como propósito levantar o problema de como mulheres negras podem vivenciar suas afetividades tendo como cenários de suas vidas esses construtos sobre suas sexualidades³³. A apresentação causou um grande *frisson* na platéia e ela prosseguiu lembrando a pesquisa de Elza Berquó (1987) sobre a pirâmide da solidão onde mulheres negras estariam em desvantagem. E concluiu convidando as jovens a pensarem como esse imaginário racista e sexista compromete a vivência da sexualidade e da afetividade. Nessa fala, verificamos mais uma vez que sexualidade e afetividade nessa pesquisa caminham lado a lado como também foi apresentado pelas interlocutoras.

As outras duas componentes da mesa deram outra coloração à discussão, sendo falas mais experienciais. Antes de expor as questões trazidas pelas duas jovens, vale ressaltar que esta era a quarta mesa realizada e que já havia rumores nos intervalos que o encontro era de lésbicas. Talvez a maior participação nos debates e trazendo sempre a questão da orientação sexual tenha feito “mais barulho”, pois em números havia mais jovens heterossexuais do que lésbicas. Nessa mesa, a polarização “lésbicas versus heterossexuais” foi exposta. A jovem que iria para essa mesa inicialmente não pôde participar. Tendo em vista já esse “mal-estar”, foi decidido que no lugar de uma,

³³ Detalhando um pouco: Gilberto Freire tem em sua obra a idéia explícita de mulheres negras escravizadas sedutoras de seus senhores, o que legitimava qualquer violência sexual que cometessem e que nasce daí a preferência nacional pelas mulatas. Joel Rufino publicou em seu livro “Atrás do Muro da Noite” celebre comparação entre mulher e carro e aprofunda que se um homem negro ascende socialmente muda de carro e também de mulher, troca uma negra por uma branca e relata que a última é mais “gostosa” e mais bonita que a primeira, alegando que isso é o que os homens negros pensam. O jornalista Márcio Renê descreve uma transa com uma negra evidenciando todo seu estranhamento e comparando-a como um tipo de zoofilia elevada.

iriam duas jovens, uma lésbica e uma heterossexual, para exporem sobre o tema da mesa. Foi uma tentativa de contemplar as duas orientações sexuais da maioria das jovens presentes no Encontro.

A primeira jovem a falar chamou a atenção para o fato de que o Feminismo Negro pode ser usado como ponte para refazer os laços de afetividades entre as mulheres negras, e que isso pode ser o diferencial, até mesmo revolucionário inovador. E que só faz sentindo pensar afetividade e jovens negras, se for em relação ao próprio grupo e não aos outros (homens). Nesse sentido, bell hooks salienta que “para reagir à fixação da retórica da vitimização, as pessoas negras tem que se engajar num discurso de auto-determinação” (hooks, 2010). Apesar desse texto discutir a relação entre brancos e negros, podemos alargar para o que a jovem chama a atenção entre homens e mulheres O viés proposto é que se parta das próprias mulheres negras para mulheres negras e depois para o “restante do mundo” enfatizou ela. O vetor principal não pode ser convencer o outro (homem) a olhar mulheres negras de outra forma. E advertiu ainda que autonomia é também não depender tanto do outro para ser feliz. Essa fala faz eco ao mesmo texto de hooks citado acima:

Todos os grupos marginalizados nesta sociedade que sofrem graves injustiças, que são vitimizados por sistemas institucionalizados de dominação (raça, classe, gênero etc), estão face ao dilema peculiar de desenvolver estratégias que chamem a atenção para sua luta de uma forma que mereça respeito e consideração sem reinscrever um paradigma de vitimização (hooks. p.7/ tradução livre)

Essa fala foi da jovem autodeclarada lésbica, que fez questão de assim se apresentar. A marca principal da fala foi ter como foco central da afetividade do próprio grupo, com um tom de provocação às que desejam um comprometimento dos homens, em especial, os homens negros. Ela afirmou que as lésbicas “vivenciam um passo a mais” “na tentativa de refazer as pontes”, já vivem a “insistência no afeto, a insistência em não ofender uma igual a você”, e na relação com os homens isso seria bem mais difícil de construir.

A segunda jovem a falar já iniciou sua fala também ressaltando sobre sua orientação sexual, dizendo que até há algum tempo ela não declarava que era heterossexual, já que isso era a “norma” ou hegemônica. Depois de participar de atividades com o movimento LGBTT, ela percebeu que precisava pensar sobre a

questão. Outro ponto apontado pela palestrante foi em relação ao corpo de mulheres negras visto como público, “a mulata, a gostosa”, e nunca como pensante, ou seja, houve conexão com as descrições usadas pela primeira expositora. Ela continuou salientando que mulheres negras também utilizaram seu corpo como resistência, cita exemplo de uma prostituta que criou 3 (três) filhos “usando” o corpo como sobrevivência. E que os corpos “fortes e até mesmo gordos” são vistos como sinônimos de insensibilidade e se reflete nas relações afetivas.

As relações entre mulheres e homens negros é conflituosa, segundo ela, pois cada um deles foi ensinados a amar homens e mulheres brancos, então, se estabelece um jogo de poder, já que essa é a arena que homens negros poderiam exercer sua masculinidade. E, por fim, a palestrante explicitou haver um desconforto em relação ao discurso “evolucionista” de algumas lésbicas, que entenderiam que mulheres heterossexuais deveriam evoluir para lésbicas. Tal argumento só seria mais um elemento divisor, portanto é necessário cuidado ao tratar a questão.

No debate se acirrou a polarização entre lésbicas, com um discurso de afetividade entre mulheres, e de heterossexuais tentando pensar em como seria possível contar com os homens negros próximos (pais, irmãos, namorados, maridos) nas relações afetivas. Outro ponto importante que foi lembrado, tanto nas falas das componentes da mesa quanto no debate, diz respeito à faixa etária e geração. Em muitas falas se apontou que haveria uma quase incompatibilidade do conceito de juventude com a realidade de mulheres negras, vez que muitas vezes vivem processos de “envelhecimento” com tomadas de decisões, trabalho e experiências violentas ocasionadas principalmente pela pobreza e racismo. Sendo assim, ficou sinalizado que entre as variáveis que definiam as participantes do encontro a geração era a mais frágil.

Durante o I ENNJF realizei algumas entrevistas para esta pesquisa, mas não fui “bem sucedida” no diálogo. As perguntas foram “diretas” sobre estereótipos sexuais, experiências e percepções, mas isso não parecia processado pelas interlocutoras nos termos que utilizei. Então, o debate gerado por essa mesa foi fundamental, tanto para reformular o roteiro como para delinear pontos da pesquisa. Alguns pontos posteriormente surgiram igualmente nas entrevistas de pesquisa como, por exemplo: o discurso da sexualidade imbricado com relacionamentos afetivo-sexuais; a liquidez da categoria jovens; a experiência do ativismo como um divisor de águas na auto-estima,

estereótipos sobre os corpos aos quais são atribuídas características rudes e tratados com certa insensibilidade³⁴.

2.5 - DEMANDAS E IMPASSES DA INTERSECCIONALIDADE

No IENNJF havia uma tentativa de se praticar o difícil exercício de interseccionalidades. Os conflitos fazem parte dessa construção no trecho abaixo, Werneck auxilia a pensarmos que as variáveis e o tempo-lugar determinarão certas posições políticas, nesse caso acredito que principalmente orientarão como vão direcionar suas vidas no âmbito profissional, acadêmico, afetivo-amoroso e ativista.

Através da perspectiva da interseccionalidade é possível analisar e compreender como os diferentes elementos presentes em um determinado contexto, em uma determinada época podem atuar na produção de fatos, escolhas político-ideológicas, iniciativas de políticas públicas e mesmo desenvolvimento e aplicação de novidades (Werneck, 2005, p.6)

Questões relativas à geração, à sexualidade, aos direitos reprodutivos emergiram nas discussões de forma às vezes controversa, porém, existe uma tentativa real de aparar as arestas, como aconteceu no I ENNJF. Interessa nesse trabalho uma discussão concernente às demandas de negras jovens feministas, de forma especial, tentar identificar as continuidades e descontinuidades das organizações de mulheres negras de outras gerações. Nesse sentido, as influências dos movimentos negros, feministas, de juventude e LGBT são fundamentais na a conformação do grupo e de suas estratégias de enfrentamento às demandas ativistas colocadas ao grupo. Desse modo, a interseccionalidade é umas das bases ela como estratégia não estanque ajuda a apreender as especificidades.

Outro ponto importante é o cenário nacional e internacional de financiamentos e Políticas Públicas para mulheres, LGBTT e juventude; toda essa conformação ajuda na coalizão desse grupo. Muitas das jovens estão, estiveram ou tem pretensão de desenvolver projetos e atividades com governos em âmbitos municipal,

³⁴ Detalharei sobre o assunto no próximo capítulo.

estadual e federal ou com organismos internacionais, ou seja, é um ativismo “atenado” com as instituições. Evidente que algumas preferem permanecer nos movimentos sociais percebidos como mais autônomos. A Carta Nacional de Princípios das Negras Jovens Feministas, apresentada, na plenária final do evento aponta para várias dessas “intenções” da articulação que procurará vias para garantir os direitos humanos, em especial, das mulheres, o reconhecimento da ancestralidade como forma de empoderamento passando a ocupar espaços institucionais.

Esse capítulo introduz, de certa maneira, o Capítulo 3, pois apresentei em linhas gerais o perfil de Negras Jovens Feministas participantes do I ENNJF no qual estavam presentes cinco das nove interlocutoras desta pesquisa foi feito assim um preâmbulo do discurso dessas jovens que aprofundarei a partir das entrevistas concedidas.

CAPITULO 3

O DISCURSO DE NEGRAS JOVENS FEMINISTAS ACERCA DA SEXUALIDADE E DESDOBRAMENTOS

Na hora do ato sexual ela [mulher negra] não pode se cansar, porque senão ela tá traindo (Gerba)

3.1 - LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em Salvador, uma cidade de maioria negra, com uma população de 2.443.107, dessa 1.427.305, de mulheres e 1.249.301 de homens. Também seegundo o Censo de 2010, a população jovem do país nunca foi tão grande, especialmente de mulheres³⁵. Em Salvador na faixa etária de 20 a 29 anos, idade das interlocutoras, estas mulheres representam 9,98% da população. Este cenário é o pano de fundo no qual abordarei as construções acerca das sexualidades das mulheres negras e especialmente do segmento estudado neste trabalho.

Sendo uma cidade negra e com diversas manifestações culturais e forte presença dos Movimentos Negros e de Feministas Negras em instituições importantes são recorrentes eventos, atividades, projetos e ações voltados para mulheres negras; no passado, Salvador ficou conhecida como uma “cidade das mulheres”³⁶. Não há uma invisibilidade das mulheres negras, do ponto de vista, da presença física, mas em posições de prestígio social elas raramente estão representadas. Essa presença do corpo negro das mulheres em Salvador não alterou a lógica racista e sexista que impera na cidade como no resto do Brasil. As imagens da “mulata exportação” e da “baiana de acarajé” parecem ser as imagens mais exploradas como baianidade de mulheres negras.

Houve uma experiência política emblemática a ser lembrada nesse contexto. Em 2008, o governo do Estado da Bahia criou uma Secretaria de Promoção da Igualdade onde se conjugava política de igualdade racial e política para mulheres, contrapondo-se ao que a maioria dos movimentos negros e feministas desejavam o órgão passou a funcionar³⁷. Entretanto, esse modelo possibilitou uma gestão de mulheres negras, não sem contestação de movimentos negros e feministas. Três cartas abertas foram publicadas no momento da indicação da gestora³⁸, uma ativista, até então reconhecida por ambos os movimentos. Tal fato parece demonstrar entraves muito “consistentes” quando mulheres negras entram na seara da disputa política de poder.

³⁵ Tendo como contraponto o alto índice de mortes, por causas externas, que atingem principalmente jovens negros acentuando de forma significativa uma baixa demográfica do grupo.

³⁶ *A Cidade das Mulheres* é o título do livro de Ruth Landes (1947).

³⁷ A principal crítica dos grupos de movimentos sociais era que o ideal seriam duas Secretárias uma para as demandas das mulheres e outra para as demandas raciais

³⁸ Até então a secretaria estava como um deputado negro.

3.2 - PROCEDIMENTOS MÉTODOLÓGICOS

A formulação dos procedimentos metodológicos implica em uma filiação teórica que evidencia a posição política diante do tema. Como assinalo na introdução desta dissertação, sou adepta de uma teoria feminista marcadamente racializada, que reconhece as múltiplas experiências das mulheres, inclusive entre as próprias mulheres negras. Assim como Márcia Macedo, entendo que:

Enquanto uma perspectiva crítica, o feminismo traz questionamentos para a ciência acerca da impossibilidade de uma produção de conhecimento livre da influência das referências culturais do universo do/a pesquisador/a, colocando em xeque os, até então, “valorosos” pressupostos de objetividade, neutralidade, transparência, verdade e universalidade que asseguraram o rótulo de “científico” aos conhecimentos produzidos sob esses referenciais. (MACÊDO, 2007, p.58)

Além disso, é fundamental reafirmar o caráter diverso e não-essencialista que esse trabalho adota para o sujeito “Negras Jovens Feministas”. Apesar de podermos sugerir algumas conexões e similaridades entre as interlocutoras, isso não significa de modo algum uma cristalização de identidade. O grupo vive em Salvador o que possibilita eventualmente vivenciar algumas peculiaridades da cidade em comum. Os círculos ativistas que geralmente frequentam lugares de entretenimento, característicos, afunilam ainda mais essa possibilidade. De alguma maneira isso orientou as indicações³⁹ que recebi das interlocutoras. Ou seja, cada indicação que recebi estava circunscrita a um determinado grupo e a afinidades políticas entre elas.

Dentre os grupos ativistas que tem suas movimentações ativistas com base nas questões raciais e de gênero em Salvador, optei por dois que nos últimos anos possuem uma “regularidade” de ações e eventos de intervenção política de cunho racial e de gênero simultaneamente. Quais sejam, CEAFFRO⁴⁰ - Programa de Educação e Profissionalização para Igualdade Racial e de Gênero do CEAO /UFBA e o Fórum de

³⁹ Detalharei o método posteriormente.

⁴⁰ O CEAFFRO é o programa de educação e profissionalização para igualdade racial e de gênero do CEAO – Centro de Estudos Afro-Orientais, Unidade de Extensão da UFBA – Universidade Federal da Bahia, em desenvolvimento desde 1995. Quando iniciamos, o nosso principal compromisso foi estabelecer um diálogo entre a Universidade Federal da Bahia, a Escola Pública e as Organizações do Movimento Negro da Bahia. (disponível em <http://www.ceafro.ufba.br>, acessado em 10/06/2011)

Juventude Negra⁴¹. As primeiras entrevistas foram realizadas com pessoas desses grupos, uma jovem de cada um dos grupos, com destaque na temática de gênero e raça. Os grupos citados não têm como exclusivos no seu corpo mulheres negras jovens auto-afirmadas feministas, porém, agregavam jovens que faziam esses debates e com certo grau de visibilidade⁴², dentro no meio ativista de mulheres negras em Salvador. Dessa forma, iniciei as entrevistas por duas frentes e a cada entrevista terminada solicitava que fosse indicada outra, negra jovem feminista, até atingir o número de dez entrevistas. Além dessas dez entrevistas ainda realizaria mais duas com as jovens que foram eleitas como representantes da Bahia na comissão criada ao fim do I ENNJF⁴³..

3.3 - PERCURSO DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Utilizei um roteiro orientador para as entrevistas com todas as interlocutoras por meio deste, procurei também traçar o perfil de cada uma. O roteiro buscava delinear: dados pessoais, informações como iniciaram seus ativismos, vivência da sexualidade através de relacionamentos afetivo-sexuais, percepção do corpo como importante no cenário dessas vivências e, por fim, se percebiam os discursos sobre sexualidades ou não nas suas experiências/vivências.

No que diz respeito à idade, escolaridade, local de moradia, condição de moradia, orientação sexual e sua auto-classificação racial foi possível afirmar que se ratifica o perfil observado nas participantes do I ENNJF. Todas têm nível superior, são graduandas ou graduadas, não têm filhas/os e residem ou são de origem de bairros populares em Salvador, sendo duas provenientes de Feira de Santana, cidade próxima à

⁴¹ O Fórum Nacional de Juventude Negra - FONAJUNE consiste num espaço de articulação, diálogos, interação e aglutinação de grupos, movimentos, organizações, articulações de juventude negra e demais jovens negros(as) interessados(as) na organização e articulação nacional desta juventude, com perspectivas de ação e intervenção social.

⁴² A primeira entrevistada do grupo iniciado pelo Fórum de Juventude Negra na ocasião era a coordenadora nacional, vale ressaltar que o espaço do Fórum é marcado por disputas entre homens e mulheres. A primeira entrevistada do grupo iniciado pelo CEAFRO na época da entrevista trabalhava como estagiária na instituição.

⁴³ Ao final só foi possível realizar nove entrevistas: na quarta indicação de um dos grupos a pessoa indicada marcou a entrevista algumas vezes e não compareceu. Tentei um novo nome por parte da pessoa que havia indicado-a e esta insistiu no mesmo nome o que inviabilizou a continuidade através desse grupo. Em face da agenda de trabalho de uma das representantes da Bahia na Articulação, também não foi possível realizar a entrevista com ela

Salvador e uma de Simões Filho, região metropolitana. Esse perfil destoa da maioria das mulheres negras ainda sem acesso ao curso superior, apesar de esse índice estar crescendo nos últimos anos. Quanto aos dados relativos às profissões dos pais observei que geralmente são trabalhadores autônomos ou aposentados, na maioria quase absoluta, essas jovens são as primeiras da família a chegarem à universidade.

As questões referentes à trajetória de ativismo tiveram o objetivo de apreender o que elas percebiam deste processo: a quanto tempo estavam envolvidas, se pertenciam a algum grupo e qual natureza do grupo. Nesse bloco de questões as interlocutoras explicitaram o que entendiam por Feminismos Negros⁴⁴ expondo um leque de questões que demarcaram uma compreensão diversa do referido conceito possibilitando a inferência que devemos/podemos denominá-lo no plural, feminismos negros. O grau de aprofundamento das interlocutoras em relação ao assunto foi distinto explicitando que apesar de características comuns, essas peculiares não são suficientes para definirem as interpretações acerca das vivências das sexualidades. Já com esse material em mãos tive que observar a orientação proposta por Malinowski (1954), ou seja, estabelecer uma ordem de importância. Assim descreve:

Há uma forma de interpretação dos fatos sem a qual não se pode desenvolver nenhuma observação científica _ refiro-me à interpretação que descobre as leis gerais na infinita diversidade dos fatos; que distingue o do irrelevante, que classifica e ordena os fenômenos, relacionando-os mutuamente. Sem tais interpretações, todo trabalho científico de campo degenera em um simples colecionamento de dados e, quando muito, consegue uma miscelânea de fatos sem qualquer conexão profunda, que nunca poderá revelar a estrutura sociológica [...] (Malinowski, 1954, p.143)

Das entrevistas tive que optar pelos temas recorrentes, pois a diversidade e os desdobramentos das das questões apresentadas só será possível explorar em um outro trabalho tamanha foi a riqueza das entrevistas.

⁴⁴ Trabalharei mais detalhadamente posteriormente.

3.4 - APRESENTAÇÃO DAS INTERLOCUTORAS DA PESQUISA

Para apresentar as interlocutoras utilizarei as falas delas, colhidas, nas entrevistas. Sendo, a experiência do ativismo considerada um divisor de águas para essas jovens no que tange as suas percepções, interpretações de mundo e de suas próprias realidades, tendo como exemplos suas próprias experiências iniciarei com esses fragmentos.

Etana/ Forte

Auto-declarada preta/ negra, relata que *“O interesse pelo ativismo começou em 2003, foi quando eu vivi uma situação constrangedora, aí eu comecei a me preocupar, eu queria ter mais condições teóricas, políticas para responder quando a discriminação me chegasse. Passei a freqüentar a Stive Biko e vui levando adiante. [relato da situação] Não sei dizer se foi racismo, foi machismo, sexismo, adultocentrismo [ou] tudo misturado [...] estava no Curuzu com um ator, no ensaio do Ilê, daí uma mulher disse que ele não poderia andar comigo, que eu era uma ladra, que olhasse a minha roupa, o meu comportamento, que eu não tinha dinheiro nem para pagar uma cerveja e tal, que eu era só gostosa e não era nada. Enquanto elas eram médica, professora, como [ele] estava andando comigo se eu não tinha nenhuma profissão de destaque. Aí pronto, ele falou que eu deveria estudar que não era ele a pessoa que iria me defender e que de fato eu era gostosa mesmo Eu fiquei ofendida com toda essa situação, me escrevi no pré-vestibular da Biko e daí então a minha militância é desde 2003”*.

Gerba/ Encantadora de serpentes

Classifica-se quanto à raça/cor como negra/preta e diz *“Eu comecei com o ativismo quando entrei na universidade [foi quando] conheci o movimento negro e aí queria entrar na militância de mulheres negras. Eu entrei, me despertou a vontade quando eu vi as outras pessoas [...] me despertou também. Assim que eu entrei [na universidade] bem no “iníciozinho” no mesmo já no primeiro semestre.*

Lisha /Misteriosa

Da Cor preta e a raça negra, assim ela se define e continua *“No meu caso “tá no sangue” meu pai e minha mãe foram fundadores do MNU. Então, desde pequena eu sempre via algumas atividades e às vezes queria participar e ta. Eu sempre via as atividades sempre ia para as reuniões [...] tinha que ir porque meus pais iam e levavam os filhos e com isso eu fui me interessando. Eu digo que sou uma pessoa de sorte porque eu sempre tive explicação em que países nós vivemos, um país racista e machista, para poder enfrentar no dia a dia [...] eu estudei em escola particular [...] tive problema com a minha estética, as pessoas sempre falavam e até hoje, que eu não sou brasileira e tal. Com essas informações sempre fui uma pessoa de sorte [...] fui seguindo, participando de alguns grupos e minha mãe também trabalhava no CEAFFRO⁴⁵ uma coisa foi levando a outra.*

Kainda/ Filha do caçador

Informou que quanto à raça/cor se identifica com a nomenclatura, preta, e inicia seu relato sobre a experiência com o ativismo dizendo *“acho que a partir [de quando] eu entrei na universidade, pelo sistema de ações afirmativas, sou cotista, entrei na primeira turma de cotista da UFBA. Em 2005 participei de um programa de permanência, Conexões de Saberes, e nesse programa eu conheci algumas pessoas e a partir dessas amizades e do que trabalhávamos lá no projeto, de permanência, é que começou a despertar em mim essa questão da militância de uma forma mais organizada. Eu percebo que na verdade eu já fazia isso, agora de uma forma individual, então a partir do momento que eu fui conhecendo outras mulheres negras eu tive acesso a esse mundo do movimento social, primeiro através do movimento hip hop, a gente formou um grupo de rap de mulheres. Depois eu fui passando pelo movimento feminista negro, participei do movimento estudantil com recorte de cotas, recorte racial, era movimento de estudantes cotistas, hip hop, feminismo negro e movimento estudantil.*

⁴⁵ Instituição já citada foi umas das escolhidas para iniciar o trabalho das entrevistas.

Sibadili/ Eu não mudarei

Negra, desse modo, rápida e convicta ela respondeu à pergunta sobre sua auto-classificação e sobre o ativismo começou dizendo: *“Na verdade, isso começou quando eu tinha 18 anos a partir de um contato com uma figura muito importante lá em Feira que até hoje é referência para muita gente lá, na Bahia como um todo, Ivanija Santa Barbara. Ivanija, ela era uma candidata que se colocava enquanto candidata, negra, em Feira de Santana e isso sempre me chamava atenção, pois nunca tinha visto isso com mulher nenhuma a não ser na televisão lá no Rio de Janeiro com Benedita da Silva. Então, Ivanija sempre chamou muito a minha atenção [...] minha militância começa com um movimento na igreja, eu comecei um grupo de jovens na igreja, fui da pastoral da juventude [...] conversando com algumas pessoas da igreja que apoiavam ela [...] aquela mulher negra sempre me despertou o interesse, porque ela sempre se colocava enquanto mulher negra, o cabelo Black Power, a aparência física também me chamava a atenção A aparência das filhas dela, no meio de várias mulheres de cabelo alisado elas apareciam de cabelo natural, isso no final da década de novent., então isso sempre me atraiu, meu cabelo era alisado nessa época, era alisado. Então a intervenção política dela sempre me chamou a atenção e a partir desse momento, comecei a me interessar mais pelas questões raciais. Quando entrei na universidade isso começou a ganhar mais pulso, porque eu entrei em contato com estudantes negros e negras, da UEFS o MNUFES, que era um grupo, que ainda existe hoje, que tem a proposta de estar discutindo o racismo no espaço acadêmico, denunciando o racismo e propondo novas alternativas para esse processo, dentro da UEFS, na Universidade Estadual de Feira de Santana. [...] esse desejo, esse sentir-se negro, digamos assim, começou a se transformar em algo mais político, eu comecei a ter uma participação, tímida, e em 2002 eu começo a ter uma participação maior.. E aí foi o NENUEFS⁴⁶ quem me colocou, digamos assim, numa habilitação mais sistemática, ali eu começo a estar atuando mesmo, fui membro de coordenação. Também já participei de organização de movimento estudantil tradicional, fui do DCE, depois que tive a experiência no NENUEFS, no DCE, eu percebi as diferenças né? Como as negras e os negros são tratados no movimento estudantil, tradicional, e no movimento negro de fato [...] entrei no MNU, Movimento Negro Unificado, isso já aconteceu depois da minha*

⁴⁶ Núcleo de Estudantes Negros da Universidade Federal de Feira de Santana.

formatura em 2005, [e de] um grupo específico de Feira, Frente Negra Feirense que até hoje ainda faço parte, ainda tenho uma relação muito forte com Feira [...].início de 2007, entrei na coordenação estadual e hoje eu sou membro da coordenação estadual do MNU.

Iori / Vitalidade da luz

Essa jovem identifica-se como negra e relata deste modo: “Eu me interessei pelo ativismo social [em especial o] hip hop, por perceber que aquele espaço [do hip hop] falava sobre mim. A partir do momento que eu percebi que aquilo falava sobre mim [...] percebi o quanto eu ia contribuir na sociedade. A gente nasce e morre, e quando morre a gente também tem que deixar alguma coisa aqui pra ser desenvolvido posteriormente. Porque tem muito dessa coisa quem eu sou? pra onde eu quero ir? o que eu vou fazer? Isso foi em 2000, que conheci um grupo que se reunia sempre no Passeio Público, encontro de várias comunidades, e havia reuniões sobre várias temáticas, partindo da perspectiva do hip hop, o que é o hip hop? quem é essa juventude que esta se organizando? o que não está agradando naquela sociedade que a gente vive? Então, sempre tinha discussão sobre mulheres, (cita o nome de algumas mulheres que começaram a discussão), sobre feminismo, que feminismo é esse? esse feminismo me agrada? o feminismo das mulheres que queimaram sutiã e o feminismo das mulheres que queimaram suas vidas. [...] então é isso, esse espaço era para saber quem eu sou e o que eu quero e pensar que tenho muito a contribuir até onde eu possa ir. É isso, [...] entender mais o seu local.

Pytia/ Possui poderes de cura

Pytia auto define-se como negra e explica a origem do seu ativismo “Na verdade eu tenho isso muito pela ritmologia gosto de mostrar o que eu penso as coisas que acredito associados aos movimentos que eu acredito dentro da música, da poesia e da arte. [relacionando com a] questão da saúde que é outro lado, profissional. Na arte eu sou autodidata, nunca fiz curso de nada. Eu levo isso mais para me expressar e isso

aconteceu, exatamente, no movimento feminista em 2005 quando eu conheci o Munegrade⁴⁷, [...] antes ele [o ativismo] vinha associado aos movimentos populares e culturais como a capoeira⁴⁸ [...] Então, na capoeira e depois num grupo de mulheres jovens perto do terreiro de minha avó, que tinha também mulheres mais maduras [mais tarde na] faculdade onde a gente discutia a mulher além do útero, do câncer, de mama [...] questões do racismo para além da saúde física, mas também na saúde mental e como isso se dava na mulher [...] porém, sem ter embate preciso aqui no centro da cidade, porque na verdade eu fui conhecer o centro mesmo a partir do Munegrade.

Abayomi/ Encontro Agradável

Quanto à sua classificação racial Abayomi se declarou negra e sua experiência com o ativismo se iniciou: *“Quando eu tinha uns 15 anos e estava no colégio, comecei a ter umas leituras anarquistas, conheci umas pessoas e tal, conheci perspectivas das feministas anarquistas dos anos 80 e tal, mas era só leitura, não conhecia ninguém, achava na internet e lia as coisas. Quando eu vim para Salvador eu conheci as pessoas do movimento, mas não era movimento de mulheres, era de movimentos gerais fui para Cachoeira continuei participando de debates e discussões, mais próxima ao movimento estudantil. Aí entrei no KIU⁴⁹, comecei a militar com o pessoal LGBT, depois de um tempo comecei a ter leitura mais feminista, aí comecei a ler teoria queer, nessa época tava um “bafo” na faculdade todo mundo queria saber sobre teoria queer, Judith Butler. Aí eu fui para o ENUDS⁵⁰ lá me aproximei mais das mulheres, [as participantes] do encontro já tinha um amadurecimento nesse sentido [...] quando cheguei não pertencia mais a um grupo misto, ali eu precisava dialogar com as mulheres e acho que começou ali, com a influência daquelas mulheres. No segundo ano da faculdade, foi quando “virei sapatão”, eu conheci uma mulher e comecei a*

⁴⁷ Grupo de Hip Hop composto por mulheres que faz uma discussão com sua arte numa perspectiva feminista.

⁴⁸ Um grupo que a maioria era de mulheres e jovens, filhas dos mestres de capoeira que se sentiam desprotegidas para fazer aulas de capoeira em outro lugar que não fosse o lugar que os pais delas estavam dando aula.

⁴⁹ KIU, Coletivo Universitário pela Diversidade Sexual-

⁵⁰ Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual

participar mais desse ciclo de mulheres negras, a partir daí que eu fiquei especificamente [militando] nesse grupo.

Zarina/ Dourada

Zarina, negra/preta, assim ele me informou sobre sua auto-declaração racial e narrou que: *“Eu comecei participando de seminários que falavam dessa temática, temática racial. Eu me lembro que o primeiro lugar que eu fui foi na OAB, acho que foi algum setor da OAB que se reuniu para discutir raça e gênero, não só raça, conheci várias pessoas nesse dia, encontrei, Dra. Maria Alice, Rosileia, Airton Ferreira aí eu fiquei empolgada com essa discussão. Criei alguns vínculos, troquei email e começaram a mandar direto para minha caixa postal [convites] comecei a ir participar e fui encontrando e conhecendo várias pessoas que eu achava importantes. Até um dia que eu encontrei Carla, nos tínhamos estudado juntas na escola em 199, ela me convidou pra participar de um grupo de negras na Universidade Católica eu não topei, mas a partir daí nos começamos a fazer muitas coisas juntas, a participar de várias coisas a fazer a discussão de juventude nos espaços. e Com isso começou a se criar a história do ENJUNE aqui na Bahia [...] também participei da criação do CEN-Coletivo de Entidades Negras, fiquei muito próxima do Coletivo de Entidades Negras com Marcos Rezende. Comecei a dar curso [...] eu trabalhei muito tempo com essa coisa de organização [...] foi aí que Marcos me convidou pra fazer parte da organização da Caminhada de Santo, eu fui em 2006, 2007 e 2008 só no primeiro processo [nesse momento] me afastei do CEN.[...] O ativismo feminista foi uma coisa bem mais recente em 2007 e 2008 com o Latoya, jovem feminista, [...] foi ela que me colocou na lista de emails da articulação de negras jovens feministas.[...] começou a me falar do grupo, jovens feministas, a partir daí comecei a receber muitas informações do que era também falou de muitos textos, estudos feministas de brasileiras, feministas norte americanas. Comecei a ler algumas coisas e foi desse ponto, dessa discussão que iniciei o processo de realizar o IENNJF, foi aí que, realmente eu comecei a ter vontade de entender de me alocar nesse lugar, negra jovem feminista.*

Depois desse breve, apresentação das interlocutoras por elas mesmas, no quadro abaixo estão resumidas algumas informações sobre elas. Os nomes usados são os fictícios já mencionados acima. O segundo dado apresentado é a idade e apesar de não haver idade mínima para participação, tanto das interlocutoras desse trabalho quanto das participantes do I ENNJF, a maioria delas tem entre 24 e 30 anos de idade. Nas informações sobre escolaridade, todas têm nível superior algumas ainda cursando. Outra observação que podemos fazer é relativa aos cursos, a grande maioria é da área de humanas, sendo três do curso de Ciências Sociais, uma do curso de Geografia, uma Assistente Social, uma de Pedagogia. Uma da área de artes do curso de Dança e uma da área de saúde, Fisioterapeuta. Podemos inferir que essa concentração de ativistas na área de humanas se relaciona com uma maior vivência dessa área com os movimentos sociais pelas próprias características dos cursos, a sociedade e as organizações sociais são centrais nos estudos.

Quanto ao tempo de ativismo, com exceção do caso de uma delas que ao ser perguntada sobre a história do seu ativismo diz que o é “desde pequena”, os pais são ativistas, todas as outras tiveram contato com o ativismo na juventude. Duas informaram que o ativismo se iniciou pela arte, especificamente pelo Hip Hop para as outras o ambiente da universidade foi determinante para esse envolvimento. Data do ano de 2000 as primeiras aproximações do ativismo político. Ainda perguntei se pertenciam a algum grupo: três pertenciam a grupos onde a questão de juventude era central dessas uma da Articulação de Negras Jovens Feministas. O maior número, quatro, informou estarem ligadas ou pertencer ao movimento Hip Hop. Quanto as outras duas, uma pertence a um grupo tradicional de Movimento Negro e outra informou não estar em nenhum grupo no momento.

Mesmo tendo como orientação inicial que trabalharia com jovens auto-afirmadas como Negras Jovens Feministas, informação essa também frisada quando pedia que me indicassem uma outra pessoa, optei por repetir a pergunta para cada uma. Primeiro o que entendiam por “ser feminista” e depois se se consideravam feministas. Houve uma diversidade nas respostas à primeira pergunta, inclusive diferenciando feminismos, principalmente feminismo “indeterminado” identificado como branco e feminismo negro, porém oito delas se afirmaram feministas algumas com maior convicção e outras menos. Uma delas disse se “identificar” mais com o Movimento de

Mulheres Negras em face de Feminismo, essa não considerou a existência de Feminismos Negros.

A questão da orientação sexual, que também foi assinalada no I ENNJF foi responsável por distinções observadas por elas, quanto aos estereótipos em relação às imagens e representações de sexualidades de mulheres negras. Algumas afirmando outras negando que há também representação da mulher negra “quente” nas relações lésbicas. Essa questão foi aventada por lésbicas e bissexuais. Das nove entrevistadas três estão namorando, uma é noiva e as outras não estavam em nenhum relacionamento estável.

Havia uma questão no roteiro que não incluí no quadro, mas me parece demonstrar um dado importante desse trabalho. A questão é referente à possibilidade das interlocutoras terem uma relação sexual no primeiro encontro. Essa questão foi pensada para apreender sobre uma suposta “liberdade sexual”, que entende sexo separado dos relacionamentos estáveis. Com essa questão foi possível observar que de forma geral as jovens não têm impedimentos morais em ter relações sexuais no primeiro encontro. Porém, uma questão que impede tal acontecimento é o medo da violência, todas que fizeram alguma ressalva apontaram a violência como o principal fator. Nesse sentido, afirmaram que poderiam ter relações sexuais no primeiro encontro, mas desde que tivessem alguma segurança como, por exemplo, ser conhecido de alguma ou algum amiga/o.

Medo esse que não foi apontado pelas interlocutoras lésbicas que salientaram questões concernentes ao cuidado com o corpo, no sentido de saúde sexual como impedimento. Assim, apesar de não terem declarado ter impedimentos para esse envolvimento sexual, a maioria, das interlocutoras fizeram ressalvas sejam elas de cautela quanto a integridade física e ao risco à sua saúde sexual. Nos próximos subitens discuto mais a fundo essas vivências de negras jovens feministas, ilustrando com as próprias falas, com ênfase no que diz respeito ao exercício da sexualidade.

Quadro de informações sobre as interlocutoras da pesquisa

Nome	Idade	Escolaridade	Tempo de ativismo	Considera-se feminista/ faz parte grupo	Orientação sexual	Relacionamento
Etana	30	Graduada em Serviço Social mestranda em estudos de Gênero e Feminismo	2003	Feminista/ Movimento de Juventude Negra	Heterossexual	Sem namorado
Gerba	25	Graduada em Ciências Sociais	2005	Feminista/ Mov. Feminista	Bissexual	Noiva com homem
Lisha	24	Graduanda em Arquitetura e Urbanismo	Desde pequena (pais ativistas)	Feminista/ Mov. de Juventude Negra/ Mov. Hip Hop	Heterossexual	Sem namorado
Kainda	26	Graduada em Pedagogia	2005	Feminista/ Mov. Hip Hop (grupo de mulheres)	Bissexual	Namorando homem
Sibadili	30	Graduada e mestranda em Geografia	2000	Identifica-se como Mov. de Mulheres Negras/ Mov. Negro	Heterossexual	Sem namorado
Iori	28	Graduanda em Dança	2000	Feminista/ Mov. Hip Hop Mov. Mulheres	Lésbica	Sem namorada
Pytia	24	Graduada em Fisioterapia	2005	Feminista/ Mov. Hip Hop (grupo de mulheres)	Lésbica	Namorando
Abayomi	21	Graduanda em Ciências Sociais	2004	Feminista/ não participa de grupos	Lésbica	Sem namorada
Zarina	29	Graduanda em Ciências Sociais	2004	Feminista/ Art. De Negras Jovens Feministas	Bissexual	Namorando mulher

Fonte: CASTRO, F. L. 2010. Trabalho de Campo.

3.4 - VIVÊNCIAS

Vivência, nesse trabalho é entendida como o acúmulo gradual de experiências que vão ao longo construindo identidades, identificações, posições e posturas políticas que informam percepção e/ou (re)formulação dos discursos sobre sexualidades de mulheres negras. Assim, cada particularidade que forma o sujeito e principalmente a combinação dessas especificidades são definidoras de como se vai experienciar a vida, as vivências.

Para entender como negras jovens feministas percebem/ (re)formulam (ou não) o discurso sobre suas sexualidades nas suas vivências afetivas e ativistas lancei mão de um roteiro orientador, já mencionado e disponível nos anexos. A partir das respostas foi observado que constructos sobre desempenho sexual foram recorrentes nas entrevistas. Sendo assim, o conceito de sexualidade, aparece imbricado aos relacionamentos afetivo-sexuais estáveis. Deste modo, foi por meio dos relacionamentos, afetivo-sexuais estáveis, que primordialmente nas entrevistas delineou-se a sexualidade, porém, “afetividade e sexualidade, enquanto dimensões da pessoa, só se atualizam em formas socialmente convencionadas por uma dada cultura” (HEILBORN, 2006, p.36). A qual também estabelece “scripts” de gênero:

A sexualidade vem sendo compreendida como produto de diferentes cenários, e não apenas como derivada do funcionamento bio-psíquico dos sujeitos. A ênfase sobre cenários socioculturais alude à premissa de que, se há características distintas entre homens e mulheres no tocante à vida sexual e na interface desta com a esfera reprodutiva, elas devem se a uma combinação de fenômenos que reverberam nos corpos como efeito de processos complexos de socialização dos gêneros. Desse modo, há estreito e inescapável imbricamento entre sexualidade e gênero. (HEILBORN, 2006, p.35)

As vivências de classe, orientação sexual e raça foram salientadas como definidoras nas experiências de sexualidade, ou seja, as limitações econômicas, o racismo, sexismo e a lesbofobia ao se emaranharem expõe essas jovens a vulnerabilidades sociais, sejam, estreitando as possibilidades na seara das escolhas dos relacionamentos seja no risco da violência física. Deste modo, a condição econômica, por exemplo, surgiu como um marcador de “respeito” para com as jovens negras. Uma das interlocutoras diz que se a jovem é de alguma comunidade vulnerabilizada pela

pobreza o homem com quem ela eventualmente se envolve supõe poder “acessar” o corpo dela em qualquer lugar no ponto de ônibus ou atrás de um carro qualquer, não cabendo a ela “reclamação” qualquer⁵¹.

Nesse sentido, a noção de experiência apontada por Joan Scott (1998), a partir de uma revisão teórica, utilizando alguns autores, principalmente da história, Scott, ressalta a importância desse conceito não usado com um viés essencialista que cristalice identidades. E ainda que “o sujeito é ao mesmo tempo objeto da investigação e o próprio investigador [...] produz conhecimento de outras culturas baseado em ‘experiência’ como observador”.

Não são indivíduos que tem experiência, mas sim os sujeitos que são constituídos pela experiência. Experiência nessa definição torna-se, então, não a origem de nossa explanação, não a evidência legitimadora (porque vista ou sentida) que fundamenta o que é conhecido e apresentado. Pensar experiência desse modo é historicizá-la, bem como historicizar as identidades que ela produz.[...] é uma historicização que implica exame crítico de todas as categorias explicativas tomadas normalmente como óbvias, incluindo a categoria de “experiência” (SCOTT, 1998, 304)

O que conta como experiência não é auto-evidente nem direto: é sempre contestado e, portanto sempre político [...] Experiência, neste enfoque, não é a origem de nossa explicação, mas sim o que queremos explicar. (SCOTT, 1998, p.325)

A fala da interlocutora abaixo exemplifica a noção de experiência proposta por Scott “experiência é sempre e imediatamente algo já interpretado e algo que precisa de interpretação” (1998, p.325). Então a jovem mesmo que apresentasse uma reflexão sobre um dado momento de sua vida ela continua o reinterpretando. Sobre uma relação sexual ela diz:

- Quando vai transar com a pessoa pela primeira vez aí “bota pra lá” pra dizer que “ta botando pra lenhá” pra dizer que é “retada” a gente legitima, não vou dizer que eu nunca legitime, porque já. E a gente acaba legitimando pra dizer que é boa em alguma coisa, mas tem hora que a gente não agüenta, cansa e outra pessoa já não respeita mais. (Gerba)

⁵¹ Esse caso específico será mais detalhado

3.5 - - IMAGENS DE MULHERES NEGRAS

No Capítulo 1 foi apontado um pouco das bibliografias que apresentam a sexualidade de mulheres negras como “desviante” e as críticas feitas a essas produções como assinala Osmundo Pinho:

Não é de hoje que chama atenção a recorrência com que na literatura, nas artes, na música popular e alhures, se reinventa um ideal de mulher que mulata (mestiça) que preserva características da sensualidade bestial da negra em modos “afinados” pelo sangue branco, apresentando-se como um híbrido que pelo intermédio do sexo cruza as raças e... funda uma cultura! [...] Na ordem racial-sexual naturalizada os destinos das mulheres negras são traçados também pelos estereótipos que acomodam a contradição incorporada em seus corpos e os inscreve no regime nacional de subordinação. (PINHO, 2005, p.2)

As interlocutoras lembraram vários momentos de suas vidas em que, usando a lente do ativismo, interpretaram como marcas dessas representações seguem se [. Seguem] algumas dessas falas. No caso de Kainda, depois de apresentar a famosa frase “Preta para trabalhar, Mulata para fuder/fornicar e Branca para casar” e questioná-la se já havia ouvido essa expressão em algum contexto ela responde:

- Eu já vivi essas frases, tipo tá numa relação onde a outra pessoa tinha uma relação com uma pessoa branca e queria manter a relação com as duas e comigo era escondido, até o momento que era bom pra ele. Com a outra menina, andava de mãos dadas, fotos nos sites de relacionamentos, e comigo era escondido mesmo, então eu percebi que tem haver com essa questão racial [...]comigo era essa relação de transar entre quatro paredes. (Kainda)

Zarina foi a única das interlocutoras que falou de sexualidade no sentido de um direito das mulheres a ser exercido ou exercitado e acredita que um dos impedimentos seria as representações racistas e sexistas.

- A gente sabe que a sexualidade das mulheres negras é sempre apresentada ao público como uma sexualidade deformada nunca é pensada como um direito a ser exercido, exercitado ou compartilhado. É pensado como uma super exposição do corpo quando você tem o tipo da mulher negra que poderia ser admirado. Esta é vista como uma sexualidade escandalosa, uma sexualidade de um sentido a se apropriar mesmo sem a permissão (Zarina)

Ela continua observando que as representações não correspondem a nenhum tipo de resposta corporal ou verbal às eventuais investidas, mas sim com uma idéia de “favor” racial que pessoas brancas teriam ao se relacionar [afetiva e/ou sexualmente] com pessoas negras.

- As pessoas vão me ler assim como uma pessoa que pode ser acessada mesmo que não dê respostas corporais ou verbais que sejam equivalentes a isso já está na mente do outro e da outra que é assim, que você está sempre disposta independente da roupa que eu estiver usando independente do que eu estiver fazendo. Quando uma pessoa vai te paquerar principalmente quando é uma não negra, ela acha que você vai dizer sim pelo fato somente de você ser negra, mesmo que eu seja uma pessoa considerada mais atraente do que ela nessa sociedade, ainda assim só pelo fato dela ser branca ela acha que você não vai negar (Zarina)

Como se observa, a fala de algumas entrevistadas aponta que permanece na sociedade brasileira a idéia de que o corpo feminino, neste caso o corpo negro feminino é público, a partir de representações específicas, pode e de vê ser tocado, solicitado, incomodado, sem consentimento

3.5.1 - Nas relações sexuais

Neusa Santos em 1983 escreve um livro emblemático para o Movimento Negro - *Tornar-se Negro* –definido por ela própria como um livro sobre emocionalidade de pessoas negras em ascensão social que por meio de entrevistas relatam várias das suas vivências da infância até os dias presentes. Ela assinala que entre os temas privilegiados dos relatos estão as fantasias e estereótipos sexuais e analisa o fato da seguinte forma:

A superpotência sexual é mais um dos estereótipos que atribui ao negro a supremacia do biológico e, como os da resistência física e “sensibilidade privilegiada”, reafirma a representação de animalidade do negro, e, oposição à sua condição histórica, à sua humanidade. (SANTOS, 1983, p.26)

Em contraposição a esse modelo, o que algumas interlocutoras sublinharam foi uma necessidade carinho e afeto o que elas afirmam muitas vezes não terem recebido também por estarem envoltas em um ideal de fortes em oposição à fragilidade, característica essa que ainda é designada para algumas mulheres. Uma mulher negra em 1851 nos Estados Unidos chamada Sojourner Truth fez um discurso intitulado *Ain't I a Woman?*, resgato por Alice Walker (1981) e se tornou o título de um de seu livros. Nesse discurso ela indaga exatamente sobre esse “cuidado”, que muitas vezes serviu como discurso de dominação masculina, com as mulheres e que não era destinado a ela, uma mulher negra, nesse sentido ela questiona *Ain't I a Woman?*

Etana se detém por um tempo sobre o assunto chegando a supor que a sua não correspondência com uma imagem de mulher negra “quente” pode ser a causa de não ter um relacionamento duradouro. Atribuindo ao sexo uma centralidade nos relacionamentos, logo se o parceiro está insatisfeito não permanecerá. Outro ponto a se observar nessa fala é que ela atribui a vestimenta um significado importante nesse jogo:

- Muitas vezes o que a gente quer é carinho, outras manifestações de sentimentos das pessoas. A gente tem essa fama de quente aí precisa ter o comportamento performático entre quatro paredes, eu acho isso... Meus relacionamentos até não têm dado certo, eu acho que é por causa disso, porque eu sou uma pessoa completamente diferente do que o meu corpo demonstra através do decote... Daí os caras sempre ficam esperando isso, que eu sou uma pessoa insaciável quente, com chicote na mão, fazendo mil acrobacias, sou totalmente diferente disso. A pessoa quer aquilo que não posso dar aquilo que está no imaginário dela, não tem nada a ver comigo (Etana)

A mesma interlocutora relata uma situação na qual conversa com um namorado sobre a performance dele considerada por violenta, porém opta por permanecer com o relacionamento por um tempo. Ainda relata a fala dos irmãos dela e do próprio namorado que afirmam que as mulheres negras precisam de um tratamento diferenciado nas relações sexuais. Assim ela relembra a fala dele:

-[ele disse] que eu não tinha cara assim de bonequinha, uma mulher branca, bonequinha, Xuxa. Tinha uma cara mais selvagem, agressiva, por isso que a penetração dele tinha aquela força, mas eu mantive o relacionamento por um bom tempo porque queria de qualquer jeito ter um namorado, ele sempre falava isso que a ex-namorada dele que era loira, era diferente, porque ela era mais meiga, a voz e tudo

e que eu não, já era mais agressiva, mais forte, assim, por isso ele agia com mais força, mostrava que era homem, tava dando conta e tal.. E meus irmãos também falam isso, que a mulher negra exige uma outra pegada, uma pegada mais forte [...] não consigo manter um relacionamento, porque na cabeça das pessoas eu tenho que ter um comportamento que é compatível com aquilo que se espera da mulher negra. À medida que eu fujo desse comportamento, eu deixo de ser a mulher que quer numa relação sexual, porque essa relação sexual não está dentro do que se espera da mulher negra, tá dentro de qualquer mulher, mas da mulher negra não está. (Etana)

A afirmação feita acima também é apontada por duas das interlocutoras que alegam que em relações lésbicas é possível observar semelhante correspondência: Iori revela um incomodo com papéis sexuais pré-definidos a partir da dualidade passiva versus ativa fazendo uma inferência que a mulher negra por ser “fogososa” desempenharia a função de ativa.

- Além dos homens, elas [lésbicas] também têm seu fetiche, esse imaginário que foi construído do homem negro, “porradão”, fortão e o que “manda vê” mesmo e esse imaginário da mulher gostosa sempre “ousada” [...] eu já vi pessoas dizendo assim: “poxa, se ela faz esse tipo de movimento, imagine na cama” [...] acham que a gente que é lésbica [negra] é muito fogosa na cama e é sempre ativa e essa coisa da atividade e passividade é uma coisa horrível pensar que você é 100% ativa ou 100% passiva (Iori)

Gerba salienta além de um estereótipo sexual questões relativas à situação econômica como dificultadora em um relacionamento inter-racial de lésbicas e parece sugerir que de modo geral as lésbicas negras teriam uma situação econômica menos confortável, talvez se baseando em dados gerais de distribuição renda entre pessoas negras e brancas.

- A mulher branca de certa forma se beneficia disso inclusive em um relacionamento homossexual, porque quando ela tem um relacionamento com uma mulher preta ela procura uma égua sexual ela procura mesmo uma pessoa “retada” na cama [...] quando existe [o relacionamento] há problemas tanto econômicos como sociais. Toda hora há esse embate (Gerba)

Pytia alerta para o caráter perpetuador que tem essas imagens de gênero e de raça ensinadas desde a mais tenra idade. Imagens essas que constroem também um ideal de beleza orientador dos relacionamentos , segundo ela:

- o comportamento que eles tiram em relação à sexualidade das mulheres negras e às das mulheres brancas, vejo que isso é não ensinado para os homens adultos, mas sim desde de criança [,] desde pequenos, isso também passa pela questão da mulher bonita tipo você tem que “pegar” só mulher bonita. Essa é bonita essa não é (Pytia).

No espaço público e também no privado, na intimidade afetiva e sexual, a representação de uma suposta hipersexualidade da mulher negra marca a trajetória das mulheres negras jovens. Este espaço torna-se também um lócus de confronto de discursos acerca do corpo, do afeto, do sexo. Mais uma vez o pessoal se torna político e, neste caso, tem cor.

3.5.2 - Condição social

Sibadili afirma que “a condição econômica influencia nas relações de poder com o cara”. Assim como nesse trecho também outras interlocutoras salientaram a condição econômica também orienta o tipo de tratamento que as mulheres recebem no âmbito afetivo:

- porque eu vejo que os homens tratam diferente mesmo as mulheres negras [...] se ela tem outro status, tem carro, sabe, pode freqüentar alguns espaços eles já tratam de um jeito, mas se ela é de uma comunidade vulnerabilizada aí que ela é tudo isso que eu falei elevada ao expoente máximo, aí que ela é cachorra, vagabunda mesmo, ela pode ser tratada de qualquer jeito (Etana)

Etana prossegue com a sua percepção de que existe uma postura “desrespeitosa” por parte de alguns homens que se envolvem como as jovens negras de periferia considerando-as descartáveis. Seus corpos são considerados públicos, nessa perspectiva elas parecem não ter nenhum poder negociação no contexto dessas relações.

- agora se é paupérrima mesmo, aí que não tem consideração nenhuma, ele pode acessar o corpo dela de qualquer jeito, atrás do carro, ponto de ônibus, em qualquer lugar. Essas experiências também aconteceram comigo, acontecem com minhas amigas elas falam “eu queria assim, mas eles falam que não, que é daquele jeito e eu vejo que com fulana ele não fazia isso, ele procurava um hotel, um lugar mais apropriado”, porque ele não quer que os outros caras vejam o corpo da menina que tá

com ele. Comigo, não, ele quer em qualquer lugar de qualquer jeito não me respeita como mulher e eu percebo que isso acontece com as meninas desses lugares marginalizados (Etana)

Abayomi traz a referência das festas de pagode⁵², comuns em Salvador, onde um grande número de jovens negras de bairros populares participa. Esse espaço é identificado como espaço de desrespeito às mulheres, crítica por vezes feita com viés elitista, apesar de que muitas das letras possuem um teor extremamente violento e machista revelando uma objetificação do corpo feminino que só teria valor dando prazer aos outros, homens. As letras também soam ricas de termos raciais, a palavra “negrona”, por exemplo, é muito recorrente. Além do pagode, relembra os casos das agências de turismo que há pouco tempo ainda usavam mulheres negras, geralmente de biquíni, como um convite para visitar a Bahia. Ela ainda aponta para a questão geracional, essa vulnerabilidade do corpo também teria esse viés, pois estas mulheres sendo de periferia ainda não teriam tido tempo de uma possibilidade de ascensão social, mesmo que remota.

- Hoje na Bahia, a gente lembra das festas de pagode com muitas bandas com muitas mulheres negras, ali dá pra ver, na TV também isso, nas novelas, nas revistas, nos cartões postais dá pra ver como o uso do corpo da mulher negra é muito mais absurdo, aberto, declarado e sem culpa nenhuma [...] muito mais forte com as mulheres jovens e pobres obviamente, muda tudo quando a mulher negra é rica muda demais, mas entre as mulheres jovens é onde mais acontece esse movimento (Abayomi)

- Tem uma geração que tem um pertencimento de classe e que são negras e elas estão mais vulnerabilizada dentro do processo por essa coisa de disponibilidade do corpo (Zarina)

- A cor está articulada ao tipo de cabelo, à condição social, à geração ao tipo físico [...] uma pessoa que não é pobre e que mostra isso na sua vestimenta mesmo sendo negra talvez ela não tenha tantas vulnerabilidades quanto uma dessas mulheres negras tipicamente da periferia que apresentam isso principalmente no vestir essas estão mais vulneráveis (Zarina)

Pode ser percebido nos relatos das entrevistadas a interseccionalidade onde raça, gênero, condição econômica são projetadas no corpo em marcadores corporais

⁵² Tema tratado por Clebemilton Nascimento, na dissertação intitulada *Entrelaçando corpos e letras: representações de gênero nos pagodes baianos*

como cor da pele, textura do cabelo e aparecem com nitidez nas representações do ser mulher negra e no imaginário inclusive no acaba por ser definido feio ou bonito.

3.5.3 - Geração

No roteiro de pesquisa havia uma questão específica sobre geração, no sentido de apreender como as interlocutoras, auto-declaradas negras jovens feministas, refletiam sobre o tema, porém foram poucas as falas nesse sentido. Oito delas acreditavam que havia uma distinção do discurso da sexualidade quando jovens, adultas ou idosas, mas houve pouco detalhamento desse entendimento.

Essa questão surgiu como um complicador para “conseguir” um relacionamento, pois as duas interlocutoras abaixo citadas fazem estabelecer um elo entre juventude e o início de relacionamentos. As duas informaram não terem um relacionamento/namoro no momento das entrevistas.

- No mercado afetivo eu era bem mais procurada, agora tô com 30 anos o negócio começou a descer, já não sou mais requisitada com tanta frequência, eu acho que tem a ver sim a questão da idade e a questão da classe também (Etana)

- Quando você faz 35, 40 anos você deixa de estar no palco, na cena eles deixam de optar pelo seu tipo por você. Então, quanto mais velha vai complicando. Eu ainda sou vista como menininha, mas o tempo tá passando e vai chegar a hora e agente tem que estar preparada. (Sibadili)

A questão da geração é trazida por duas das interlocutoras numa perspectiva de saúde, pois geralmente a velhice é associada a [à] doença ou debilidade do corpo. Iori fala que na passagem de um corpo negro jovem para o corpo maduro a perspectiva “exploratória” desse corpo passa da sexual para a do trabalho.

- Uma mulher de vinte anos hoje deve ser “saudável” e magra quando se pensa nas mulheres de 50 anos é sempre com uma imagem bem pejorativa. (Pytia).

- Aos 28 anos esse corpo não é mais desejado nessa perspectiva, branca, como objeto sexual, mas sim como objeto de trabalho [...] eu faço dança e quando eu chegar aos 50 anos eu quero dançar. E aí como é que fica? De acordo com determinadas pesquisas eu não chego lá. (Iori)

Os limites afetivos e de outras ordens para pessoas acima dos 30 anos, não mais consideradas jovens, ganha especificidade para mulheres negras. A dificuldade de encontrar parceiras e parceiros afetivos pode se tornar ainda mais aguda do que na fase da juventude indicando um acúmulo combinados de ônus.

3.6 - OS AFETOS E O CORPO

3.6.1 - Relacionamentos afetivo-sexuais com uma dimensão política

- Meu olhar está treinado para me sentir atraída só por homem negro. (Etana)
- O amor tem cor, o amor tem cor, sim (Gerba)

O ativismo reorientou como as jovens entrevistadas nessa pesquisa percebem e dão significado ao mundo, inclusive no que tange às relações afetivo-sexuais. Heilborn (2006) escreve que:

Por mais que seja socialmente convencionado que a sexualidade derive de um impulso, trata-se, na verdade, de um processo de aproximação: como ‘reconhecer o significado de estados internos, organizar a sequência dos atos especificamente sexuais, decodificar situações, estabelecer limites nas respostas sexuais e vincular significados de aspectos não sexuais da vida para a experiência sexual propriamente dita (HEILBORN, 2006, p. 35)

Abaixo seguem alguns relatos que as interlocutoras estabelecem uma distinção entre um passado não ativista, onde se submetiam a situações hoje consideradas de subalternização:

-Eu passava e em qualquer esquina era um comentário, hoje é diferente, mas eu também reajo diferente às abordagens. Quando alguém queria namorar comigo eu já achava que ele tava fazendo um favor até que enfim alguém quis ficar comigo e mesmo que a forma fosse “escrota”. Hoje em dia eu não aceito ser tratada de qualquer jeito, se a pessoa não quer, ou acha que eu tenha que ser um atleta sexual, e eu não sou, fique lá que eu fico sozinha... antes eu fazia essas concessões exageradas pra manter o relacionamento, tinha a ver com a idade e a ausência de leitura militante (Etana)

- Olhe, na minha adolescência, antes de eu ter me dado conta dessa questão racial, antes de eu ter despertado eu tinha preferência por pessoas, por homens

brancos, aquele imaginário do príncipe encantado, eu namorei dois anos com um homem branco, durante minha adolescência, 16, 17 anos, para mim aquilo era status, então, eu não consigo definir se aquilo era amor ou se era uma relação para eu me sentir bem no olhar das outras pessoas, um status social mesmo, antes de eu ter me despertado eu me relacionava com pessoas brancas mesmo, homens brancos, mas depois que eu acordei para a questão racial eu me relaciono com pessoas negras (Kainda)

- em partes da vida eu me relacionei com mulheres não negras e me decepcionei as não vieram por decepções amorosas e sim por questão de raça mesmo questões políticas e por causa disso eu achei que isso seria um ponto pra eu segurar e dizer que não queria mais, então, por essas questões não me relaciono com mulheres brancas [...] na verdade não fiz um embate eu percebi que eram por essas questões e sai da relação sofri fiquei mal fiquei péssima e tem coisa que não dá pra falar porque machuca ideologicamente politicamente (Pytia).

A fala de Lisha demonstra que sua preferência por pessoas negras se construiu junto a uma perspectiva ativista. E informou na entrevista que os pais são ativistas e que ela cresceu em meio a essas discussões. Ou seja, é uma perspectiva de uma facção do movimento negro que entende que relações afetivas são políticas.

- Eu tenho preferência sim por homens negros pela questão da conscientização racial que foi de grande importância pra mim. Essa questão da conscientização racial de saber desde pequena como os homens brancos vêem as mulheres negras. Acho que isso é fundamental na minha posição. (Lisha)

Também Sibadili argumenta no mesmo sentido, acrescentando quase que contraditoriamente que não deve ser uma obrigação, porém reconhece tal fato como um fortalecimento do povo negro e advoga um reconhecimento racial como fator de aproximação afetiva:

- na verdade desde a adolescência, que é um momento que a gente não define muito bem as coisas, eu tinha preferência por homens negros. Eu ainda acredito que, não no sentido que de que seja obrigação, mas acho que a gente fortalece mais o nosso povo, claro que isso tem que ser um processo tranqüilo[...] acho que a minha opção por homens negros é no sentido de me ver um pouco neles, ver alguém parecido comigo, que se parece comigo (Sibadili).

Abayomi apresenta uma questão que já despontava na fala anterior que é o ativismo com um caráter também normativo. Ela aponta a questão de uma forma descontraída, mas que não deixa de revelar sua face coercitiva:

- eu nunca namorei com uma mulher branca, beijei inclusive a muito pouco tempo, isso gerou um rolo, (risos), mas não foi uma coisa grande foi uma coisa rápida, que inclusive era outra coisa estranha ... que era essa coisa de beijar sem compromisso, sem uma ligação futura, sem esperar nada, apareceu beijei tal ...depois fui embora e não aconteceu nada, eu me senti como se estivesse desobedecendo algo...alguma coisa (Abayomi)

Nas falas abaixo, ainda sobre relacionamentos, as duas jovens “reclamam” uma afetividade que consideram respectivamente difícil de oferecer e de receber. A primeira identifica tal fato por uma formação distorcida que seria resquícios da escravidão a segunda alude tal ausência a uma construção estereotipada sobre corpos negros que destina o que deve ser adorado como belo e merecedor de afago e o que não deve.

- Nós temos uma grande dificuldade de relacionar e dizer para outra preta que você a ama, diante dessa construção escravocrata que a gente vive, o amor é político (Iori)

- Eu não me lembro de quando foi que eu tive um relacionamento onde a pessoa cheirasse meu cabelo. Essa coisa simples que a pessoa bota você no colo e cheira seu cabelo. (Gerba)

Em *Vivendo de Amor*, bell hooks, faz a mesma discussão nos seguintes termos:

Precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar. Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor. (hooks, 2000, p.464)

Iori se distingue das outras quando relativiza a possibilidade de relacionamentos inter-raciais, onde seria observado uma postura anti-racista e não necessariamente uma estética negra:

- Porque sentimento também é político, mas aí nos temos também que entender como as mulheres negras se relacionam com mulheres de pele clara é pensar também como ela é, como é que ela se coloca diante da sociedade, pra ela também não ser oprimida dentro de um relacionamento inter-racial. (Iori)

Quando indagadas se teriam preferências por pessoas negras ou brancas para se envolverem afetivo- sexualmente algumas das interlocutoras ressaltaram que consideram pessoas negras bonitas. Acredito que para além de uma preferência puramente estética, superficial. Está posição ecoa como uma vertente presente no movimento negro de Salvador que surgiu na década de setenta, especialmente, com o Bloco Ilê Ayiê a chamada reafricanização. Assim, elas se posicionam:

- Existe uma preferência estética você não namora com quem você acha feio você namora com quem você acha bonito. Eu tenho uma preferência estética de pessoas com traços negros, “negróides” tem que ter melanina (Gerba)

- Eu realmente acho as pessoas negras são mais bonitas. Eu só tive um relacionamento com uma pessoa branca, mas é claro que tem um cunho político é algo muito contraditório pra gente que fica falando o tempo todo de garantias de direito, relacionamento é uma aliança financeira, uma aliança política e social. E eu não posso fazer aliança com qualquer pessoa, por exemplo, se eu me relaciono com uma pessoa e construo um patrimônio quem é que vai receber esse patrimônio? Então, não posso deixar minha herança pra uma pessoa não negra, é sério isso. (Zarina)

A presença da variável cor e raça nas escolhas afetivas, a preferência afetiva por pessoas negras, complementa o quadro representado até o momento. Na sociedade brasileira os relacionamentos interraciais e intraraciais que todos os segmentos praticam, acompanhados de inúmeras representações e discursos cheios de assimetrias conduzem ao que diz a entrevistada: “o amor tem cor sim”.

3.6.2 - Crítica aos homens negros

Contrariamente ao que acontece quando o campo político de disputa é mercado de trabalho, direitos humanos, serviços de saúde, por exemplo, nesse campo político o principal alvo de críticas é o homem negro e um homem branco hegemônico. As interlocutoras fazem críticas contundentes aos homens negros, mesmo as que não são heterossexuais. Geralmente essas críticas são no sentido de uma postura de não solidariedade racial que potencialmente eles poderiam oferecer, porém parece que as construções de gênero nesse caso parecem sobre determinante.

Nas interpretações da miscigenação que fundam a nação os encontros sexuais narrados pelos explicadores do Brasil geralmente tinham dois personagens preferenciais: o homem branco e mulher negra. No entanto, trabalhos mais recentes demonstram que o par mais recorrente para relacionamentos interracializados é de homem negro e mulher branca (BERQUÓ 1987, MOREIRA, 1994; MOUTINHO, 2004; PACHECO, 2008). O primeiro desse grupo a ser realizado foi o de Elza Berquó (1987) que ficou conhecido como Pirâmide da Solidão, que chama atenção para o número significativo de mulheres negras que viveriam na “solidão”.

Sabemos que no Brasil as pessoas apresentam um contínuo de “cores” diverso, devido justamente aos relacionamentos inter-raciais. As interlocutoras apontam que há desdobramentos hierarquizantes nos relacionamentos dentro do próprio grupo negro⁵³ por essa diversidade. Vejamos abaixo:

- Muitos homens negros que estão dentro do ativismo mesmo pensam assim, e realmente se relacionam com as mulheres retintas, escondido, e com mulheres mais claras que são socialmente mais aceitas publicamente isso acontece o tempo todo eu conheço várias pessoas. (Zarina)

- Claro que tem aquela velha divergência, homens negros, muitos homens negros ainda optam por mulheres mais claras, mas meu desejo é casar com homem negro, constituir família, ter filhos negros, é alimentar mesmo, fortalecer a gente, eu acho que nos laços familiares, a gente ainda consegue se fortalecer junto. (Sibadili)

- Eles podem até não dizer e não admitir, mas muitos homens [negros] lidam com a gente desse jeito é só o momento ou se assumir uma relação começam a sacanear a “esculhambar”. A gente fica pensando “porque esses caras fazem isso? Por

⁵³ O IBGE considera negros a junção de pretos e pardos e também o movimento negro.

que são tão sacanas? Por que é tão cachorro? Será [que] é porque está com uma retinta do lado? Se tivesse com uma mulher mais clara ele agiria assim? (Sibadili)

Ana Cláudia Pacheco (2008) apresenta uma distinção que haveria no mercado afetivo dependendo se a mulher é uma ativista ou não. A postura política de não subordinação seria um complicador a mais para estabelecer e permanecer em um relacionamento.

- As mulheres militantes não são as escolhidas estão no último plano porque a gente vai estar questionando o tempo todo a conduta deles pode notar muitas de nós não são casadas eu não sou casada e posso dar uma lista aí de mulheres negras que não são casadas. Porque as mulheres negras militantes têm um conflito especialmente com os militantes. Há quem diga nesse meio militante que os homens militantes são as piores espécies são homens que nós não deveríamos nos envolver.[...] Espera-se que esses caras tivessem uma sensibilidade sobre essas questão ou que se despertem (Sibadili)

Uma postura inversa a essa que poderíamos identificar como uma complacência ativista seria a de Lisha que considera menos ofensiva a postura de homens negros do que de “gringos”:

- Eu falei um pouco dessas situações porque com os homens negros é mais tolerável, mas com os estrangeiros é bem mais desconfortável. A gente tolera entre aspas leva na brincadeira, mas tem coisa que não dá. Eu acho que os homens negros são muito mais diretos chamam de gostosa (Lisha)

- os meninos militantes não falam porque sabem com quem vão falar isso sabem aquela é uma mulher negra militante participa de tal e tal grupo, então, não falam. Geralmente tem uma identificação racial, mas não para as outras questões do machismo. (Lisha)

As considerações acerca dos homens negros, ativistas ou não, é de especial preocupação para as mulheres negras jovens feministas. A proximidade e até mesmo a escolha afetiva por eles, no caso dos relacionamentos heterossexuais, não se apresenta naturalizada. A vivência no grupo racial negro também é marcada pelas leituras desiguais de gênero e raça.]

3.6.3 - Comparação com mulheres brancas

Quando o cara vai te paquerar você não é uma princesa, não é uma rainha, você é uma gostosa é uma boa de cama. (Gerba)

Gerba na frase acima descreve as diferenciações nos tipos de abordagens que receberia em detrimento de outra mulher, no caso, uma mulher branca. Abaixo seguem algumas outras comparações:

- As meninas branquinhas elas são gostosas, mas não é só gostosa a mulher preta é gostosa e é só gostosa porque tem uma coisa de pegar mastigar e jogar fora tem um sentido forte [...] eu já ouvi é essa daqui é pra comer e essa daqui é pra casar isso é muito forte partindo da sexualidade e essa pra casar é a mulher branca e ela tem um status na sociedade. Se relacionar com uma mulher pra casar você também ganha um status esses dois lugares da sexualidade eles são bem definidos nos espaços. (Iori)

-A mulher branca é vista como imagem da santa, que deve ser cuidada, não pode fazer muita coisa no próprio ato sexual, e com as mulheres negras pode tudo, deve ser submetida a tudo, e que estão mais disponíveis, então esse imaginário racista e sexista permanece vivo no meio que eu ando e nas coisas que eu observo. (Kainda)

- Eu acho que as mulheres brancas se soltam mais nas relações elas são mais elas eu acho que a gente tem mais medo não que elas não tenham mas agente tem mais. Eu acho quer preservar mais a relação porque tem medo de ficar só muitas de nós enxergamos aquele homem como a tabua de salvação se for uma cara que tem um status a gente vai segurar com mais força essa relação. Eu acho que a nossa solidão é bem diferenciada da delas porque a nossa forma de lidar com eles é diferente. (Sibadili)

Pytia avança no sentido de identificar que para além da diferenciações que colocariam mulheres negras “disputando” com mulheres brancas há uma representação social que as classificam a revelia de suas posturas. Com isso, não estou afirmando uma passividade das mulheres diante dessas construções:

Na verdade não é que as mulheres brancas gostam de “A” e as mulheres negras gostam de “B”na verdade eles ditam o que elas merecem e que as mulheres brancas merecem uma coisa e as negras merecem outras coisas e como todos esses atores que produzem isso acham que as mulheres não tem voz ativa nem as brancas

nem as pretas muito menos as mulheres pretas então eles falam por ela o tempo todo (Pytia).

A relativização que a última entrevistada faz acerca das escolhas que não seriam distintas para mulheres negras e brancas se depara com um quadro mais rígido no campo da representação social. Não se trata de escolhas e vivências muito distintas e sim de um quadro restrito, diferenciado e desigual de opções no que tange à imagem de mulheres negras e brancas.

3.6.4 - O corpo

O corpo é trazido pelas negras jovens feministas como central nessa discussão de sexualidade. Sobre eles são impressos significados que marcam as experiências afetivo-sexuais de cada pessoa:

As mulheres e o corpo sempre tiveram uma relação problemática. Às vezes vivemos fechadas em seus limites, sem poder sair do corpo. Em outros momentos, vemo-nos como oferta para a demanda de homens, tanto que queremos nos converter em donzelas puras, honradas, bonitas e amantíssimas. Ou nas sedutoras famintas. [...] O século passado, o XX, ofereceu-nos mais. Ofereceu-nos a possibilidade de profissões, poderes de aquisição, mobilidade, controle de natalidade, leis que nos protegem, a declaração legal da igualdade. Abriu-nos a definição do que é ser mulher. Mudou-nos os remetentes. Mas esta mudança não nos liberou do paradoxo do que é o corpo. Acontece que ainda nos sentimos asfixiadas, presas pelo corpo e pela rede de significados que este tece. É como se agora, no princípio do século XXI, não pudéssemos sair da estreita prisão dos corpos. (SANTOS-FEBRE, 2010, p.82)

Iori, abaixo, fala do caráter público com que o corpo negro tomou na escravidão e no pós-abolição de modo que posso ser tocado sem mesmo o consentimento das próprias pessoas:

- venho pensando nesse lugar nesse desejo do outro abusivo, abusivo e desrespeitoso com o corpo negro. Todo mundo quer tocar no seu corpo todo mundo quer pegar, todo mundo quer bater mesmo na brincadeira dar uma palmadinha na

bundinha, quer esticar os lábios quer fazer alguma coisa, mas não passa disso quer utilizar ele como mercadoria. (Iori)

- o corpo e a sexualidade é lido como algo muito mais gratuito e acessível, as pessoas enxergam o corpo da mulher negra como algo possível, consumível, tocável, sempre olhado, sempre pode olhar é como se sempre pudessem olhar e consumir da maneira como eles quisessem (Abayomi)

Também Abayomi retoma a questão que a Iori havia salientado; através das falas das interlocutoras essa dimensão parece se recriar ao longo do tempo como novas roupagens, mas com o mesmo teor opressor.

3.7 - RECONSTRUINDO IMAGENS DA MULHER NEGRA

3.7.1 - Feminismos negros

No IENNJF, tivemos uma discussão, rica, sobre Feminismo Negro com as duas palestrantes da mesa de abertura, fato esse já mencionado no capítulo 2. Para dissertar sobre o assunto, através das falas das jovens entrevistadas, é necessário pontuar que embora o tema seja recorrente no meio ativista brasileiro a maioria dos referenciais teóricos para tal grupo são estadunidense. As interlocutoras ao serem perguntada sobre o que entendiam por ser feminista mencionaram também duas ou mais características pontuadas por Patricia Hill Collins como princípios do Feminismo Negro e trazidas por Luiza Bairros no fragmento abaixo.

[...] Patricia Hill Collins desvenda uma longa tradição feminista entre mulheres negras com base no pensamento daquelas que desafiaram idéias hegemônicas da elite masculina branca expressando uma consciência sobre a intersecção de raça e classe na estruturação de gênero Tal tradição constituiu se em torno de cinco temas fundamentais que caracterizariam o ponto de vista feminista negro 1) o legado de uma historia de luta 2) a natureza interligada de raça gênero e classe 3) o combate aos estereótipos ou imagens de controle 4) a atuação como mães professoras e líderes comunitárias 5) e a política sexual", (BAIRROS, 1995, p.462)

- Ser feminista negra pra mim não é um recorte de identidade, tipo vamos fazer um recorte geracional dentro do Movimento Negro ou do Movimento Feminista, não é um recorte de identidade é uma identidade singular uma identidade primeira mesmo. Para além de identidade é um lugar de disputa política, é um lugar político de

enfrentamento de conquista de centralização de idéias de construção de coisas mesmo é um lugar de centralidade de singularidade não é um recorte. Não existe as feministas e dentro as feministas negras. Não existe um Movimento Negro dentro do Movimento Negro, Feminista, eu entendo isso como um lugar central que tem história que tem demanda que tem uma história específica. Essas diferenciações são feitas, por exemplo, não tem como agente falar do feminismo tendo o entendimento do que é o feminismo e não dizer que existe um feminismo que é negro não é uma coisa que surgiu depois dentro da história do feminismo. O feminismo foi construído junto com o Movimento das Mulheres Negras, mas na disputa de poder houve uma desvantagem histórica da gente [...] na hegemonia no ganho da história existe sempre algumas forças que ficam a frente e outras que ficam em desvantagens [...] disputa de poder ficou a idéia de que o feminismo é branco, mas não foi construído sem as mulheres negras, foi construído com as mulheres negras. Então, eu acho que o feminismo negro, que esse reclame de identidade, não é para dizer agora existe o feminismo negro é pra dizer que existe um feminismo negro que também construiu o feminismo. (Zarina)

- Ser feminista é se identificar, no meu caso, por ser uma mulher negra militante e com a militância a gente abre nossos olhares e ouvidos para o que está acontecendo no nosso estado no país sobre a questão das mulheres, ainda mais porque, somos mulheres negras nós temos que lutar o dobro. porque ser mulher no Brasil é difícil ser mulher negra é mais difícil, é a nossa luta diária contra machismo e o racismo. (Lisha)

Os entendimentos são diversos, por isso, faço couro que esse denominação de movimento seja (re)conhecido no plural, Feminismos Negros. Sobre a definições de se identificar como feminista, as jovens assim como Luiza Bairros tiveram o entendimento que:

Feminismo é o instrumento teórico que permite dar conta da construção de gênero como fonte de poder e hierarquia que impacta mais negativamente sobre a mulher. É lente através da qual as diferentes experiências das mulheres podem ser analisada criticamente, com vistas a reinvenção de mulheres e de homens foras dos padrões que estabelecem a inferioridade de um em relação ao outro. (BAIRROS, 1995, p.462)

- Entendo que ser feminista é reconhecer que há algumas opressões que chegam até nós pelo fato de sermos mulheres, que a gente tem que lutar contra e se

unir com outras mulheres para isso, contra o racismo, o patriarcado, o machismo, todas as opressões que chegam às mulheres. Sou uma feminista em construção, feminista negra (Etana)

- Ser feminista é lutar a cada momento pela equidade de gênero, em qualquer espaço, seja na profissão, na família, na rua é fazer algo para mudar um pouco essa desigualdade de gênero, então, muitas vezes mesmo que eu não perceba eu estou exercendo meu feminismo, acho que é muito no campo da prática mesmo. (Kainda)

- O feminismo em minha vida é relacionado a uma prática diária de fazer os embates contra-hegemônicos, eu sinto na pele e vejo como foi com minha mãe, minhas avós, minhas amigas próximas [...] não um discurso vinculado a algum grupo feminista até mesmo porque eu não sou vinculada a nenhum grupo feminista.[...] de forma individual me liberta de algumas coisas que vi e vivi em casa em relação a meu pai e minha mãe, nas relações que eu tive [...] traz um outro papel de mulher como essa relação com homem não é uma relação de briga, ela tá num espaço que é dela ninguém toma ninguém dá, é dela. (Pytia)

- Eu acho que é uma questão extremamente subjetiva, não depende de participar de grupos, fazer atividades [...] por isso que os homens podem ser feministas em tese, porque é um movimento subjetivo de questionar, assumir uma postura, contrária a postura machista de combate, não só entender que o mundo se organiza de maneira heteronormativa, patriarcal, mas assumir uma direção contrária, contra hegemônica, agir e se enquadrar em espaços e se movimentar dessa forma. Eu acho que é muito subjetivo, por isso que independe de participar de grupos é mais transformar sua postura e espalhar e conversar com outras pessoas e se possível participar de articulações, mas sozinha você pode ser bem feminista. [...] a gente vai se tornando várias identidades, por exemplo, eu sou feminista e sou negra , mas eu sou feminista e sou lésbica [...] tem uma aproximação enorme entre eu e as mulheres que são brancas e lésbicas e tem uma aproximação muito grande também entre eu e as mulheres que não são lésbicas, são diálogos possíveis e isso acontece, diálogo com as mulheres lésbicas, que não são negras ,mas eu sinto muito fortemente ser feminista negra e o que a gente vem tentando amadurecer enquanto feminismo negro , e enquanto que existe como feminismo lésbico, é mais é estabelecido ser feminista lésbica, justamente por causa desses movimentos que já existiram de feministas radicais que

eram lésbicas, que tem literatura, que tem muita coisa escrita, grupo que já existiam. Que é mais fácil definir o que é uma feminista lésbica, do que uma feminista negra, isso pra mim ainda é mais tudo, mas não sei na linha feminista negra lésbica (risos). (Abayomi)

- É pensar o que é ser mulher nessa sociedade, pensar nessa história não a partir do patriarcado, porque isso é pensar a partir do homem, e aí construir uma nova postura dessa mulher na sociedade, desconstruir desde a questão política até a questão do corpo, mostrar que sempre fomos importantes nessa sociedade que a gente vive, conhecer quem é você nessa história, não só pelo biológico, não só por essas expressões, esses clichês que existem “ah, mulher é meiga”, não, eu acho que temos é que desconstruir toda essa leveza, não, que a gente não tem essa leveza que nos foi colocada, que colocou pra gente que ser mulher é o sexo frágil, impossibilitada de fazer algo em detrimento da sua sexualidade. Feminismo é também falar de arte, na arte a mulher sempre esteve presente e sempre vai estar, discutir o lugar da mulher, em todo que é canto, não é um lugar só de pensar sobre, mas de fazer sobre o que incomoda, sobre o que vc realmente quer, modificar a estrutura e não viver mais nesse lugar porque já estamos cansadas, não dá mais para a gente ouvir aquele discurso de que não vamos pegar peso porque a gente não pode, porque isso é ideológico, está comprovado biologicamente (que a mulher não é frágil), para inviabilizar a nossa atuação na sociedade e no mundo. Me considero feminista negra. (Iori)

- Respeitar outra mulher, outra mulher negra compreender que ela é uma aliada uma irmã uma aliada e trazer ela para o nosso lado e inclui - lá na luta. Para mim ser feminista não é excluir outra mulher negra é incluir é inclui - lá na luta.[...] o feminismo negro não é algo individualista [...] ser feminista negra é estar nos espaços de poder, por exemplo, e trazer outras mulheres para trabalhar com você. É você estar em lugar de destaque e trazer outras mulheres para trabalhar, para estudar, convidar para fazer cursinho dar outras oportunidades propor outras atividades trazer para junto e tirá-las do comodismo de dentro de casa e trazer para junto da gente. (Gerba)

Em contraposição às demais, Sibadili, não se identifica com o termo, feminista, pois para ela esse termo está carregado de universalismos que não contemplam a especificidade de ser negra:

- O movimento feminista carrega essa bagagem e aí nesse universo atual de hoje eu desejo me identificar como uma mulher negra do movimento de mulheres, do

movimento de mulheres do MNU [...] eu me sento muito mais no movimento de mulheres (Sibadili)

3.7.2 - Auto-estima

A idéia de auto-estima e a importância dela têm um lugar especial nas discussões do Movimento Negro⁵⁴, em especial, e é entendida como primeiro passo para o empoderamento. A estratégia da subalternização através de idéias negativas inculcadas sobre si mesmo foi por muito tempo eficaz como tática do racismo e ainda hoje, acredito que em menor escala. Neusa Santos (1983), no referido estudo, apresenta pessoas negras em processo de ascensão social que tomam como referencial “o branco”. como modelo a ser alcançado em termos de comportamento e negam qualquer referencial que os projete a referenciais negros. Pois, para os /as interlocutoras/es desta]pesquisa existe um “paralelismo negro/miséria X ou ascensão social através do modelo branco. Porém, a autora acredita que através do que ela chama de postura política altera-se essa percepção:

Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade. (SANTOS, 1983, p.17)

Parece que a assertiva é pertinente, pois as interlocutoras desta pesquisa, em contraposição as/os entrevistadas/os no trabalho de referida autora, têm uma construção de auto-estima positiva e alicerçada em imagens positivas de pessoas negras e de mulheres. Apesar de reconhecerem a existência de estereótipos relativos ao pertencimento racial, de gênero, de classe, de geração e de orientação sexual, como já apontado, o ativismo teve papel fundamental nesse processo. Elas observam e identificam que há uma reificação dos estereótipos e por outro lado há também a possibilidade de quebra desses estereótipos pelo enfrentamento através de estratégias, o que podemos observar nas falas abaixo:

⁵⁴ Frase de Malcom X, líder negro estadunidense de uso popular “revolução é quando se muda idéia sobre si mesmo”

-Meu corpo fala, se eu tô bem, meu cabelo tá bem, eu acho que de certa forma libera um pouco de minha auto-estima para a pessoa, se bem que tem homens e mulheres que tem medo de chegar até mim, porque a forma que eu me visto passa um pouco de medo, então acho positivo mais às vezes acabam prejudicando, pelo fato de eu tá “me achando”, isso assusta, principalmente homem, eu acho que os homens tem um pouco de medo de mulher “retada”, quando é homem [essa postura] pode ser negativo. (Kainda)

- [falando do passado] se eu tivesse a auto-estima bem elevada, talvez eu nem precisasse de nenhuma dessas estratégias pra chamar a atenção do sexo oposto, que eu saberia que em algum momento [ele] ia me achar bonita, agradável. (Etana)

Etana, como nas falas sobre a importância do ativismo para as percepções sobre suas vivências, estabelece uma linha divisória entre o antes e o agora. bell hooks, diz que para além de uma retomada de consciência é necessária uma postura que reflita uma não vitimização e uma atitude de auto-determinação.

Para reagir à fixação da retórica da vitimização, as pessoas negras tem que se engajar num discurso de auto-determinação (hooks, 2000, p.472)

Iori relata como foi que conheceu o significado do termo mulata e para, além disso, como tomou uma postura de não passividade diante desse discurso, um discurso de autodeterminação:

- Ela começou a falar na palavra mulata e começou a fazer a epistemologia [sic] da palavra e tal. Eu, nossa menina!!! Eu que adorava ser chamada de mulata (risos). [...] então, essas palavras que são muito carregadas historicamente e você descobre que essa palavra enfraquece a mulher dentro da sociedade, enfraquece em todos os sentidos porque elas acham [consideram] você meramente um objeto sexual como um depósito de esperma. Então, você começa a escolher a falar e também a discutir a palavra nos lugares em que você é chamado. Porque quer queira ou não eu ainda sou chamada de mulata [...] Muitas pessoas dizem que isso é bobagem, bobagem para as pessoas que não conhece a história quem não conhece o que estamos falando do lugar onde você parte (Iori)

Ela continua identificando que ainda há uma defasagem de discussão em relação à sexualidade propriamente dita e que ainda é necessário realizá-la.

- Menina, eu acho que esse negócio de sexualidade no movimento negro tem que bombar, sabe. Não temos muita bagagem nesse campo, falamos muito numa perspectiva de prevenção, falamos muito no índice de meninas negras grávidas, mas não falamos desse ato, o ato de fazer, da prática do lugar, de ser política quando você está na cama com alguma pessoa que quer exigir de você determinado comportamento porque você é mulher preta (Iori).

bell hooks, na citação abaixo, disserta sobre os dilemas das estratégias para o enfrentamento a uma lógica de dominação.

Todos os grupos marginalizados nesta sociedade que sofrem graves injustiças, que são vitimizados por sistemas institucionalizados de dominação (raça, classe, gênero e etc), estão face ao dilema peculiar de desenvolver estratégias que chamem a atenção para sua luta de uma forma que mereça respeito e consideração sem reinscrever um paradigma de vitimização (hooks,2000, p.470)

Iori fala dessa necessidade em tom de brincadeira , mas como algo que pode ajudar para um auto conhecimento estratégico:

-Por que não é discutido. O que é que o movimento faz? Sabe aquele livro de auto-ajuda. O que é que o movimento fala sobre isso?, Enfim , acho que é isso. (Iori)

Imagens, discursos, palavras, frases – um mar de representações muitas vezes negativas – compõem um quadro que perpassa a existência da pessoa negra ao longo de sua trajetória. Contra-imagens, contra-discursos, que também são representações construídas parecem iniciar e “terminar” na questão da auto-estima, da valorização pessoal e do que se tem denominado de empoderamento.

3.7.3 - Bem-estar

Tem que está bem com você mesma aí você está pronta para o mundo (Lisha)

A publicação do *Livro da Saúde das Mulheres Negras: Nossos Passos Vem de Longe*, organizado por Jurema Werneck (2000), é uma marco importante para a discussão da saúde no sentido de bem estar. Neste livro há traduções de textos de autoras estrangeiras, textos de brasileiras que abordam as várias dimensões da vida das

mulheres negras. Alguns deles apontando como mulheres negras criam estratégias para ficarem bem.

As interlocutoras dessa pesquisa, apesar de supostamente não terem problemas de auto-estima, pelo menos não no discurso, apontaram estratégias que adotam como formas de permanecerem bem tanto nas relações afetivo–sexuais quanto de lazer:

- Quando você está caminhado em outros espaços, você percebe que seu corpo e sua beleza é desprezada, por isso que eu evito, por exemplo, eu não vou numa boate com um monte de gente branca, hetero, ninguém vai me reparar, vão está olhando para outras pessoas brancas, hetero, loiras, do cabelo liso, até porque eu não vou reparar em ninguém ali eu iria passar despercebida não conseguiria chamar atenção e nem provavelmente encontrar alguém que pudesse me relacionar num espaço desse (Abayomi)

- Aí já vou falando logo porque não quero passar pelo constrangimento da pessoa me chamar de cachorra e aí eu ter que terminar o relacionamento no meio. Eu já vou comunicando que eu também gosto de gozar, o jeito que eu gosto de gozar por que às vezes acham que a gente precisa gozar. (Gerba)

Porém, Iori lembra que o estado de alerta precisa ser constante ante tantas investidas do racismo, sexismo e lesbofobia:

- não posso estar num lugar totalmente relaxada, totalmente dormindo. É pensar que nosso corpo está preparado pra todas as coisas que encontra no caminho e que não dá pra gente ficar relaxando muito mais não, relaxar é bom, mas em um outro momento. (Iori)

O cenário de imagens estereotipadas, muitas delas reificadas na vida social, parece exigir das mulheres negras ativistas um tipo de vigilância. Não se trata de perpetuação ou mesmo reificação de uma situação de vitimização. É uma atitude, elaborada, construída, histórica:

De alguma coisa estou segura, há que celebrar cada instante em que nós escapamos das garras, jamais pensar que a batalha está ganha. Foi hoje que nós escapamos, hoje tão-somente. Amanhã o olho da ciência, do consumo, da depredação estará disposto a uma nova caça. Tem de estar sempre disposta para a escapada, para a batalha. (SANTOS-FEBRE, 2010, p.86)

A autora Mayra Santos-Febres no trecho acima parece conclamar mulheres negras a permanecerem em um batalha cotidiana por seus corpos, por suas sexualidades e bem estar. Foi o que as negras jovens feministas dessa pesquisa também falaram entrelinhas cada uma com estratégias distintas seja ela de uma auto-determinação dentro dos relacionamentos que criam com parceiras/os ou seja discursando a favor da destruição de estereótipos como o da mulata.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira idéia dessa pesquisa, um trabalho que investigasse o discurso sobre a sexualidade de mulheres negras, foi pensando por mim quando eu ainda nem sabia ao certo quais eram os caminhos da pesquisa acadêmica, se é que agora sei. Então, as indagações iniciais estavam marcadas por afetos trazidas do ativismo e conformá-las às estruturas acadêmicas demorou um pouco. Desse modo, as hipóteses primeiras de pesquisa esperavam respostas óbvias das interlocutoras. “*Sim, eu sou uma vítima do racismo e do sexismo*”. A partir da apreensão da teoria feminista, principalmente, compreendi que é necessário politizar os discursos das mulheres, teorizar. Considerando que uma “objetividade corporificada” (HARDING, 1998) nos permite fazer isso.

A escassez das bibliografias que tratassem do tema em si e mais ainda as “provocações” feitas por feministas negras e mulheres negras sobre o assunto, sempre como algo que estava lá esperando que alguém se propusesse a fazer. Poderia ter trabalhado com mulheres negras sem fazer um recorte geracional, mas eram as jovens que apresentavam inquietações e tinham muito por dizer e queriam também saber. Passei horas em conversas “de boteco” ou de “auto-ajuda” com jovens negras falando sobre o tema. Falei diversas vezes do trabalho que pretendia escrever o que me ajudou muito a organizar as idéias.

Então, antes de tudo esse trabalho é um diálogo com negras jovens feministas que através da lente do ativismo anti-racista, anti-lesbofóbico e feminista reorganizaram suas lembranças de modo significativo a construir suas auto-estimas. Logo, após delimitar o grupo com o qual trabalharia tinha também o meu problema de pesquisa: como mulheres negras, jovens e feministas, percebem e (re)formulam o discurso sobre suas sexualidades nas suas vivências afetivas e ativistas.

Havia um cenário para essa pesquisa, um país, de passado escravista, que carrega profundas marcas desse período, dado que fazem poucos mais de 100 anos da dita Abolição. O imaginário social ainda está povoado de imagens de pessoas negras subalternizadas que “preferem” trabalhos braçais ou de mulheres negras que se dedicam a cuidar da casa de outras pessoas e são tratadas como “da família”. De mulheres negras lascivas que provocam homens ‘de bem’ e eles não “conseguem se controlar” e caem em tentação. Esse quadro também compõe a pesquisa.

Realizei a pesquisa em Salvador, cidade negra, que apesar de ter essas imagens no seu imaginário social também possui imagens positivas de mulheres de mulheres negras, como as mães de santo, compreendidas assim por uma parte significativa do ativismo negro da cidade.

A partir do roteiro orientador, com questões para delinear o perfil, apreender o que entendem por sexualidade e como se processam os discursos sobre suas sexualidades, assim, atingindo os objetivos traçados no trabalho. Desses discursos enunciados pelas interlocutoras alguns pontos ganharam uma relevância grande. As experiências afetivo-sexuais e as expectativas em torno delas tomaram uma grande dimensão quando as interlocutoras falavam sobre sexualidade de mulheres negras. As categorias raça, classe, orientação sexual, e gênero se “materializaram” nos relatos pessoais. As interlocutoras expuseram suas percepções sobre a reprodução dos estereótipos de gênero e raça e de como esses atravessam e reconfiguram a suas experiências. Destaca-se a relevância da categoria “vivência” para o trabalho, como também uma noção de experiência com a qual trabalhei que ressalta a importância de um viés não essencialista que cristaliza identidades.

Por conseguinte, foram abordadas, basicamente, as questões levantadas pelas interlocutoras nas entrevistas. Temas relativos às representações e às imagens muitas vezes estereotipadas de mulheres negras, além do traço marcante da experiência ativista como balizador das percepções e auto-determinação. O ativismo aparece como divisor de águas e lente para análise de situações do presente e das vivências passadas, antes eram submetidas a relações violentas, por exemplo, e no agora não mais, possuem uma certa autonomia afetiva. O papel do ativismo é central na construção de novas imagens, imagens positivas. Os tópicos que foram definidos obedecendo a recorrência que o assunto surgia, desse modo, alguns temas foram quase unânimes, por exemplo, a centralidade do corpo nesse debate e outros menos recorrentes, mas não menos contundentes como o caso do turismo sexual e da violência.

A auto-estima também foi um ponto que me despertou a atenção, todas sem exceção tinham uma construção positiva sobre si mesma. E isso não foi perceptível por uma fala direta, mas por uma postura corporal e de discurso geralmente imponente. Uma crítica aguçada aos homens negros, para algumas parceiro preferencial para relacionamentos afetivo-sexuais e para outras parceiro potencial na luta anti-racista também foi marcante.

Na verdade, as considerações que faço não são finais são apenas contribuições, visto que haveria mais uma riqueza de temas a serem explorados no material de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Carolina, et al. “Entrevista com Mariza Côrrea”. In.: Cadernos de Campo: Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, 2003. p.103-122.

ASSIS, Mabel et all. A saúde mental da população negra: uma breve reflexão a partir da experiência com grupos de auto-ajuda. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa & WHITE, Evelyn C. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2000. p. 171-179.

BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. In.: Estudos Feministas. V.3, N.2, 1995. p. 458-463

BARBOSA, Wilson do Nascimento e SANTOS, Joel Rufino. Atrás do Muro da Noite: Dinâmicas das Culturas Afro-Brasileiras. Brasília Ministério da Cultura/ Fundação Cultural Palmares. 1994. 163p.

BAUKJE, Prins e MEIJER, Irene Costeira. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. In: Estudos Feministas. Vol. 10 N.1/2002. Florianópolis: UFSC, 2002. p. 155-169.

BERQUÓ, Elza. Nupcialidade da população negra no Brasil. Campinas: NEPO /UNICAMP, 1987. p.08-43.

BONETTI, Aline. Etnografia, gênero e poder: Antropologia Feminista em ação. In.:Mediações, Londrina, v. 14, Jul/Dez. 2009 n.2. p. 105-122.

BRITO DA MOTA, Alda. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. Cadernos Pagu, Unicamp, Campinas, n.13, 1999. p. 191-221.

CANCLINI, Néstor García. A globalização da antropologia depois do pós-modernismo. In: CANCLINI, Néstor García. Diferentes, desiguais e desconectados. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. p. 129-149.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. Estudos Avançados, Set./Dez., vol.17, nº. 49; 2003. p. 117-133.

_____ A mulher negra na sociedade brasileira – o papel do movimento feminista na luta anti-racista. In.: MUNANGA, Kabengele. História do Negro no Brasil: Resistência, Participação e Contribuição. Brasília, 2004. p. 284-337.

_____ A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. 339f. Tese (Doutorado em Filosofia) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CHRISTIAN, Barbara. A disputa de teorias. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis V. 7 (1-2), 1999. p. 85-97.

CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. Cadernos Pagu (6-7). Campinas-SP; UNICAMP, 1996, p.35-50.

COSTA, Claudia de Lima. O Leito de Procusto: Gênero, Linguagem e a teorias Feministas. In: Cadernos Pagu, n2, 1994, p.147-174.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativo ao gênero. In: Estudos Feministas, V.10.. 2002-1, p.171-188.

CRUZ, I. C. F.; PINTO, A. S. - Tópicos sobre sensualidade, sexualidade e emancipação: um survey sobre as mulheres negras. Revista Eletrônica de Enfermagem (online), Goiânia, v.3, n.2, jul-dez. 2001. Disponível: <http://www.fen.ufg.br/revista> Acessado em 16/06/2010.

CULLER, Jonathan. Leitores e leituras. In: Sobre a desconstrução: teoria crítica do pós - estruturalismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 39-77.

DAMASCENO, Janaina. Corpo de quem? Espetáculo e ciência no século XIX. In.: Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. SBPC. Disponível em: <www.comciencia.br> 10/10/2007. Acessado em 15/12/2010

DAMATTA, Roberto. Trabalho de campo. In.: Relativizando: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p.143-173.

_____. A antropologia no quadro das ciências sociais. In: Relativizando: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 58-85.

EVANS-PRITCHARD, E.E. Algumas Reminiscências e Reflexões sobre o Trabalho de Campo. In: Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 298-3.

FEREIRA, Francirosy Campos Barbosa. Mais de mil e uma noites de experiência etnográfica: uma construção metodológica para pesquisadores - performers da religião. In.: Etnográfica, Nov. de 2009, 13 (2). p. 441-464.

FORMIGA, Nilton. Valores humanos e sexismo ambivalente. In.: Revista do Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 19 - n. 2, Jul./Dez. 2007. p. 381-396.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 152p.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal, 30ª edição, Rio de Janeiro: Record, 1995 [1933]. p.

_____. FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro. Editora Record. 9ª edição. 1996. 380p.

GIACOMINI, Sonia Maria. Mulher e escrava – uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Vozes, Petrópolis, 1988. 95p.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Sociedade Brasileira. In: Revista Ciências Sociais Hoje: ANPOCS, 1984. p. 223-244.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. Racismo e Anti-racismo no Brasil. São Paulo; Editora 34, 1999. 238p

HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura negra?. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 317-333.

HARAWAY, Donna, “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”, Cadernos Pagu, (5), 1995:07-42.

HARDING, Sandra. Existe un método feminista? In.: Debates en torno a una metodología feminista. BARTRA, eli (Compiladora) México: Universidad Autónoma Metropolitana. Colección Ensayos, 1998. p. 63-102.

HEILBORN, Maria Luiza (Org.). Sexualidade: O olhar das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. v1. 206 p.

_____. Experiência da Sexualidade, Reprodução e Trajetórias Biográficas Juvenis o olhar das ciências sociais. In.: (Org.). HEILBORN, Maria Luiza et all. O Aprendizado da Sexualidade: Reprodução e trajetória sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Gramond e Fiocruz, 2006. p. 29-57.

hooks, bell. Intelectuais negras. Revista Estudos Feministas. IFCS/UFRJ & PPCCIS/UERJ. Rio de Janeiro, v. 3 n.2, 1995. p. 464-478.

_____. Vivendo de Amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa & WHITE, Evelyn C. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2000. p.188-198.

_____. Recusando-se a ser uma vítima. (Tradução livre). Disponível em <http://confabulando.org/kk2011/index.php/Main/Recusando-seASerUmaVitima-BellHooks>. Acessado em 09/01/11.

INOCÊNCIO, Nelson Odé. Representação Visual do corpo Afro-descendente. In: PANTOJA, Selma et all (org.). Entre Áfricas e Brasis. Brasília: Paralelo 15 - São Paulo: Marco Zero, 2001. p. 191-208.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Mito e significado. Lisboa: Edições 70, 1989. Disponível em: http://proferlao.pbworks.com/f/Claude_Levi-Strauss_-_Mito_e_S.pdf. Acessado em 10 de Janeiro de 2011.

LOPES, Helena Theodoro. Mulher negra e mitos no Brasil. In: VII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana, 1999, Rio de Janeiro. Anais do VII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana - VI Fórum do Mestrado de Sexologia da UGF, 1999.

LOYOLA, Maria Andréa. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. IN.: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). Sexualidade: O olhar das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p. 31-39.

MACÊDO, Márcia. 2008 Na trama das interseccionalidades: mulheres chefes de família em Salvador. 247f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Defendida em 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. A coleta e a interpretação dos dados empíricos. In.: Magia, ciência e religião. Ed. da UFRJ, 1985. p. 143-158.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Conceito de Representação dentro da Sociologia Crítica. In: GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra. Textos em Representações Sociais. 2ª Ed. Rio de Janeiro. Vozes. 1995. p. 89-111.

MOREIRA, Diva & SOBRINHO, A. O homem negro e a rejeição da mulher negra. In.: Costa et al. (orgs) Alternativas Escassas: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina. São Paulo: Editora 34, FCC, 1994. p. 81-107

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra e o Amor. In.: RATTS, Alex. Eu Sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Imprensa Oficial, 2007. p.126-129.

NASCIMENTO, Clebemilton Gomes do. Entrelaçando corpos e letras: representações de gênero nos pagodes baianos. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

NOGUEIRA, Isildinha B.. O corpo da mulher negra. Revista de Psicanálise, ano XIII, n135, 40-45. Disponível em http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/135_04.pdf. Acessado em 13/02/2011

PACHECO, Ana Claudia Lemos. “Branca para casar, mulata para f.. e preta para trabalhar: Escolhas Afetivas e significados de Solidão entre mulheres Negras em Salvador-Bahia. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2008.

PEREIRA, Elcimar Dias. Desejos Polissêmicos: discursos de jovens mulheres negras sobre sexualidade. 156f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade de São Paulo. Defendida, 2008.

PINHO, Osmundo de Araújo. O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação. Cadernos Pagu n°23. Campinas: UNICAMP, 2004. p.89-119

_____ Pluralizando: Raça e Gênero. AFIRMA Revista Negra Online, Rio de Janeiro. Disponível: <http://www.afirma.inf.br/pluralizando.htm>; Data de publicação: 20/11/2001. Acessado em: 31.07.2005.

ROLAND, Edna. O movimento de mulheres negras brasileiras: desafios e perspectivas. In: GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. Tirando a Máscara. São Paulo: Paz e Terra, p. 237-257, 2000.

SARDENBERG, Cecilia . Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?. In: Ana Alice Costa; Cecilia Maria Bacellar Sardenberg. (Org.). Feminismo, Ciência e Tecnologia. 01 ed. Salvador: REDOR/NEIM/UFBA, 2002, p. 89-120.

SANTOS, Milton. Cidadanias Mutiladas. In: LERNER, Júlio et al. O Preconceito. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997, p. 133-145.

SANTOS, Neusa. Tornar-se Negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983. 88p.

SANTOS-FEBRES, Mayra. Mais mulher que todas. In: Revista da ABPN. v. 1, n. 1 - mar-jun de 2010. p.78-87.

SCOTT, Joan."Gênero: uma categoria útil de análise histórica". Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

_____ A invisibilidade da experiência. In.: Projeto História, São Paulo. (16) fev.1998. p. 297-325.

SEGATO, Rita Laura. Os Percursos de Gênero na Antropologia e para além dela. Brasília, Dep. de Antropologia UnB,. (Série Antropologia nº 236), 1998

SOUZA, Edileuza Penha de. Mulher negra: sua sexualidade e seus mitos. In.: QUINTAS, Fátima(org.). Mulher Negra: preconceito, sexualidade e imaginário. INPSO/FUNDAJ, Instituto de Pesquisas Sociais, Fundação Joaquim Nabuco, Ministério de Educação, Governo Federal, Recife, Brasil. 199?. p. 10-22.

STOLCKE, Verena. "Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade?". Estudos Afro-Asiáticos, (20), Rio de Janeiro: junho de 1991. P. 101-119.

_____STOLKE, Verena. O enigma das interseções: classe, "raça", sexo, sexualidade: a formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. Revista Estudos Feministas, vol.14, no.1. Florianópolis: UFSC, 2006. p. 15-42

SUÁREZ, Mireya. Desconstrução das categoriais "mulher" e "negro". Grupos de trabalho temas e problemas da população negra no Brasil XV Encontro anual da ANPOCS, 1992, 26 p. (mimeo).

WALKER, A. Ninguém segura Essa Mulher. São Paulo: Marco Zero, 1987, 178p

_____ Vivendo pela palavra. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, 189p.

_____ Vivendo pela Palavra. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, 132p

WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa & WHITE, Evelyn C. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2000. 256p

WERNECK, Jurema. Algumas considerações sobre racismo, sexismo e a tecno-eugenia. Disponível em http://www.criola.org.br/artigos/artigo_racismo_sexismo.pdf. Acessado em 01/03/2011

ANEXOS

Anexo 1- Ficha de inscrição do I Encontro Nacional de Negras jovens Feministas

FICHA DE PRÉ INSCRIÇÃO 27, 28 e 29 de Novembro de 2009 – Salvador - BA 1º Encontro Nacional Negras Jovens Feministas			
DADOS CADASTRAIS			
Nome:			
Endereço:			
Bairro:	CEP	Cidade	Estado
Telefone	Celular	E-mail	
Idade:	Escolaridade:	Qual dessas categorias melhor te representa? Preta () parda () negra () Afrodescendente () outra (). Qual? _____	
Orientação afetivo-sexual : homossexual/lésbica () bissexual () heterossexual () Outra ()		Organização/entidade /partido que faz parte:	
Estado civil: Solteira () separada () Casada () viúva ()		Necessidade especial? Qual?	
Problemas de saúde: Diabete () pressão alta () Pressão baixa () coração () outro () qual? _____		Tomou conhecimento do encontro por: Internet () amigas/os () lista discussão () indicação () Outros () qual? _____	
Sua expectativa em relação ao encontro: _____ _____ _____		Solicita bolsa para o encontro: Integral: alimentação, transporte e hospedagem () Parcial: alimentação e hospedagem () Não solicita ()	

O que você considera ser feminismo negro brasileiro?

Enviar para: negrasjovensfeministas@yahoo.com.br

AS SELECIONADAS SERÃO INFORMADAS POR EMAIL ATÉ A DATA 16 /11/2009

Anexo 2- Material de divulgação do I Encontro Nacional de Negras Jovens Feministas

I ENCONTRO NACIONAL DE
NEGRAS JOVENS FEMINISTAS

27 A 29
NOVEMBRO 2009

HOTEL VILA VELHA
SALVADOR - BAHIA

(AV. SETE DE SETEMBRO, 1971 - COLEGADOR DA VITÓRIA SALVADOR - BAHIA)

ARTICULAÇÃO NACIONAL DE NEGRAS JOVENS FEMINISTAS PROMOVE ENCONTRO EM SALVADOR

Cerca de 120 jovens negras de diversas regiões reunidas em Salvador no mês da Consciência Negra para discutir propostas de enfrentamento ao racismo e ao sexismo, que ainda colocam as mulheres negras nos patamares mais inferiores da pirâmide social. É com esse intuito que acontece na cidade, de 27 a 29 de novembro, o 1º Encontro Nacional de Negras Jovens Feministas, iniciativa da Articulação de mesmo nome. O Encontro tem o intuito de reunir jovens negras, lésbicas, sindicalistas, rurais, candombecistas, universitárias para discutir e tentar consolidar uma articulação de mulheres que abarque as diversas bandeiras políticas emancipatórias da condição de ser mulher.

A mobilização é uma estratégia para avaliar a conjuntura e os desafios da realidade cotidiana das milhares de jovens feministas negras espalhadas pelo Brasil. Dentre as diretrizes do Encontro está a proposta objetiva de enfrentamento a qualquer tipo de discriminação, de gênero ou de raça, somada à necessidade de intervenção e participação das jovens no cenário sociopolítico. O evento contará ainda com a presença de autoridades governamentais, militantes dos movimentos Negro e Feminista Negro, além de intelectuais das temáticas. Com o Encontro, será formatada uma Carta de Princípios que deverá ser encaminhada às Secretarias e Superintendências voltadas à criação de políticas públicas que atinjam este público.

Histórico - A Articulação foi criada no 1º Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe, que ocorreu no Brasil, em 2005. Além dos painéis, plenárias e reuniões, o evento contou com a oficina Diálogo entre Movimentos Feministas e Movimento Negro, cujo resultado direto foi a criação da Articulação de Negras Jovens Feministas. A partir desse momento, inicia-se o processo de atuação, socialização e diálogo sobre a história do feminismo negro e as implicações trazidas de ser jovem negra feminista na sociedade brasileira.

PROGRAMAÇÃO

1 Dia Abertura: 27 de novembro

- Credenciamento 14 às 18h
- Mesa de Abertura - Histórico de militância, conquistas e conjuntura política em torno das pautas das Negras Jovens Feministas do Brasil (Composição da mesa: 5 jovens por recorte regional) 18h.
- Mesa institucional - (Composição da mesa: SEPROMI, UNFPA, UNIFEM, OXFAM, SEPPPIR, CEAFRO, FES, Representante do Mandato do Deputado Federal Luiz Alberto), 18h30
- Mesa inaugural Feminismo Negro e Movimento de Mulheres Negras no Brasil. (Composição da mesa: Luiza Bairos e Jurema Werneck), 19h.

2 Dia Exposições, debates e oficinas

Manhã

- Mesa : Religião e cultura afro brasileira na visão negra jovem feministas. (Composição da mesa: Lindinalva Barbosa) 9 às 10h30.
- Lanche: (10:30 às 10:45h)
- Mesa: Segurança Pública para as Negras Jovens. (Composição da mesa: Vilma Reis), 10:45 às 12h30.

Almoço (12:30 às 14h)

Tarde

- Mesa: Movimento Feminista Negro, Movimento de Mulheres Negras e

Movimento de Lésbicas e Bissexuais Negras, aonde se convergem? (Composição da mesa: Valdecir Nascimento), 14 às 15h30.

- Lanche : 15:30 às 15:45h.
- Mesa: Afetividades e Jovens Negras (Composição da mesa: Benilda Brito), 15:45 às 17:30h.

3 Dia Grupos de trabalho

Manhã (9 às 11:00h)

- GT1: Corporeidade negra: aborto e saúde
- GT2: Ocupação / renda
- GT3: Educação
- GT4: Inserção em espaços políticos
- GT5: Regionalidade

Apresentação dos GTS (11:00 às 12:00h)

Almoço: 12:00 às 13:30h

Apresentação da proposta de agenda, elaboração da carta Negras Jovens Feministas e agenda das demandas vindas dos grupos, (13:30 às 15:00h).
Plenária final: (15:00 às 18:00h)

Festa de encerramento: Show da Cantora Ellen Oléria. Sankofa bar Pelourinho. (20h)

1º ENCONTRO DE NEGRAS JOVENS FEMINISTAS

Fanzine Negras Jovens Feministas

número 2- novembro- 2009- Salvador- BA- Brasil

Salve guerreiras!

Este é o fanzine 2 das Negras Jovens Feministas, nele vc vai encontrar a apresentação e programação do 1º Encontro Nacional de Negras Jovens Feministas, textos de jovens mulheres negras que mandam sua letra saudando o encontro e nossa ancestralidade & uma participação mais que especial.

Axé e bons trabalhos!

Articulação Nacional de Negras Jovens Feministas promove encontro em Salvador

Perca de 120 jovens negras de diversas regiões reunidas em Salvador no mês da Consciência Negra para discutir propostas de enfrentamento ao racismo e ao sexismo, que ainda colocam as mulheres negras nos patamares mais inferiores da pirâmide social.

É com esse intuito que acontece na cidade, de 27 a 29 de novembro, o 1º Encontro Nacional de Negras Jovens Feministas, iniciativa da Articulação de mesmo nome. O Encontro tem o intuito de reunir jovens negras, lésbicas, sindicalistas, rurais, candomblecistas, universitárias para discutir e tentar consolidar uma articulação de mulheres que abarque as diversas bandeiras políticas emancipatórias da condição de ser mulher.

A mobilização é uma estratégia para avaliar a conjuntura e os desafios da realidade cotidiana das milhares de jovens feministas negras espalhadas pelo Brasil

Dentre as diretrizes do Encontro está a proposta objetiva de enfrentamento a qualquer tipo de discriminação, de gênero ou de raça, somada à necessidade de intervenção e participação das jovens no cenário sócio-político. O evento contará ainda com a presença de autoridades governamentais, militantes dos movimentos Negro e Feminista Negro, além de intelectuais das temáticas. Com o Encontro, será formatada uma Carta de Princípios que deverá ser encaminhada às Secretarias e

Superintendências voltadas à criação de políticas públicas que atinjam este publico.

*H*istórico - A Articulação foi criada no 1º Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe, que ocorreu no Brasil, em 2005. Além dos painéis, plenárias e reuniões, o evento contou com a oficina Diálogo entre Movimentos Feministas e Movimento Negro, cujo resultado direto foi a criação da Articulação de Negras Jovens Feministas. A partir desse momento, inicia-se o processo de atuação, socialização e diálogo sobre a história do feminismo negro e as implicações trazidas de ser jovem negra feminista na sociedade brasileira.



1º Encontro de Negras Jovens Feministas
Salvador/Bahia, 27, 28 e 29 de Novembro de 2009.

**1 Dia - 27 de novembro**

Abertura

* Credenciamento – 14 às 18h

Mesa de Abertura - Histórico de militância, conquistas e conjuntura política em torno das pautas das Negras Jovens Feministas do Brasil – (Composição da mesa: 5 jovens por recorte regional) 18h.

Mesa institucional - (Composição da mesa: SEPROMI, UNFPA, UNIFEM, OXFAM, SEPPPIR, CEAFFRO, FES), 18h30

Aula inaugural – Feminismo Negro e Movimento de Mulheres Negras no Brasil. (Composição da mesa: Luiza Bairros e Jurema Werneck), 19h.

2 Dia – 28 de novembro

Exposições, debates e oficinas

Manhã

Mesa: Religião e cultura afro brasileira na visão negra jovem feministas. 9 às 10h30.

Lanche: (10:30 às 10:45h)

Mesa: Segurança Pública para as Negras Jovens. (Composição da mesa: Vilma Reis), 10:45 às 12h30.

Almoço (12:30 às 14h)

Tarde

Mesa: Movimento Feminista Negro, Movimento de Mulheres Negras e Movimento de Lésbicas e Bissexuais Negras, aonde se convergem? (Composição da mesa: Valdecir Nascimento), 14 às 15h30.

Lanche : 15:30 às 15:45h.

Mesa: Afetividades e Jovens Negras (Composição da mesa: Benilda Brito), 15:45 às 17:30h.

3 Dia – 29 de novembro

Grupos de trabalho

Manhã (9 às 11:00h)

GT1: Corporeidade negra: aborto e saúde

GT2: Ocupação / renda

GT3: Educação

GT4: Inserção em espaços políticos

GT5: Regionalidade

Apresentação dos GTS (11:00 às 12:00h)

Almoço: 12:00 às 13:30h.

Apresentação da proposta de agenda, elaboração da carta Negras Jovens Feministas e agenda das demandas vindas dos grupos, (13:30 às 15:00h).

Plenária final: (15:00 às 18:00h)

Festa de encerramento: Show da Cantora Ellen Oléria. Sankofa

Bar – Pelourinho. (20h)

Mais informações: (71) 3283-5520.

Ceafro (Escritório Operativo) ou tels (71)8625-9479, 8606-0049, 8781-9749.

negrasjovensfeministas@yahoo.com.br

<http://www.negrasjovensfeministas.blogspot.com/>

<http://negrasjovensfeministas.wordpress.com/>

As anfitriãs: Negras da Bahia! Axé Guerreiras!
Salve especial ao trabalho intenso de Deise Queiroz, Jack Montenegro, Bia Leonel!
Programação sujeita a alterações...



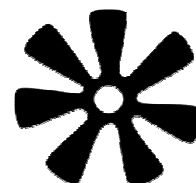
A mulher se mantém forte

Texto: Carla Akotirng

Publicado Jornal A Tarde 07/03/2009

A grande faceta do 8 de março consiste no reconhecimento e exaltação de todas as lutas e conquistas políticas, econômicas e comunitárias protagonizadas pelas mulheres no cenário internacional. Sua simbologia no calendário ratifica as inúmeras potencialidades desta categoria humana, à qual o patriarcado racista, capitalista, confessional e lesbofóbico se empenha em tornar invisível. Deste modo, “obsclarecem” as opressões destinadas às Rosas encarceradas na Penitenciária Feminina, sofrendo o crime de racismo institucional expresso pelo abandono familiar, pela esterilização, hipertensão, diabetes, outrora também manifestadas por meio de abusos sexuais e seletividade racial, neste espaço onde negras e não-negras estão em condição de desigualdade, haja vista que, segundo o Estado Penal, esta população não é “flor que se cheire”. Esta ideologia colonialista e patriarcal é arrogante ao feminismo de mulheres que se parecem socialmente com D. Joana, que acorda às 3 horas da manhã para vender na Feira de São Joaquim e, quando seu marido vem colocar banca, ela diz com honra: “Comigo, homem, você tem que mijar abaixado porque quem manda no meu barraco sou eu”. A resistência feminina em oposição ao androcentrismo também está flagrada no momento em que a lágrima de D. Amélia demora a cair ao refletir que neste seu momento de in-validez produtiva e de enfermidade irreversível, o tal marido descobre que não era ela a mulher que ele pediu a Deus. Em direção ao sagrado habitam também os pecados praticados pela Igreja e pelo seu guardião, o Estado, ao dar

oportunidade a que jovens pobres morram em consequência de aborto ilegal e desumanizado, decorrente da negação dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres brasileiras. Não obstante, em outra geração, as lágrimas das mulheres de comunidades vulnerabilizadas se confundem com as chuvas trazidas pela mãe Iansã que, igualmente, chora seus filhos mortos pelos grupos de extermínio, assassinados pela polícia e pelas clínicas clandestinas que compactuam com a mesma vontade cruel de interromper a vida das mulheres no aspecto subjetivo e físico, como se estas estivessem geograficamente naquela fábrica da Triangle Shirtwaist em Nova Iorque. Contudo, na trincheira da resignação, as mulheres conquistaram seus votos na cidadania representativa; assumiram prazer e amor pelas suas semelhantes; ensinaram políticas públicas focadas em gênero; clamaram pela equiparação salarial; e passaram “ânus” de revista vexatória ao visitar seus companheiros aprisionados. Em dias atuais as mulheres se mantêm firmes e fortes, trançadeiras de raiz, chefiando famílias, lavando as impurezas do mundo, no trabalho doméstico, na socialização de saberes e, por último, na linha de frente da tecelagem por um modelo de relações sociais igualitárias e poderosamente revolucionárias.



Passatempo: 7 erros by Comunidade Louva Deusas

Antes de continuar as leituras é bom se distrair, mas nem tanto! Observe atentamente as figuras abaixo e descubra quais são os 7 erros nas relações raciais e de gênero nas cenas representadas por mulheres negras no cinema e na tevê...

a) Século XX - coadjuvante.



b) Século XXI - protagonista.



Respostas -->

Eu considero que são os seguintes:

- 1º. erro: _____
- 2º. erro: _____
- 3º. erro: _____
- 4º. erro: _____
- 5º. erro: _____
- 6º. erro: _____
- 7º. erro: _____

Futilidades e Militância. Amar a nós como uma militância cotidiana.

Isis Aparzeida Conceição

Mulheres e make up, uma novela tão natural quando se é branca, mas e quando se é negra? Mas e quando você abraça a pesquisa? As coisas nunca mais são simples e naturais. Meu primeiro batom, comprei escondido, mãe não usava e não me deixava usar dizia que eu era muito criança pra usar batom. Ela não usava porque achava que nós não ficávamos bem de batom, na época não existiam cosméticos para negras e, “mulher negra com aquelas cores de branca ficam parecendo putas”. Lembro que com o surgimento da revista Raça Brasil eu descobri que existia maquiagens para negros. Minha mãe me deu o alvará e comprou um batom de uma marca divulgada na revista. Acho que ela comprou o batom mais por ser um produto onde eu afirmava a minha negritude do que por achar que eu podia usar maquiagem. Com aquela revista ela tranquilamente via que o mundo da maquiagem não seria mais uma possível fonte de frustração para a sua única filha. Eu não correria o risco de usar uma cor que me fizesse parecer puta.

O tempo passou e entrei na faculdade, com vinte anos. Durante a graduação surtei em compras de produtos, não bastava mais um batom só. Era o batom do dia a dia, o batom da festa séria, o da festa divertida. Descobria o mundo das cores, e dos “reboques” de rosto. Base de rosto para pele negra sempre foi uma surpresa. Lembro que as primeiras eram de péssima qualidade, tanto que eu comprava e nem usava. O problema era o “efeito fantasmilha” clássico que as jovens há mais tempo devem conhecer melhor. Assim, comecei a encher uma caixa de sapatos de maquiagem, hoje tenho duas caixas de sapatos com várias maquiagens. Mas porque eu estou contando meu épico com as maquiagens? Porque eu, me deparei com a incerteza sobre a minha cor numa situação inesquecível na meca do Multiculturalismo, Montreal-Quebec. Como esquecer, se até fotos eu tirei do Jardim do Éden que era aquela farmácia. Diferente da caríssima marca que eu costumava comprar aqui no Brasil, a qual só me apresenta três possibilidades de negritude, naquela farmácia existiam oito tons para pele negra. Fiquei fascinada, a diversidade resultante da aceitação da diferença estava explícita naquela prateleira do meu setor preferido, o de maquiagens.

Escolhi e como toda libriana indecisa pedi a ajuda de uma vendedora que passava por lá (é gente, as vendedoras lá não ficam de plantão em cima de você pra ver se você vai roubar ou não, elas te deixam se virar), mostrei a cor que eu pensava em levar, e a outra que me deixava em dúvida. Muito parecidas com a cor que eu usava no Brasil, e via como a minha cor. A vendedora imediatamente chamou a minha atenção: Você está com uma cor no mínimo três tons acima da sua cor natura do rosto. Além do mais você quer igualar o seu rosto com o seu pescoço ou quer uma cor igual a do seu rosto? Notei que a vendedora me entregou uma cor “MUITO clara”, tão clara que levei aquela e outra, num tom mais escuro. Chegando no Brasil, percebi a crueldade do nosso racismo capitalista. A mulher branca de Montreal sabia ver a minha cor mais do que eu, eu devia ter confiado nela e levado dois potes da cor que ela me indicou.

Perceber a crueldade do racismo brasileiro, que me condicionou a ignorância sobre as sutis diferenças que existem entre nós negros, por ignorar a nós como um todo, e perceber como ainda assim essa industria capitalista ignorante sobre nós se beneficia do nosso dinheiro é quase enlouquecedor. Tá certo que o nosso corpo é o alvo maior do racismo, seja no controle policial, seja nos produtos químicos que agredem o nosso cabelo, seja na ausência da afirmação de que existe uma beleza negra. Conversando com meu irmão, pensamos juntos sobre um novo espaço de militância. Nossas mães, tias, avós, primas mais velhas, nós, nos acostumamos a afirmar que o cuidado com o nosso corpo é tempo desperdiçado. Mas quem trouxe isso pra a nossa mente? “Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade.” Bell Hooks

O direito de ser bela é de todas nós, Osum dedica a sua vida a admirar-se, o que me deixa explícito que não vieram dos nossos ancestrais a forma como encaramos os nossos corpos no dia-a-dia. Assim como Osum, decidi espalhar espelhos pela casa e admirar o belo, admirar a mim. Pode parecer futilidade mas em uma sociedade racista que sutilmente controla nossos corpos, o espaço da beleza também é um espaço de militância. Todo dia eu penso nisso que merecemos esse direito que não é um luxo. Nós amar. amar nossos corpos, nos afirmar.

Asé



ASTRONAUTAS DO VARAL

Tielly Quçzn (parte de letra de música)

TODAS AS MULHERES ATACAM COMO COBRAS
VERDADEIRAS SERPENTES, DISFARCES "DA HORA"
TOMANDO O ESPAÇO DO GLOBO OCULAR
SE SUA CASA CAIR, ELAS VÃO LEVANTAR
SE SEGURA MEU IRMÃO QUE ELAS TÃO PRA
[CHEGAR
TOMARÃO CONTA DE TODA A CIDADE
MAIORIA ABSOLUTA DA SOCIEDADE
PROFISSÕES INVEJADAS, A NOITE É UMA CRIANÇA
POR FAVOR NÃO SE ENGANE, NÃO PERCA AS
[ESPERANÇAS
NA VIDA ELAS ATUAM DE FORMA IRREVERENTE
VERDADEIRAS ARTISTAS DO SUB-INCONSCIENTE
NASCEM COM TALENTO DESENVOLVEM A DEFESA
AO BRIGAREM SÃO UM TORMENTO DE FORÇA E
[BELEZA
MUITOS TÃO PASSANDO PARA O NOSSO LADO
BUSCANDO AS LUZES, ARMANDO O "BARRACO"
MUITAS MULHERES POSTIÇAS OU NÃO
CARREGAM UM FARDOS, NO PALCO UMA MISSÃO
TODOS AINDA ACHAM, MAS EU TENHO CERTEZA
A MULHER ESTÁ AQUI PRA SER DONA DO
[PLANETA!



Negro Tom

Luciana Dias

Insisto em freqüentar
Bibliotecas, Livrarias
Comissões, Delegações
Teatros, Museus
Sala de aula, universidade
Antigas salas de estar

Passo a catraca
E não sou mais invisível
Elemento suspeito
Fora de lugar

Você trabalha aqui?
Meu uniforme invisível
Origem, marca, cor
Simple presença
Causa desconforto
Ameaça poderes
O que é velado aparece

Sinto na pele
e a faço presente
Pele negra, máscara branca
Já dizia Fanon

Aos poucos tomamos a casa grande
Aos poucos tomamos os lugares de poder
Aos poucos te ensino a me ver
Sem sua máscara, como sou

Imponho minha presença
Provoco discussão
Reivindico o que é meu de direito

Mudo o tom
Do discurso
Dos atores
Dos bacharéis
Da literatura
Da graduação
Tudo ocupado
Com o negro tom

DOLORES DE MININA

Elis Regina Feitosa do Valç

Dolores...melanina minina...

aPRENHeensiva
a-prendida na faxina
...arrendida...
Aplaudia

à pau

o dia
di cagada...

melada uterina

l.. sem chão

nem asa
sem caxão

nem casa
c'um comichão

e náusea...
o ventre si arriba
e invadi o peito em cólica
na purgação do purgatório

Di istorá as bolha lacrimajêra
É mar na praia das olhêra
Chuva nas oreia das conselhêra...

E com pé-de-breque e freio-de-mão
No silêncio de uma poça sem água
ingole...

e sem gorfá
um bolo di figada
i vê...

sem podê encará
cachuerá

coxa abacho
.....morto....

no aborto.....
Pingumano gotegente

...i...é só...mais uma pisa da vida
em surdina
de Dolores...melanina minina...



Eparrei, Oya!

Tatiana Santos

eu venho no meio de tempos confusos
a ponte chamada minha pele anda lembranças do
que fomos
eu venho do meio de tempos distantes
um veio aberto de ébano e rubro
jorra as histórias do que somos

a urgência do ido é agora
dobra o peso das ausências construídas
como mãos que sem pele doem no tocar
e porque se doem se empenham em espalhar
dor como se fosse outra coisa
pólen, grãos de areia, desamor

mas a boca grita fora qualquer toque sem agô

eu venho por dentro de noites escuras
desde mesma até ser outra tem toda uma jornada
pelo cosmos
e se a outra vem surgida dos meus sonhos
se torna carne em minha carne
quando nossas almas tocam

a ciência do sentido é cálida
deságua o delta das certezas desmedidas
como foz que de tão cheia se derrama no roçar
e as margens não dão conta do que tentam abraçar
os braços molhados do rio correm
levam pedra, dor, saudades

mas o fundo do rio guarda a sombra das paisagens

(epílogo: a carne escura do rio tira um retrato da lua, e cola no fundo do rio seu rosto de lua negra. deitada de brilho na pele do rio, ela é tão linda que o céu chove raio. é cada clarão de raio!, que até rasga um dia no meio do céu. e assim a noite se veste de dia a cada 27 milésimos de segundo, e dança quieta como um dia antigo que acabou de se inventar.)

Trabalho Doméstico, qual o lugar do Feminismo Negro?

Quando analisamos a concretude dos sujeitos femininos na memória histórica, podemos perceber que a figura da mulher negra sempre esteve atrelada a Casa Grande, ela desempenhou um papel importante na estruturação social e na divisão hierárquica das escravas, a esfera privada de socialização, a grande casa patriarcal, se tornou o principal lugar de domesticação das mulheres escravizadas e foram essas escravas que garantiram o funcionamento da Casa Grande.

O modelo de exploração colonial exportou a força masculina para as grandes lavouras e a força feminina para o meio doméstico, gerando assim tempo ocioso para senhores e senhoras, utilizado, sobretudo na manutenção e legitimação do sistema escravista. O período aqui demarcado diz respeito somente a época das grandes lavouras, ou seja, o início da utilização da mão - de - obra escrava no Brasil.

Os afazeres domésticos e o cuidar dos filhos das sinhás, foi um forte condicionante privado de estruturação patriarcal e hierárquica, durante o período de escravidão, a regulação das relações entre senhoras e escravas, pautava-se no modelo de dominação de classes definido por padrões de superioridade e inferioridade, a negra escrava mesmo sendo considerada inferior foi quem, amamentou os filhos de suas senhoras que não queriam sacrificar seus brancos seios, ela cozinhou, ela limpou salas e quartos, ela lavou lavabos e roupas e acima de tudo ela educou os filhos brancos da classe dominante. E os filhos negros da classe dominada onde estavam?

Os papéis atribuídos à mulher escrava levam-nos quase que diretamente a um questionamento do discurso dominante sobre a condição da mulher negra em nossos dias. Como não pensar na negra assalariada, empregada doméstica, quando se discute que ao escravo era negada a possibilidade de uma vida privada? Porque a negra de hoje é a babá dos filhos da mulher branca burguesa ou

pequeno-burguesa, enquanto seus próprios filhos não existem ou percorrem soltos os morros e as ruas, principalmente das grandes cidades? A escravidão acabou, mas suas heranças estão presentes no cotidiano e nas experiências de vida das mulheres negras e no centro dessas experiências temos o capitalismo que se manifesta através da imensa capacidade que têm as classes dominantes, em todos os períodos históricos, de incorporar, até onde forem possíveis, os privilégios que lhes são próprios.

A atual situação da mulher negra é fruto de raízes históricas, cujo ideologia vigente ainda determina que o lugar da mulher negra seja a cozinha e a lavanderia, são os quartos arejados, as salas amplas, há três, quatro séculos atrás sua principal função era a do cuidado do lar das senhoras. E hoje século vinte e um? Andamos pelas ruas nobres das grandes cidades e ainda vemos crianças brancas sendo cuidadas por negras babás, ainda vemos jovens negras limpando vidraças e chão, varrendo calçadas, ainda vemos nossas mais velhas cozinhando para suas patroas, que são executivas, gerentes, diretoras, mulheres brancas que dizem não existir mais desigualdades de gênero, pois estão no poder, e naturalmente assimilam sua condição de privilégios.

Em uma atividade em sala de aula solicitei que a turma fosse dividida em dois grupos, um grupo foi denominado racista e o outro não racista, nesta atividade o debate foi proporcionado a partir das experiências das jovens (os) acerca do racismo, algumas frases chamaram minha atenção, por expressarem a dominação ideológica a qual estamos submetidas, uma jovem de 17 anos que fazia parte do grupo racista em um determinado momento do debate disse:

“Os negros nasceram para cozinhar, enquanto vocês lavam nossas privadas nós cuidamos de nossa família e estamos estudando”

... “Cozinhar, lavar, se não fosse nós os negros... Os brancos dependem de nós negros... Somos mais esforçadas que as brancas porque sabemos cozinhar, lavar e passar”
(Jovem negra de 17 anos)

Sou preta, jovem, feminista e formada em história. Minha avó foi empregada doméstica, minha mãe foi empregada doméstica, minhas tias são empregadas domésticas. Até quando nossas mulheres negras, sejam jovens ou velhas, terão como referência de suas gerações o trabalho doméstico?

Bergman de Paula Perzira



Cisma e sigilo

Fernanda Miranda

"Na cara da escuridão, corisco."

Silêncio no pardo
Silêncio nas claras.

Ela é Vento vermelho
vento de garras e panos
transparentes
nos meus cabelos
crespos.

Ê ê epa, Oiá ô.
Pra longe os mentirosos
daqui
Pra longe a falsidade
daqui
Afasta
De mim
Os traidores silenciosos
de Luizas Mahins.

Origem das panteras no pulso
alto:
mulher corisco sigilo e cisma.

sabe de cor os caminhos de minhas latas
d'água.

Orixá proteja e preteja.
- a bença Oiá

Minha beleza

Beijo, beijuda, bocuda, boca carnuda é o que há,
São traços da beleza negra que o silicone não pode
imitar

Você quer turbinar,

Peito, bunda e coxa,

Escravizada pela estética feito louca

E vem você falar, que é feio ser negra

Por que recria em ti, a minha beleza?

Diáspora africana pelo do mundo

sem perceber somos a raça do futuro

A dinastia das ruas é negra

E só cabe a você respeitar

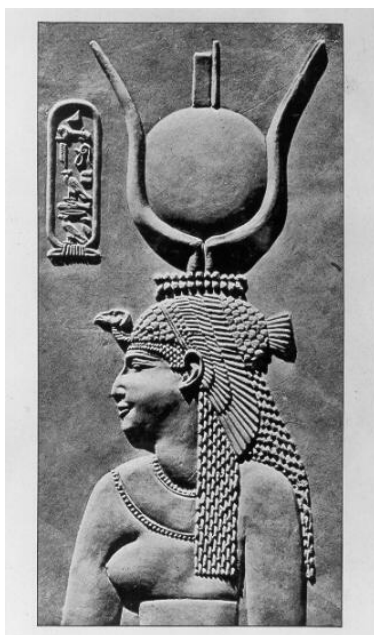
E não venha impedir a nossa herança real

Somos as Dandaras e as Nzingas da época atual

E não venha impedir a nossa herança real

Somos as Dandaras e as Nzingas da época atual

R♀.F♀m. (Revolta Feminina)



A COR DA

Consciência

20 de Novembro

Reparações já!

Esta data não pode mais passar em branco.

negrastivas@yahoo.com.br

*Que cada Mulher Negra, possa exercer
plenamente seu Direito a livre determinação
de seu destino, do seu corpo e de sua vida!*

*Que cada Negra Mulher em cada canto e
recanto do mundo possa viver sua orientação
sexual, sua sexualidade e a afetividade com
dignidade e soberania!*

*Que cada Mulher Negra possa perceber em si
um território de Direitos, de prazer, de poder,
de resistência, de beleza, de coragem, de
liberdade e AMOR!*

**Os Direitos Sexuais e Reprodutivos são
DIREITOS HUMANOS
São Direitos das Mulheres!!!!**



Minuto íntimo

Na vida diária, no corre-corre, desce e sobe, do ritmo frenético das nossas vidas, muitas vezes não paramos e nem dedicamos um minuto íntimo quando podemos olhar para dentro de nós mesmas e finalmente podemos refletir: Afinal como EU estou? Como EU me sinto?

Eu estou muito bem, eu estou chateada, algo me magou, alguém me persegue, alguém me faz sofrer, me sinto constantemente uma louca ... Pois, pare e pense: Quantas vezes seu colo foi conforto, seu sexo foi alimento, seu ombro travesseiro cheiroso, suas mãos trouxeram carinho e ajuda para prosseguir... Mas, e a SUA cabeça, ela doe com frequência? Seu sexo é uma área esquecida ou um motivo de irá? Sua canela foi raspada? Seu pé torceu? Te doeu o cotovelo? Você se olha no espelho e não tem mais coragem de olhar nos seus próprios olhos?

Mesmo acendendo velas, rogando pragas, fazendo oferenda ou bebendo tudo quanto é líquido mágico, hoje não desceu? Aquela pessoa tão amada te renegou? Você se sente a mais feia entre as feias? Se sente mais velha do que as outras garotas da sua idade? As costas doem e parece que está vestida numa roupa de concreto? Nem mesmo a droga mais alucinógena te tira dos problemas da vida “real”? Numa tentativa louca de ter um minutinho íntimo você se tranca no banheiro, leva a mão ao sexo e a masturbação é o único alívio/protesto e quando se dá conta já passou seu minuto e você num sexo sem ruído não escutou na mente a SUA própria voz?

Tomou chá de camomila, de melissa, de capim-santo, banho de sal grosso, banho de assento, xingou o patrão, mandou sua melhor amiga catar coquinhos, já cortou todo o pé de rosa- vermelha que Aquela pessoa te deu Naquele dia tão bonito, rasgou os livros opressores sobre a opressão, roubou um foguete e fugiu pra marte... barbare! Louca! Estúpida! Maluca! Mal amada! Do que vocês estão falando? Eu sou mais eu! Eu não preciso de ninguém! Você vai ver! O mundo roda! Volte aqui! Não me deixe falando sozinha feito uma louca! Escute eu não sou louca, viu!

Respire, conte até três, e no seu minuto íntimo saiba que você não está sozinha, somos gerações de mulheres negras, nossa ancestralidade pesa, mas nos ajuda a perceber que não estamos sozinhas nem na dor nem na delícia, o caminho é longo! Não permita que a invisibilidade do cotidiano violento que vivemos seja transformada em problemas íntimos NOSSOS...

Jackgling Aparzeida Ferrreira Romio

Saúde e Paz!

O Movimento de Mulheres Negras e a sua intervenção no Movimento Negro e no Movimento Feminista: o surgimento do pensamento negro feminista

As mulheres negras brasileiras têm uma trajetória de lutas por direitos que ainda é desconhecida pela sociedade. Uma história pouco divulgada por causa das discriminações de raça e etnia, bem como de gênero, intensificadas pelas de classe social e de geração, entre outras discriminações que agravam a situação de exclusão e vulnerabilidade social das mulheres negras. As mulheres negras lutaram contra o sistema escravista participando de diversas lutas, rebeliões, fugas e na constituição de quilombos, junto com seus companheiros; além disso, também pela prática do aborto, para impedir que seus filhos e filhas também fossem escravizados.

Ao longo de uma história de exploração social, econômica, extermínio e violência sexual e moral, várias lideranças lutaram contra o colonialismo, o sexismo, a ditadura nas Américas, o capitalismo selvagem. Mulheres como RAINHA NZINGA, ADELINA A CHARUTEIRA, ANASTÁCIA, ANA, AQUALTUNE, AUTA DE SOUZA, MARIA FIRMINA DOS REIS, MARIANA CRIOLA, ROSA MARIA EGIPCÍACA DA VERA CRUZ, TIA CIATA, XICA DA SILVA, LUÍZA MAHIN, ANTONIETA DE BARROS, CAROLINA DE JESUS, CLEMENTINA DE JESUS, LÉLIA GONZALEZ¹, entre outras, marcaram a história com sua atuação em defesa da dignidade humana da população negra. A Casa de Cultura da Mulher Negra, com a publicação da cartilha A Mulher Negra tem História, sistematizou e divulgou parte dessa história omitida pela sociedade racista.

Um importante movimento organizado ocorreu com o surgimento da Frente Negra Brasileira. A Frente Negra Brasileira foi fundada em 16 de setembro de 1931 e durou até 1937, tornando-se partido político em 1936. Foi a mais importante entidade de afro-descendentes na primeira metade do século, no campo sóciopolítico. De acordo com trecho extraído do depoimento de Francisco Lucrécio para o livro Frente Negra Brasileira².

"A Frente Negra foi um movimento social que ajudou muito nas lutas pelas posições do negro aqui em São Paulo. Existiam diversas entidades negras. Todas essas entidades cuidavam da parte recreativa e social, mas Frente veio com um programa de luta para conquistar posições para o negro em todos os setores da vida brasileira..."

Para Deise Benedito³, partes de discursos proferidos nos fins dos anos 40 já apontavam os caminhos a serem construídos pelas mulheres negras no Brasil, ao longo das décadas de 60, 70, 80 e 90, chegando ao século XXI, conforme segue:

A Frente Negra Brasileira tinha seu departamento feminino, que era responsável pela alfabetização de homens negros e mulheres negras, crianças e jovens. Esta se constituiu em um movimento de caráter nacional com repercussão internacional sendo então extinta em 1938,

Chindalza Barbosa

pelo então Presidente Getúlio Vargas, 50 anos após a Abolição. A Integração da Mulher de Cor na vida Social "A mulher negra sofre várias desvantagens sociais, por causa do seu despreparo cultural, por causa da pobreza, pela ausência adequada de educação profissional."

"O Conselho Nacional das Mulheres Negras terá um setor especializado em assuntos relativos a mulher e a infância, este departamento feminino tem como objetivo lutar pela integração da mulher negra na vida social pelo seu levantamento educacional cultural e econômico."

"Desejamos fazer funcionar imediatamente um curso de artes culinárias, corte e costura, alfabetização, datilografia, admissão, ginásio, e outros mais, contaremos com professores voluntários; será uma campanha voluntária para elevação educacional das mulheres negras."

As mulheres negras atuaram e influenciaram na constituição de quilombos e nas lutas contra o sistema escravocrata, teve influência na literatura brasileira, na inserção no mercado de trabalho, na luta contra a ditadura militar e redemocratização do país; nos espaços acadêmicos denunciou e denuncia as condições sociais das mulheres negras e da população negra, assim como, nos partidos políticos. Ao abordar as questões de classe social, gênero e raça, visando o combate da extrema desigualdade econômica, do sexismo e do racismo, não se pode ignorar a extrema exclusão e discriminação vivenciada pelas mulheres negra, além de questionar o interior do movimento feminista muito bem apresentados por Sueli Carneiro:

Qual foi história de opressão e violência vivida pela mulher negra? Quando

falamos do mito da fragilidade feminina, de que mulheres estamos falando? Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? Quando falamos que a mulher é um subproduto do homem, posto que foi feita da costela de Adão, de que mulher estamos falando?

Segundo Angela Gillian, 1996:

"o papel da mulher negra é negado na formação da cultura nacional; a desigualdade entre homens e mulheres é erotizada; e a violência sexual contra as mulheres negras foi convertida em um romance".

Estes são os resquícios do imaginário social e do falso mito da democracia racial, divulgada pelos meios de comunicação, nos livros didáticos escolares; na própria literatura ainda permanece ligada a uma representação extremamente negativa, invisibilizando a contribuição da mulher negra no país, além de sugerir que a mulher negra não tem história, sendo retratada como empregada doméstica, no papel de serviçal ou representada como um objeto de prazer.

¹ FONTE: COLETIVO DE MULHERES NEGRAS DA BAIXADA SANTISTA

² <http://www.quilombhoje.com.br/frentenegra/franciscolucrecio.htm>

³ <http://www.lpp-uerj.net/olped/acoesafirmativas/boletim/29/artigo.htm>

A Frente Negra Brasileira, ao se tornar um partido, foi proibida de continuar sua organização por conta da restrição política direcionada aos partidos no período de Getúlio Vargas no poder. Um outro movimento nacional com uma articulação parecida ocorreu em 1978, com o surgimento do MNU, neste temos os primeiros sinais de consagração do pensamento negro feminista.

O Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR) foi lançado em 18 de junho de 1978, no final da ditadura militar, para denunciar o racismo praticado pela sociedade, e assim confrontar o discurso do Estado Brasileiro, que se apresentava internacionalmente como exemplo de democracia racial. Vale salientar que o MNUCDR, posteriormente nomeado Movimento Negro Unificado (MNU), realizou e ainda realiza importantes contribuições históricas e políticas ao Movimento Negro contemporâneo garantindo a retomada política e ideológica do negro brasileiro após um período de repressão da sociedade brasileira por conta da ditadura militar.

Segundo Sueli Carneiro,

“o fato político mais importante do movimento negro contemporâneo foi aquele 07 de julho de 1978, porque tudo que ocorreu depois se referencia a esse ato de refundação do movimento negro contemporâneo. Muitas das organizações que existem hoje são releituras daquelas teses, porque a visão estratégica que se tinha naquele momento nos orienta até hoje” (2007, p. 148).

Vale destacar que no interior deste movimento várias mulheres atuaram ativamente na defesa dos direitos econômicos, sociais, políticos e culturais das mulheres negras. Estas organizaram Seminários⁴, intervieram nos Congressos do MNU e também na sociedade brasileira, em que puderam fortalecer a pauta da mulher negra. Neste período uma teórica (acadêmica) e militante do Movimento de Mulheres Negras Feministas foi Lélia Gonzalez. Ela foi fundadora (juntamente com outras/outras companheira/os do Movimento Negro Unificado (MNU); do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras do Rio de Janeiro (IPCN-RJ); do Nzinga Coletivo de Mulheres Negras; do Olodum (Salvador). Participou da primeira composição do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), de 1985 a 1989. Hoje, uma referencia para as mulheres negras sistematizou de maneira impar os questionamentos das mulheres negras para esta sociedade racista, sexista e extremamente desigual.

A partir de suas iniciativas e de outras mulheres importantes neste processo foram constituindo outros grupos, outras formas de se organizar nas atuações focadas na mulher negra, numa vertente cada vez mais, apesar de nem todas as mulheres negras se identificarem com a pauta do Movimento Feminista.

A Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras

“AMNB foi fundada em setembro de 2000 e é atualmente constituída de 23 organizações provenientes das diferentes regiões do Brasil. Criada com o objetivo inicial de permitir o protagonismo das mulheres negras durante o processo de realização da III Conferência Mundial contra o Racismo, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas (África do Sul, 2002). Após a Conferência a AMNB passa a se dedicar ao monitoramento das recomendações e do Plano de Ação e a

formulação de estratégias de desenvolvimento inclusivo para o Brasil, centradas na proteção e na promoção dos direitos; na geração de oportunidades no mundo do trabalho na cidade e no campo; na igualdade de tratamento na vida e no respeito à diversidade humana, sem racismo, sexismo, lesbofobia ou classismo seja para o Brasil ou para a América Latina.”

O Fórum Nacional de Mulheres Negras que surgiu a partir da realização do Seminário Nacional de Mulheres Negras do Brasil, que ocorreu no dia 28 a 30 de maio em São Paulo, reuniu 45 mulheres, representantes dos 19 estados brasileiros que participaram do III Encontro Nacional das Mulheres Negras realizado em 2001, em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Vinte e cinco observadoras e três delegadas de cada estado (sendo uma jovem e outra quilombola) participaram no intuito de avaliar o histórico nacional da atuação das mulheres negras, a participação em conferências mundiais das Nações Unidas e discutir políticas sociais diferenciadas para a mulher negra. Durante o seminário foi oficializado o Fórum Nacional de Mulheres Negras⁵.

Entre as diversas ações realizadas e que ainda desenvolve: O Fórum Nacional de Mulheres Negras, que reúne cerca de 40 organizações de 15 estados brasileiros, apresentou na 1ª Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial mais de 150 propostas. Entre elas, a sugestão de capacitação de médicos para o atendimento à saúde da mulher negra, o pedido de advogados para atuarem na questão da discriminação racial e no abuso sexual de mulheres, o atendimento das reivindicações das mulheres quilombolas e a participação mais positiva das mulheres negras nos meios de comunicação.

Por essas e outras razões, não mencionadas aqui por oportunidade e desconhecimento dessa militância ativa, e fundamental para as atuais conquistas na luta contra o racismo, sexismo e também, lesbofobia o Movimento de Mulheres Negras é fundamental o registro e disseminação dessa história que ainda poucas vezes tem essa oportunidade. Quando discutimos a história e cultura dos afro-brasileiros e africanos, uma política pública educacional muito bem sistematizada, precisamos nos atentar para contar uma história completa com a participação de mulheres, homens, jovens, idosas, adultas e crianças dentro de suas condições estes são pontos fundamentais para disseminação e registro numa que contemple o pensamento negro feminista já que busca a libertação dos povos, de todas as mulheres respeitando sua raça/etnia, idade, orientação sexo/afetivo, por uma sociedade verdadeiramente diversa nos espaços de poder, com uma vida com dignidade, uma sociedade respeitosa e comprometida com a vida humana.

⁴ I Encontro Nacional de Mulheres Negras do MNU (1991); Homenagem das Mulheres Paulistas à Winnie Mandela: Winnie é a face feminina da luta de libertação do povo sul africano (1991); Seminário Mulher Negra: Mito e Realidade, entre outras ações.

⁵ Ana Karla Dubiela é jornalista da Adital - Entrevista de Deise Benedito

25 de Novembro, Violência nada sutil e cordial: Pancada de amor dói, e muito!

Dor Alzira Rufino

A Violência Silenciada nada sutil e cordial ainda muito vivenciada pela maioria das mulheres e jovens negras.

Ainda fala-se nos partidos e movimentos sociais que a discussão do racismo e a violência contra a mulher negra divide, que devemos primeiro enfrentar a desigualdade social; que denunciar o homem negro por violência doméstica o cidadão enfrentaria uma sentença maior por ser agressor negro “precisamos antes de tudo conscientizar e chamar o homem negro para o debate”.

Entendo que a violência contra a mulher a pobreza e a exclusão no Brasil tem cor, e que é possível sim assumir o compromisso de denunciar para não mais aceitar pancada de marmanjo, seja homem adulto ou jovem.

O que significa para as mulheres e jovens mulheres negras apropriar-se dos instrumentos de direito para ter acesso à Justiça, fazendo cumprir leis que retiram os agressores de mulheres sobreviventes da violência doméstica o confortável refúgio da impunidade?

Delegacia da Mulher não pode ser perfumaria onde o racismo desestimula a denúncia.

Silenciar é espalhar a epidemia da violência doméstica praticada por homens adultos e jovens negros, contra as esposas, companheiras e as namoradas .. O legado de ontem ainda continua; nós ainda não conseguimos dar uma resposta às nossas antepassadas. Quantas morreram e as que sobreviveram trazem na alma e no corpo, feridas que não cicatrizam.

E o que dizer da violência normatizada praticada por jovens pais negros evadidos que não assumem a paternidade?

Colaborar com a idéia do ruim com ele, pior sem ele é dar continuidade a saga de nossas avós, perpetuando essa violência doméstica, nada sutil e cordial .

Neste século, nossas conquistas não podem mais aceitar o papel das mulheres e jovens heroínas que continuam aceitando a sobrecarga de trabalho duro por assumirem sozinhas o sustento do lar e dos filhos.

Basta da aceitação deste tipo de violência cotidiana em nossos lares onde se é conivente com o repasse da responsabilidade para as avós, as mães e as tias.

Queremos no futuro ver as crianças negras sendo filhas da mãe e do pai, com o direito de serem criadas e educadas por quem as gerou.

Queremos no futuro jovens negras contrariando as estatísticas:

Violência Doméstica, exploração do suor do nosso trabalho cometida pelos namorados e companheiros negros, doenças venéreas, AIDS, gravidez precoce, até quando?

Não podemos deixar-nos contaminar por essa bactéria, idéia do patriarcado de ontem, ainda bastante enraizada no seio das famílias negras e que destrói nosso sangue, nossas células, nossa mente.

Violência Silenciada nada sutil e cordial ainda vivenciada pela maioria das mulheres e jovens negras, não podemos mais aceitar.

Afinal, pancada de amor, seja lá de quem for, dói e muito!

Pele Preta, apenas...

Alzira Rufino

Mulher Negra
base forte
pedacinho de céu nublado, sempre sujeita a chuvas e
trovoadas.
História viva.
o hoje.
páginas que o tempo não consegue amarelar.

Mulher Negra,
história de resistência,
sobrevivência,
coragem.
Averso proposital.
rumo na condução da história,
transporta a sua comunidade,
rainha absoluta, soberana
antes e depois da mesa.
No lutar pelo Ser igual, sem ser banal.
Levas a vida, como os versos para uma canção
Raio de sol na noite.
Não importa de onde, nem para onde.
É a estrela da noite na madrugada.
a guerreira militante, anônima.
Desafiando o tudo errado, no meio do fogo cruzado.
Crescer no Ser Mulher negra
Esse medo que machuca,
essa indiferença que mata.
Se você reside num perímetro não permitido,
Seu vizinho, você nem sabe quem tu és.
Pele preta, apenas...
Mentindo sempre para o seu coração:
"É assim mesmo, coisas da pele preta".
O tiro perdido ou pensado,
Todos os dias.
Famílias separadas.
Tentam calar tua discordância e revolta.
Balas, não no papel celofane,
mortíferas, um não à vida,
Sua briga com o mundo
Falar pra quem?
Pele preta apenas...
Mudam o jogo de repente.
Deixam-te trocando passos sem sentido
Tiram pouco aos poucos, a tua esperança
Cravam a lamina forte em seus sonhos
E falar pra quem?

Começo de um novo dia.
Se foi a noite.
E a vida, não faz amor com você
Páginas que o tempo amarela
É tudo tão lento.
A chuva não molha o teu coração
Refresca às vezes teus sonhos de verão.
Pele preta, apenas.



“Nossos passos vêm de longe...”

por Latoya Guimarães (Diálogo Jovem, 2008)

Rumo ao I Encontro Nacional de Jovens Feministas, por vezes fomos surpreendidas com questionamentos que interpelava-nos sobre o lugar de onde falávamos; ouvíamos: de que lugar as Negras Jovens Feministas estão falando? Nossa resposta não poderia ser outra: falamos do lugar das indocumentadas, aquelas de quem a história “oficial” não cita nomes nem sobrenomes; as resistentes Mulheres Negras seqüestradas em África e escravizadas no Brasil, as guerreiras quilombolas, as sobreviventes do 14 de Maio de 1888.

Muito pouco foi escrito sobre as lutas emancipatórias dessas Mulheres Negras e esse pouco do que sabemos foi nos transmitidos por nossas griots acervo ancestral vivo que com sua sabedoria preservaram histórias e segredos de Yabas, da dialeticamente matricialidade africana de GUELEDES E YALODES; de negras mulheres cujas existências foram profundamente marcadas e diferenciadas pela resistência a opressão de raça e gênero impostos pelo regime escravista, patriarcal e capitalista.

Negras Mulheres CANDACE que se insurgiu contra o status que durante séculos relegou a heróica resistência negra feminista a invisibilidade. Negras mulheres que romperam com o silêncio envolto do “matriarcado da miséria” e tomou para si a responsabilidade de reescrever a história a partir de um novo referencial do ser mulher fundamentada na experiência histórica a qual as mulheres negras estiveram submetidas.

Percorrido boa parte do caminho de perguntas e respostas que não se esgotam temos a compartilhar um pouco das descobertas são registros ainda carentes de reconhecimento oficial, que narram à trajetória de negras mulheres resgata nomes e sobrenomes como o de Rainha N’zinga, Aqualtune, Anastácia, Luiza Mahim, Maria Firmina dos Reis, Auta de Souza, Mãe Aninha, Mabel Assis, Antonieta de Barros, Laudelina de Campos, Glaucia Matos, Carolina de Jesus, Mãe Menininha, Lélia Gonzáles, Alzira Rufino, Mãe Beata de Iemanjá, Alice Walker, Edna Roland, Luiza Bairos, Matilde Ribeiro, Ângela Davis, Fátima de Oliveira, Mãe Silva de Oxalá, Sueli Carneiro, Vilma Reis, Elena Teodoro, Lucia Xavier, Cida Bento, Mãe Estela, Benedita da Silva, Ivete Sacramento, Jurema Batista – nossa, são tantas que certamente não lembrei alguma importantíssima!!!

Quem não leu as lembranças de Olga de Alaketu, precisa ler, porque, para entender estrelas, as nossas estrelas, é preciso recorrer às suas lembranças.

Nesse resgate histórico contamos com a solidariedade de quem sabia que precisávamos saber o espaço que o ser Negra ocupava no universo feminista, para, então, poder nos posicionar como sujeitas de um processo, onde, só desejamos estar se na condição protagonistas de pensadoras e executoras; postas as angustias, dadas algumas respostas, e formuladas outras tantas que sabemos teremos que buscar construir as respostas no espaço e no tempo Negro Feminista; então, tomamos a decisão de assumir a realização do I Encontro Nacional de Jovens Feministas como um agenda prioritária das Negras Jovens.

Decisão política tomada havia muito trabalho a ser feito e precisamos nos organizar para coletivamente garantir nossa presença e influência no I Encontro Nacional de Jovens Feministas, assim, chamamos uma reunião com todas as Negras Jovens Feministas organizadas em coletivos e organizações negras e definimos uma pauta comum rumo ao I Encontro Nacional de Jovens Feministas que incluía: construção de uma carta documento prévio ao encontro, ter negras jovens participando da comissão organizadora, ter negras mulheres como expositoras e palestrantes nas atividades do encontro, realizar um grupo focal entre as negras jovens presentes no encontro, produzir um fanzine com contribuições coletivas e buscar apoio para garantir a presença das Negras Jovens no I Encontro Nacional de Jovens Feministas.

Em Março de 2008, lançamos uma Carta Aberta que em seu primeiro parágrafo cumprimenta os 20 anos de resistência do Movimento de Mulheres Negras contemporâneo, e dialoga com os feminismos e as juventudes;

A presença Negra Jovem se fez presente em toda a concepção do I Encontro Nacional de jovens Feministas. “Demarcamos nosso espaço político e enegrecemos o debate” nossa cara preta, nosso pensamento negro feminista influenciou toda a proposta política a carta de princípios da Articulação Brasileira de Jovens Feministas, no Diálogo inter-geracional, nos painéis expositivos, nas plenárias, nos grupos temáticos, no grupo específico de Feminismo Negro, onde, criamos um momento nosso para falar de nós e entre nós sobre o sentimento que nos levou até o encontro, nossa participação, nossas perspectivas de atuação e fortalecimento das Negras Jovens Feministas e a definição da realização de um Encontro Nacional de Negras Jovens Feministas, enfim, sobre nossos desejos de construir relações e alianças solidárias e de parceria com jovens feministas que compartilhavam diferentes identidades étnicas e políticas.

Concluimos que o X Encontro Feminista Latino Americano e Caribenho foi uma Marco político referencial o despertar de nossa identidade política de Negras Jovens Feministas referendamos dois importantes momentos do X EFLAC como essenciais, sendo, a Reunião “Mulheres Negras Anônimas em Movimentos” & a Oficina

desafios e perspectivas” cuja realização possibilitou uma diálogo entre negras mulheres de diferentes gerações e lugares; as vozes de negras mulheres reafirmando suas identidades Negra Feminista teve efeito autorizativos para que assumíssemos nosso Jovem Feminismo Negro, porque não desejávamos criar nada que fosse destoante da luta negra feminista empreendida até aquele momento, reconhecíamos e nos orgulhávamos da história de nossas heróicas Negras Feministas desejávamos vivenciar a transmissão de conhecimentos inter geracional e compartilhar dessa história Negra Feminista marcada pela dor, pelo abandono, pelas ausências mais escrita com autonomia com rebeldia e verdades que rompem com o mito e inverdades históricas.

A postura política de autonomia e enfrentamento adotada pelas Negras Jovens no I Encontro Nacional de jovens feministas gerou tensões que desafiaram as jovens feministas a refletir a diversidade e as desigualdades do movimento feminista e de juventude, as Negras Jovens trouxeram elementos provocativos ao debate que revelavam a omissão histórica do feminismo com a luta de combate ao racismo e reclamavam outra atitude e relação entre mulheres que se pautasse pela solidariedade e responsabilidade com a libertação de todas as mulheres porque a luta feminista pela emancipação das mulheres é e deve ser uma luta contra toda a forma de opressão que limite a liberdade e autonomia das mulheres.

Um novo livro da história das mulheres está sendo escrito a muitas mãos e versões mão negras, mãos orientais, mãos indígenas, mãos brancas, mãos jovens mãos lésbicas formam uma grande concha de retalhos de versos, de cantigas, de rimas de prosa são as diferentes formas que as mulheres escolheram para contarem suas histórias e nesse livro escrito pelas sujeitos ocuparemos o lugar de SANKOFA para tanto se faz necessário nomear minhas cúmplices nessa caminhada as NEGRAS JOVENS as novas formuladoras do pensamento Negro Feminista, sem as quais essa construção jamais teria sido possível; não poderia deixar de citar: Elenira Oninja, Jackeline Romio, Janaina REFEM, Lia Lopes, Camila Galdino, Larissa Amorim, Chindalena Ferreira, Fabiana Franco, Rebeca Tarique, Carla Akotirene, Jacqueline Cipriany, Mafoane Odara, Thais Zimbabwe, Raquel Quintiliano, Alline Andrade, Lia Maria, Vanessa Becos, Cássia Donato, Marta Almeida, Lajara Janaina, Luana Marley, Fernanda Ribeiro, Ranoy, Deise Queiroz, e tantas outras cujos nomes me falha a memória, mais que também estão nessa trajetória.

Sim nossos passos vêm de longe, são passos presentes no ontem, no hoje e projetados para o amanhã, o futuro.

“NOSSO FEMINISMO SE INSPIRA NA LUTA DAS GUERREIRAS AFRICANAS”

Eu, Mulher jovem Negra,
Resisto
e
Registro!

Negras jovens Feministas de Pernambuco (Inimíglês)

Xica da Silva, Pagu, Clementina
trovejam Tati Quebra-Barraco.
Pagu, Tati Quebra-Barraco, Xica da Silva
fazem o parto de Clementina
Clementina, Xica da Silva, Tati Quebra-
Barraco
fundam a República Pagu.
Tati Quebra-Barraco, Clementina, Pagu:
Quem tem medo de lobo mau?

Fernanda Miranda



Salve Lélia!

Salve Lélia!!!

EXPEDIENTE:

Organizadoras: Jackeline Romio e Chindalena Barbosa
Edição: Jackeline Romio

Autoras dos textos na ordem e e-mails:

Negras da Bahia! (negrasdabahia@yahoo.com.br)

Carla Akotirene (karlaacotirene@yahoo.com.br)

Com. Louva Deusas (louva_deusas@yahoo.com.br)

Isis Apª Conceição (isisapc@hotmail.com)

Tielly Queen (tiellyqueen@gmail.com)

Luciana Dias (lucianabira@gmail.com)

Elis Regina F. do Vale (efeitosadovale@yahoo.com.br)

Tatiana Santos (dissonante@gmail.com)

Bergman de Paula Pereira (bergpreta@gmail.com)

Fernanda Miranda (fernandaromi@yahoo.com.br)

Re. Fem (janainaso@hotmail.com)

Negras Ativas (negrasativas@yahoo.com.br)

Jackeline A. F Romio (jackieisis@hotmail.com)

Chindalena Barbosa (chindalena@gmail.com)

Negras Jovens Feministas de Pernambuco/

Himgles(himgles_mily@hotmail.com)

Latoya Guimarães (latoyaguimaraes@gmail.com)

Participação especial: Alzira Rufino

Arte: Jacki Brown

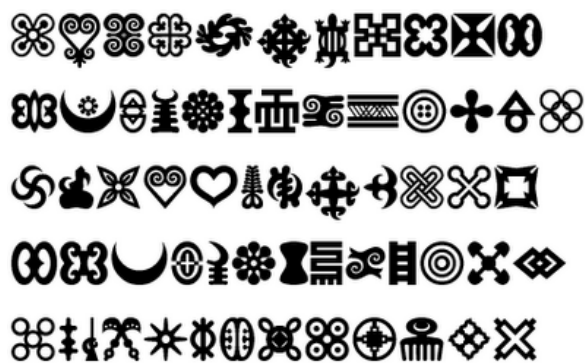
Operacionadoras do Encontro: Deise Queiroz, Bia Leonel, Jack Montenegro, Himgles, Jackeline Romio, Chindalene Barbosa, Ilka, Carla Akotirene e Naiara Leite , Tatiana Santos...

Apoiadores:

Xerox do CRUSP; UNEB; Associação Frida Kahlo; Fundação Friedrich Ebert; CEAFFRO; Secretaria de promoção da Igualdade- BA; Deputado Luiz Alberto; UNIFEM; UNFPA.

Este encontro é uma realização da Articulação de Nacional de Negras Jovens Feministas!

Salve a todas as guerreiras! ♣



Anexo 4- Roteiro de entrevistas**ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS**

1. Idade: Escolaridade:
2. Mora com alguém ou mora sozinha? Origem familiar, bairro.
3. Profissão do pai e da mãe.
4. Como se classifica quanto a raça/cor:
5. Como você se interessou pelo ativismo?
6. Faz parte de algum grupo ativista?
7. O que é ser feminista para você?
8. E você se considera feminista?
9. Como você define sua orientação sexual? Já teve experiências homossexuais ou já teve experiências heterossexuais?
10. Você tem namorado (a)?
11. Ao se relacionar afetivamente e/ou sexualmente têm preferências por negros(as) ou brancos(as) ou isso não faz diferença? Por quê?
12. Quando você sai para se divertir e paquerar gosta de se vestir como? A sua maneira de se vestir ajuda na hora da conquista?
13. Se conhecer alguém numa noite teria relações sexuais nesse primeiro dia ou não? Por quê?

14. Você acha que sua aparência/corporeidade influencia na hora da conquista de que forma? Negativamente ou positivamente?

Apresentar as duas frases: *“Preta para trabalhar, mulata para fornicar/fuder e brancas para casar”* e *“Mulheres negras são mais quentes”*.

1. Já ouviu essas frases ou algo parecido? Comente, por favor?v

2. Você pode falar um pouco a respeito do que já ouviu sobre sexualidade de mulheres negras. E em comparação a outras mulheres? Ou nunca identificou essas diferenciações? O que você pensa sobre isso?

Se foi identificado alguma diferença na questão 2, continuar.

3. Como você percebe/identifica o discurso que diz que a sexualidade das mulheres negras é diferente de outras mulheres?

4. Faz diferença a idade/geração para esse discurso? E a condição econômica?

5. Essas questões já influenciaram algum relacionamento afetivo-sexual seu?Como?